

---

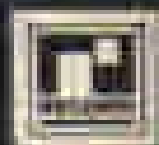
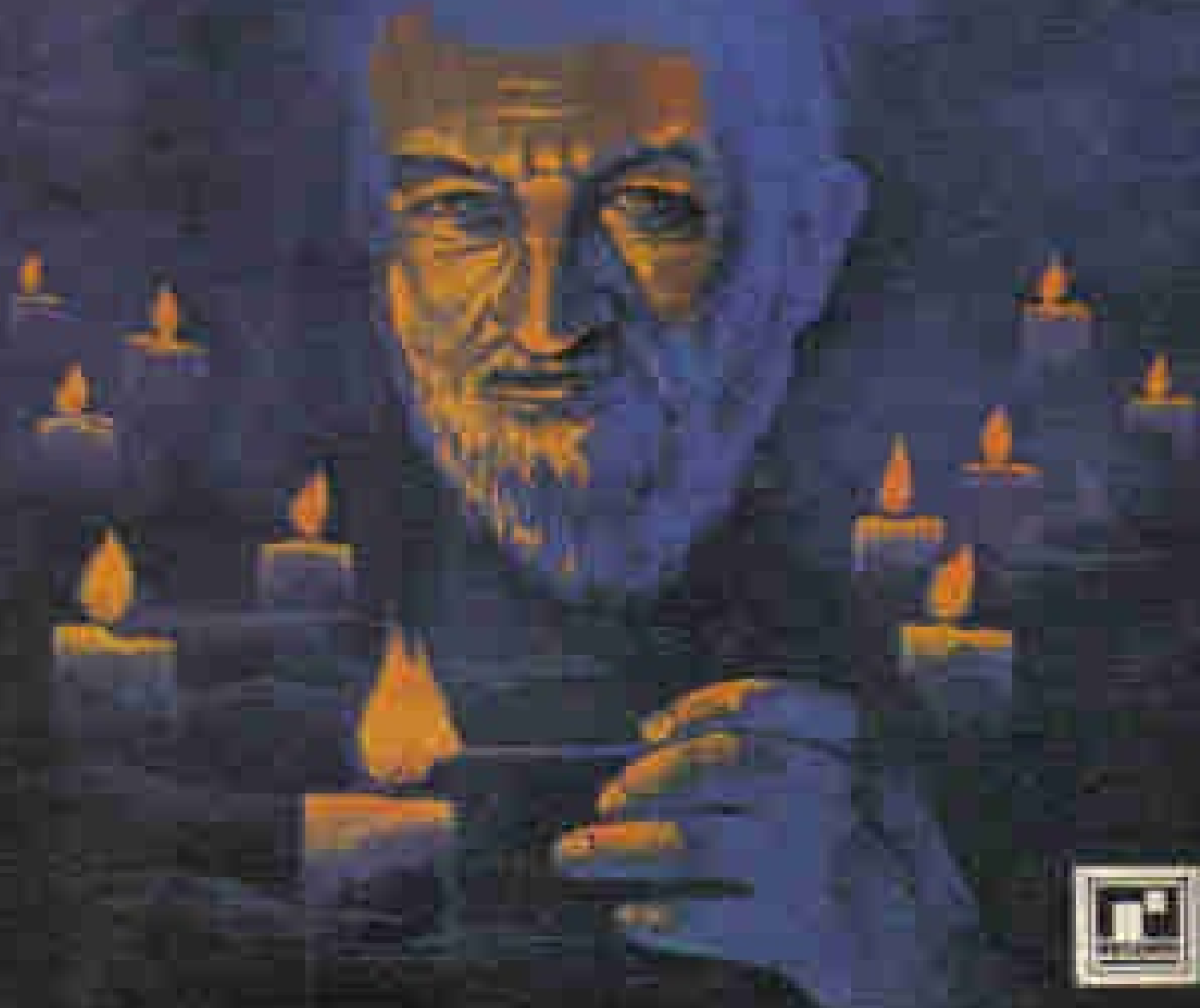
**LOBSANG RAMPA**

AUTOR DE "A TERCEIRA VISÃO"

---

# A CHAMA SAGRADA

7.ª EDIÇÃO



---

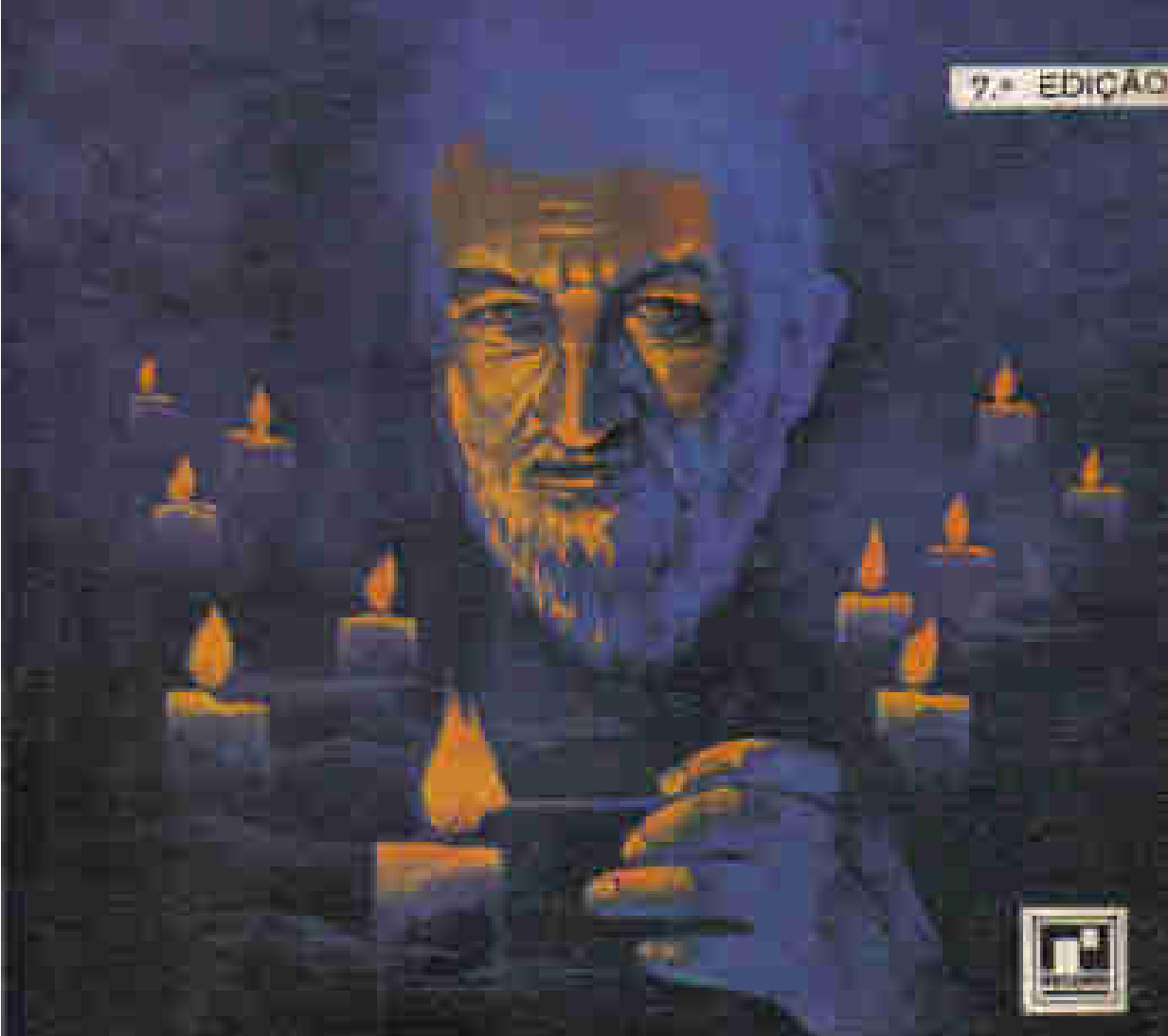
**LOBSANG RAMPA**

AUTOR DE "A TERCEIRA VISÃO"

---

# A CHAMA SAGRADA

7.ª EDIÇÃO



LOBSANG RAMPA A Chama Sagrada

6ª. Edição Tradução de RUY JUNGMANN EDITORA RECORD Dedicado a: Cleópatra, a mais inteligente pessoa que conheci e a Tadalinka, a mais clarividente e telepata. Estas pequenas gatas siamesas mostraram grande compreensão e simpatia. Jamais digam, na minha presença: "Estúpidos animais." Elas são PESSOAS, inteligentes e civilizadas. A Verdade das verdades. A CHAMA SAGRADA Serão economizadas muitas palavras se eu lhes disser por que escolhi este título. Afirma-se que "É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão".

Nos meus primeiros dez livros tentei acender uma vela, ou, possivelmente, duas. Neste, no undécimo, tento alimentar as chamas. ÍNDICE

1.....QUANTO MAIS SE APRENDE, MAIS SE  
PRECISA APRENDER... 2.....NUNCA  
RESPONDA ÀS CRÍTICAS: FAZÊ-LO IMPLICA DEBILITAR SEU  
ARGUMENTO 3.....EMBORA PERTO A  
SENDA CORRETA, LONGE PROCURA-A A HUMANIDADE 4.O  
ÊXITO É A CULMINAÇÃO DE TRABALHO ÁRDUO E DE  
PREPARAÇÃO EXAUSTIVA 5. CEM HOMENS PODEM CONSTITUIR  
UM ACAMPAMENTO; BASTA UMA MULHER PARA CONSTRUIR  
UM LAR 6.....O TEMPO É A COISA  
MAIS VALIOSA QUE UM HOMEM PODE DESPENDER 7.FAÇA MAL  
AO PRÓXIMO E FARÁ MAL A SI MESMO  
8.....SE VOCÊ NÃO ESCALAR A  
MONTANHA, NÃO PODERÁ VER A PLANÍCIE  
9.....LEMBREM-SE DE QUE A  
TARTARUGA SÓ PROGRIDE QUANDO ESTICA O PESCOÇO  
10.....NÃO SE PODE POLIR A GEMA  
SEM ATRITO NEM APERFEIÇOAR O HOMEM SEM PROVAÇÕES  
11.....É PRECISO CONSERVAR A BOCA  
ABERTA DURANTE MUITO TEMPO ANTES QUE PARA ELA VOE  
UMA PERDIZ ASSADA . 12. SE VOCÊ NÃO ACREDITA NOS  
DEMAIS, COMO PODE ESPERAR QUE ACREDITEM EM VOCÊ?

A RAÇA DE TAN De cobre é este homem, Um homem de brancura diuturna, Amarelo é esse homem, Homem da escura noite... Das quatro principais cores, Todas conhecidas como Homem, Virá a unidade do

amanhã Formando a Raça de Tan. Poema de W. A. de Munnik Edmonton, Alberta, Canadá

CAPÍTULO 1 QUANTO MAIS SE APRENDE, MAIS SE PRECISA APRENDER A carta era curta, seca e não se perdia em rodeios: "Senhor", dizia, "por que desperdiça tanto papel em seus livros? Quem é que gosta de ler essas descrições bonitinhas sobre o Tibete? Diga-nos, em vez disso, como ganhar o Sweepstake irlandês." A segunda explorava, muito bem, o mesmo tema. "Querido Dr. Rampa", escrevia o impudente jovem. "Por que perde tanto tempo escrevendo sobre a PRÓXIMA vida? Por que não nos ensina a ganhar dinheiro nesta? Quero saber como ganhar dinheiro, agora. Quero saber como obrigar as moças a fazerem o que eu quero, agora.

Que me importa a próxima vida, se estou ainda tentando viver esta?" O Ancião pos de lado as cartas e reclinou-se, sacudindo tristemente a cabeça. "Só posso escrever à minha maneira", disse. "Estou escrevendo sobre a VERDADE, não sobre ficção. Neste caso..." O nevoeiro cobria, espesso, o rio. Tentáculos de bruma rodopiando, enroscando-se, cheirando a esgoto e a alho, estendiam antenas amarelas de um lado para outro, como criatura viva à procura da entrada de uma habitação. Da água invisível subiu o apito urgente de um rebocador, seguido pelos gritos furiosos dos paióis franco-canadense. No alto, um sol vermelho-escuro lutava para perfurar a escuridão mal-cheirosa. O Ancião, sentado em sua cadeira de rodas, olhou enojado em volta do úmido edifício. A água gotejava tristemente de alguma apodrecida parede de concreto. Uma brisa passageira acrescentou nova dimensão ao mundo de odores conjurado pelo nevoeiro — cabeças de peixe podres. "Pah!" murmurou o Ancião. "Que lixo nojento!" Com esse profundo pensamento, impulsionou a cadeira de volta ao apartamento e fechou a porta. A carta deslizou pela caixa do correio. O Ancião abriu-a e fungou: "Corte de água hoje à noite", disse, "e tampouco aquecimento." Em seguida, como se lhe ocorresse um segundo pensamento: "E diz que durante algumas horas não haverá luz em virtude do rompimento de uma tubulação, ou alguma outra coisa."

"Escreva outro livro", disse o Povo do Outro Lado da Vida. E assim o Ancião, o Ancião da Família, saiu à procura de sossego. Sossego? Rádios estridentes, trovejantes altas-fidelidades, e crianças guinchando em todo o edifício. Paz! Transeuntes de boca aberta olhando pelas janelas, batendo em portas, exigindo respostas a perguntas estúpidas. Um monte de lixo onde

não há paz, um bloco vazio onde coisa alguma é escrita sem um esforço imenso. Um cano vaza. Comunica-se. Muito depois, chega um bombeiro para examiná-lo pessoalmente. Comunica o fato ao superior, o Superintendente do Edifício. ELE vem ver antes de comunicar "ao Escritório". "O Escritório" comunica o fato ao seu Superior. Ele apanha o telefone e há uma conferência. Muito mais tarde, chega-se a uma decisão. É transmitida do "Escritório de Montreal" ao Superior, que diz ao Superintendente do Edifício, que diz ao bombeiro, que diz ao inquilino, "Na próxima semana, se tivermos tempo, nós o consertaremos." "Um nojento monte de lixo" foi assim que uma pessoa o descreveu. O Ancião não dispõe de modo assim tão delicado de descrever o lugar. Atos falam mais alto do que palavras. Muito antes de expirar o contrato, o Ancião e Família partiram para não morrer em ambiente tão esqualido. Jubilosos, voltaram à Cidade de Saint John, onde, em virtude das pressões e tensões de Montreal, o estado do Ancião piorou rapidamente até que, muito tarde da noite, um telefonema urgente pediu uma ambulância, um hospital...

A neve macia descia mansamente como pensamentos que caem dos céus. Uma leve camada de branco criou a ilusão da cobertura de um bolo de Natal. No exterior, os vitrais da catedral brilhavam na escuridão e lançavam vermelhos, verdes e amarelos vivos sobre a neve que caía. Bem de leve, subiram os sons de um órgão e o cantochão sonoro de vozes humanas. Mais alto, diretamente abaixo da janela, veio a música de um gato cantando ardentemente de amor. O chiado de pneumáticos na rua coberta de neve, o clangor metálico de portas de carro que se fechavam, o ruído baixo de pés calçados de galochas. Um novo grupo a caminho da missa vespertina. As batidas solitárias do sino tenor, exortando os atrasados a que se apressassem. Silêncio, salvo pelo zumbido abafado do tráfego distante na cidade. Silêncio, salvo pelo gato amoroso a cantar sua canção, parando à espera de uma resposta, recomeçando. Através de uma vidraça quebrada da catedral, destruída por um vândalo adolescente, um vislumbre do sacerdote em vestes talares à frente de solene procissão, seguido por garotos do coro, gingando e brincando, cantando e soltando risinhos ao mesmo tempo. O som do órgão elevouse e diminuiu. Logo depois, o sussurro de uma voz solitária entoando antigas preces, o rolar do órgão e mais uma vez, um vislumbre das figuras nas suas opas voltando à sacristia. Logo depois, o som de numerosos passos e a batida de portas de automóvel. O seco latido

de motores que pegavam, o arranhar de engrenagens e o chiado de rodas enquanto os veículos em torno da catedral afastavam-se no início de uma nova noite. No grande edifício as luzes foram apagadas uma a uma até que, por fim, somente restou a pálida lua, dardejando seus raios de um céu sem nuvens. Parara a nevasca, os fiéis haviam desaparecido, e até mesmo o ansioso gato se afastara em sua eterna busca. No hospital, situado em frente da catedral, a turma da noite entrava em serviço. No Posto das Enfermeiras, defronte dos elevadores, um solitário interno dava instruções de último instante sobre o tratamento de um doente grave. As enfermeiras conferiam as bandejas de drogas e pílulas. Irmãs escreviam seus relatórios, enquanto um enfermeiro afogueado explicava que se atrasara porque fora detido por um policial, acusado de excesso de velocidade. A pouco e pouco, o hospital preparou-se para a noite. Avisos de "Nenhum desjejum" foram afixados às camas dos pacientes que deviam ser operados no dia seguinte. Numerosas luzes morreram. Atendentes de branco dirigiram-se para uma cama escondida por um biombo. Silenciosamente, uma maca de rodas foi levada para trás do biombo. Grunhidos quase inaudíveis e instruções murmuradas, e uma figura imóvel, inteiramente coberta por um lençol, saiu empurrada. Sobre rodas sussurrantes, o fardo foi cuidadosamente transportado pelo corredor. Atendentes silenciosos esperaram até que o elevador parasse e, como se motivados por um único pensamento, os dois moveram-se em unísono e empurraram a maca para o elevador, a caminho do necrotério no porão e ao grande refrigerador que parecia um imenso arquivo, o repositório de tantos corpos. As horas arrastaram-se parecendo que cada relutante minuto abominava renunciar ao seu curto tempo de vida. Aqui, um paciente respirava em estertores; ali, outro virava-se na cama e gemia de dor. De um cubículo lateral, saiu uma voz rachada de velho, chamando incessantemente a esposa. O leve chiado de solas de borracha sobre o assoalho de pedra, o ruge-ruge de tecidos engomados, o estalido de metal contra vidro e a voz lamentosa cessou e foi, em seguida, substituída pelos roncões que subiam e desciam no ar noturno. Na rua, a sirena insistente de um carro de bombeiros levou muitos pacientes insones a perguntar-se "Onde teria sido?", antes de recaírem na introspecção e no medo do futuro. Através da janela entreaberta chegou o gorgolejar áspero de um farrista retardatário, vomitando violentamente nas lajes da rua. Uma praga abafada no momento em que alguém lhe gritou e uma fieira de avemarias quando os

vapores do álcool o fizeram vomitar novamente. O Anjo da Morte continuou na sua piedosa missão, levando descanso ao torturado sofredor, encerrando, por fim, a luta sem esperança de uma pessoa devastada pelo câncer. Os estertores cessaram e ocorreu uma rápida e indolor contração quando a alma deixou o corpo. Os atendentes com a padiola de rodas sussurrantes aproximaram-se mais uma vez, e uma segunda. Ele, o ultimo, era um conhecido político. Pela manhã, a imprensa sensacionalista daria uma busca em seus arquivos e publicaria as habituais inexatidões e deslavadas mentiras — como sempre. Num quarto debruçado sobre o pátio da catedral e de onde um vislumbre passageiro podia ser obtido do mar na baía de Courtenay, o velho budista jazia inerte, acordado, sofrendo dores. Pensando, pensando em muitas coisas. Um ligeiro sorriso brincou-lhe nos lábios e logo desapareceu ao pensar no incidente ocorrido cedo naquele dia. Uma freira entrara, uma freira de aparência mais santa do que a habitual. Olhou com tristeza para o velho budista, com uma lágrima brilhando nos cantos de cada olho. Tristemente olhou-o e deulhe as costas. — O que é que há, irmã? — perguntou o velho budista. A senhora parece muito triste. Ela encolheu os ombros e exclamou: — Oh! É triste. O senhor irá diretamente para o inferno! O velho budista sentiu que a boca se lhe abria de espanto. — Direto para o inferno? — perguntou, curioso. — Porquê? — Porque o senhor é budista, e apenas os católicos vão para o céu. Outros cristãos vão para o purgatório. Budistas e outros incrédulos vão diretamente para o inferno. Oh! Um velhinho tão bom como o senhor, e ir diretamente para o inferno. É tão triste! — Apressadamente saiu, deixando ao espantado velho budista uma charada para decifrar. O Anjo da Morte continuou sua obra, entrou no quarto e olhou para o velho budista. O Anciã devolveu-lhe o olhar. — Libertação, por fim, hem? — perguntou. — E já era hora. Pensei que você nunca viria. Suavemente, o Anjo da Morte ergueu a mão direita e estava prestes a colocá-la sobre a cabeça do Anciã, quando, de súbito, o ar do quarto estalou e uma Figura Dourada apareceu na escuridão azulada das sombras da meia-noite. O Anjo deteve a mão a um gesto do Visitante. — Não, a hora ainda não chegou! — exclamou a amada voz. — Há mais a fazer antes de voltar para casa. O Anciã suspirou. Nem mesmo a visão do Lama Mingyar Dondup podia consolá-lo do prolongamento ulterior de sua estada na terra, uma terra que o tratara tão mal graças ao ódio nutrido e encorajado por uma imprensa pervertida. O Lama Mingyar Dondup voltou-

se para o Ancião e explicou: — Há ainda outro livro a ser escrito, mais conhecimentos a serem transmitidos. E um pequeno trabalho a respeito de auras e fotografia. Apenas um pouco mais. O Ancião gemeu em voz alta. Tanto, sempre, a fazer, tão poucos a fazer, uma carência tão crônica de dinheiro. E de que modo se poderia comprar equipamento sem dinheiro?

O Lama Mingyar Dondup permaneceu ao lado da cama. Ele e o Anjo da Morte entreolharam-se e grande volume de informações telepáticas foi trocado por eles. O Anjo inclinou a cabeça e, devagar, retirou-se e saiu para continuar em outra parte sua obra piedosa, pondo um ponto final no sofrimento, libertando almas imortais aprisionadas na argila da carne. Durante um momento não se ouviu som naquele quarto de hospital. No lado de fora, os ruídos noturnos habituais: um cão perdido rondando latas de lixo, uma ambulância aproximando-se da entrada de emergência do hospital. — Lobsang. — O Lama Mingyar Dondup olhou para o Ancião que jazia em dores na cama de hospital. — Lobsang — repetiu —, no seu próximo livro queremos que fique bem claro que, quando deixar esta terra, você não entrará em comunicação com médiuns de becos nem orientará aqueles que fazem anúncio em revistas de cultos religiosos. — O que quer dizer com isso, Honrado Guia? — perguntou o Ancião. — Eu não estou cooperando com médium algum ou revistas religiosas. Eu mesmo nunca as leio. — Não, Lobsang. Sabemos que não lê e é por isso que lhe digo isto. Se tivesse lido essas revistas, não teríamos de dizer-lhe, mas há certos indivíduos inescrupulosos que anunciam serviços de consulta, etc., e fingem estar em contato com aqueles que foram para o Além. Fingem que recebem conselhos e capacidade curativa e tudo mais do Além, o que, naturalmente, é de um ridículo atroz. Queremos deixar bem claro que você não encoraja de qualquer maneira a burla e a charlatanice. O Ancião suspirou com grande desespero e respondeu: — Não, não leio nunca essas revistas, nem inglesas nem americanas. Acho que fazem mais mal do que bem. Aceitam publicidade enganadora e grande parte dela é perigosa. E demonstram tais preconceitos e antipatia pessoal por quem não faz parte de suas pequenas claque que, realmente, prejudicam os que fingem ajudar. Assim, farei como diz, e deixarei claro que, quando abandonar esta terra, não voltarei. Leitor, ó leitor, você que é a mais perspicaz das pessoas, pode dar-me sua atenção por um momento? Cumprindo minha promessa, quero dizer o seguinte: Eu, Terça-Feira Lobsang Rampa, pela presente, solene e

irrevogavelmente, prometo que não voltarei a esta terra e não agirei como consultor de quem quer que alegue que assim estou procedendo, nem aparecerei a nenhum grupo mediúnico. Há outra obra à espera e não terei tempo de brincar com essas coisas, com as quais pessoalmente antipatizo. Assim, leitor, se vir algum anúncio, em qualquer ocasião, que alegue que tal pessoa se encontra em contato espiritual com Lobsang Rampa, chame a Polícia, chame as autoridades dos Correios, e mande prender a pessoa por fraude, ou por tentar usar a mala postal, etc., com finalidade fraudulenta. Eu, quando tiver terminado nesta terra, nesta vida, farei uma longa, longa viagem. E, assim, fica entregue aquela mensagem especial.

De volta ao quarto pintado de verde do hospital, com uma janela que dava para a catedral, e com vislumbre das águas da baía de Courtenay, o Lama Mingyar Dondup dizia o que era preciso fazer. — Este seu undécimo livro — disse o Lama — deve dar resposta a muitas perguntas que lhe foram feitas, a perguntas justas e razoáveis. Você acendeu a chama do conhecimento e agora, neste livro, precisa alimentá-la para que ela se firme na mente das pessoas e se espalhe. — Pareceu solene e um pouco triste ao continuar: — Sei que sofre muito. Sei que será despedido deste hospital como incurável, inoperável, e com pouco tempo de vida, mas você ainda dispõe de tempo para fazer uma ou duas obras que foram negligenciadas por outros. O Ancião escutou atentamente, pensando como era injusto que algumas pessoas tivessem toda a saúde e todo o dinheiro, pudessem tudo fazer, e fazê-lo nas condições mais fáceis, enquanto a ele cabia sofrimento, perseguição incessante, ódio da imprensa e falta de meios. Pensou como era triste que não houvesse "Medicare" nessa província e como eram altas as contas médicas. Durante algum tempo os dois, o Ancião e o Lama Mingyar Dondup, conversaram como velhos amigos, conversaram sobre o passado, riram de muitos incidentes que não foram tão engraçados quando ocorreram, mas que eram extremamente divertidos em retrospecto. Finalmente, ouviram as passadas do enfermeiro da noite fazendo a ronda. O Lama Mingyar Dondup disselhe um apressado adeus, a luz dourada desapareceu e o quarto nu do hospital mergulhou mais uma vez na escuridão azulada do amanhecer. A porta foi aberta e o enfermeiro de branco entrou, formando a lanterna elétrica um poço de luz em torno de seus pés. Escutou o som da respiração e, sem ruído, retirou-se, recomeçando a ronda. Do outro lado do corredor ouviu-se o alarido e os

gritos do velho que chamava sem cessar a esposa. Outra voz, mais adiante no corredor, interrompeu com uma torrente de AveMarias, intermináveis e monotonamente repetidas, lembrando ao Ancião alguns dos mais descorticados monges, que repetem Om Mani Pad Me Hum sem cessar, sem um pensamento sequer para o que as palavras realmente significam. Em algum local muito distante, um relógio bateu as horas, uma, duas, três. O Ancião mexeu-se inquieto na cama. A dor era aguda e agravada pela provação por que acabara de passar. No dia anterior, tivera um colapso total e, mesmo num hospital, colapsos totais causam algumas preocupações. Três horas. A noite era longa. Em algum ponto da baía de Fundy um rebocador apitou, quando, em companhia de outros, foi buscar um petroleiro que aguardava ancoragem junto à refinaria. Uma estrela cadente cortou os céus deixando uma esteira brilhante. Na torre da catedral, uma coruja piou e, como se tivesse ficado subitamente envergonhada do ruído, grasnou e saiu voando pela cidade.

Quatro horas, e a noite estava escura. Não havia lua. Inesperadamente, o feixe de um farol hesitou na baía e repousou sobre barcos de pesca, provavelmente à cata de lagostas. A luz foi apagada e surgiu um rebocador puxando um grande petroleiro. Devagar, abriram caminho pelas túrgidas águas da baía de Courtenay. Lentamente, uma brilhante luz vermelha apareceu a bombordo do petroleiro, entrou e saiu do campo de visão, escondendo-se, finalmente, por trás do Asilo das Pessoas Idosas, que ficava próximo. No corredor, houve uma comoção súbita, vozes sussurrantes, o som de prensa controlada. Em seguida, uma nova voz, de um interno apressadamente tirado da cama. Sim, um caso grave e necessidade de operação imediata. Sem perda de tempo, o enfermeiro de serviço e a enfermeira puseram o paciente numa maca, rapidamente a empurraram pelas portas até o elevador e a sala de operações, dois andares embaixo. Durante minutos, ouviram-se vozes sussurradas e o chiado de vestidos engomados. Em seguida, tudo recaiu no silêncio. Cinco horas. O Ancião tomou um susto. Havia alguém a seu lado, um enfermeiro de branco. Alegrementemente, disse: — Pensei apenas em dizer que não haverá café para o senhor esta manhã. Nem coisa alguma para beber. — Sorrindo para si mesmo, voltou-se e saiu do quarto. O Ancião continuou deitado, maravilhado com a crassa idiotice que tornava necessário despertar um paciente que apenas

começara a dormir e acordá-lo para dizer que não ia tomar o café naquela manhã! Poucas coisas há tão frustradoras como estar numa cama de hospital, esfomeado e sedento, tendo ao lado da porta aberta uma engenhoca imensa cheia de comida — o café da manhã preparado para todos os doentes que o quiserem naquele andar. O velho olhou para a direita e lá estava o aviso, "Nenhum desjejum", tão visível quanto podia ser. Estendeu a mão para o copo de água. Não, tampouco água. Nada para comer, nada para beber. Outros tomavam café. Ouviam-se o tilintar de pratos e o ruído de bandejas que eram deixadas cair ou distribuídas. Por fim, a agitação cessou e o hospital iniciou a rotina comum das manhãs: pessoas que iam para o teatro de operações, onde tampouco veriam um bom espetáculo, pessoas indo para o raio X, pessoas indo à patologia e os felizardos que iam para casa. Talvez os mais felizardos entre todos tivessem sido aqueles que haviam seguido para "a verdadeira morada". O Ancião, deitando na cama, pensou no prazer da ida. A única dificuldade é que, quando se morre, ocorre habitualmente o colapso físico de alguma parte — alguma parte da anatomia foi invadida por alguma horrível doença, por exemplo, ou algo está sendo envenenado. Naturalmente, isto provoca dor. Mas morrer, em si, é indolor, não há motivo algum para o medo de morrer. No momento em que o indivíduo está para morrer cai sobre ele uma paz profunda e sente uma sensação de satisfação, sabendo que, por fim, o longo dia terminou, o trabalho foi concluído, a tarefa acabou ou está sendo temporariamente suspensa. Tem-se a certeza de que se vai "para casa". Ir para a casa, onde a capacidade será avaliada e fortalecida a saúde espiritual. É, realmente, uma sensação agradável. A pessoa está doente, nos últimos estágios, a dor deixa subitamente de ser aguda e há um entorpecimento, seguido, com grande rapidez, por uma sensação de bem-estar, de euforia. A pessoa percebe que o mundo físico está-se tornando mais escuro e que o mundo astral começa a brilhar. Lembra uma tela de televisão que se vê na escuridão. A imagem escureceu e nada há para desviar a atenção dela, se tudo mais estiver na escuridão. A tela de televisão representa a vida na terra, mas basta que chegue a manhã, basta que os raios do sol passem, brilhantes, pela janela e atinjam a tela, e o fulgor do sol fará a imagem desaparecer de nossa vista. A luz do sol representa o dia astral. Desta forma, desvanece-se o mundo físico que chamamos de "Terra". As pessoas parecem indistintas, suas imagens assumem contornos vagos, lembram-nos

sombras, as cores da terra desapareceram e, aparentemente, ela fica povoada de fantasmas acinzentados. O céu, mesmo no dia mais claro, adquire uma coloração púrpura e, à medida que a visão da terra desaparece, brilha a visão do astral. Em torno da cama vemos os auxiliares, pessoas bondosas, que nos vão ajudar a renascer no mundo astral. Recebemos atenções quando nascemos no mundo que chamamos de Terra, talvez de um médico, possivelmente de uma parteira, ou, quem sabe, de um motorista de táxi. Não importa quem fosse, era ajuda. Esperando para entregar-nos ao Além, existem pessoas altamente experimentadas, superiormente treinadas, absolutamente compreensíveis e inteiramente simpáticas. Na terra tivemos dias difíceis, chocantes. A Terra é o Inferno. Temos de ir ao "Inferno" para realizar todos os tipos de coisas. Muitas crianças consideram a escola o "Inferno". A Terra é a escola dos seres humanos transviados. Por isso mesmo, sentimo-nos abalados e a maioria teme a morte, a dor, o mistério. Temem-nos porque não sabem o que virá, receiam enfrentar um Deus irado que lhes enfiará um tridente em alguma parte da anatomia e os lançará, sem demora, ao velho Satã, que já terá no fogo os ferros de marcar. Mas tudo isso é tolice. Não há tal Deus irado. Se temos que amar a Deus é preciso amar um deus bondoso e compreensivo. Falar em temer a Deus é absurdo, criminoso. Por que temer quem nos ama? Teme-se, realmente, um pai bondoso e compreensivo? Receia-se, de verdade, uma mãe bondosa e compreensiva? Não, se formos sensatos. Então, por que temê-lo? Há Deus, quanto a isso, nenhuma dúvida. Mas voltemos ao leito da agonia. O corpo jaz na cama, a visão acaba de desaparecer. Talvez a respiração lute ainda no peito. Por fim, ela também desaparece, cessa, não mais existe. Há uma contorção que os jornalistas, com toda probabilidade, chamarão de estremecimento convulsivo da agonia. Não é nada disso. É indolor, ou, para ser mais exato, é uma sensação agradável. Lembra mais tirar uma roupa fria e pegajosa e deixar que o ar quente e a luz do sol nos banhe o corpo. Há a sacudidela convulsa e o corpo astral sobe. A sensação não pode ser descrita. Pode-se acaso imaginar o que significa nadar em champanha com todas aquelas pequenas bolhas batendo em nosso corpo? Quais as férias mais agradáveis que já teve o leitor? Já se deitou na areia em alguma parte, sem nada fazer, com a luz do sol banhando-lhe o corpo, os sons das ondas nos ouvidos e uma suave brisa perfumada desmanchando-lhe os cabelos? Bem, isto é uma comparação grosseira, pois nada há em comparação com a

realidade. Nada que possa descrever o puro êxtase de deixar o corpo e "ir para casa". O Ancião, pensando nessas coisas, sondou as memórias e, sabendo o que é e o que seria, passou-se o dia. Foi suportado, seria talvez descrição mais fiel, e logo depois caiu a noite. Neste hospital não havia visitas, nenhuma visita. Uma epidemia na zona fechara os hospitais às visitas e os doentes estavam a sós. Os que se encontravam internados nas enfermarias públicas podiam conversar entre si. Os que penavam sozinhos nos quartos, permaneciam sozinhos — e era ótimo para meditação, não? Por fim, um ou dois dias depois — pareceu uma eternidade — o Ancião foi, enviado de volta a casa. Coisa alguma podia ser feita: nenhuma cura, nenhuma operação, nenhuma esperança. Assim, resolveu fazer o que lhe pedia o povo que sabe, o povo do Além, e escrever o undécimo livro. E vai responder a certas perguntas. Durante diversos meses o Ancião estivera cuidadosamente selecionando entre as quarenta e tantas cartas que lhe chegavam todos os dias, escolhendo as que continham perguntas que pareciam revestir-se de interesse mais geral. Sugeriu a certo número de pessoas de países diferentes que fizessem uma lista de perguntas cujas respostas queriam. Desta maneira, foram estabelecidas algumas amizades muito boas. Não podemos esquecer nossa amiga, Sra. Valeria Sorock, mas o Ancião deseja, em especial, agradecer às pessoas abaixo por terem feito as perguntas que serão respondidas neste livro: Sr. e Srta. Newman. Sr. e Sra. "Yeti" Thompson. Sr. de Munnik. Sra. Rodehaver. Sra. Ruby Simmons. Srta. Betty Jessee. Sr. Gray Bergin. Sr. e Sra. Hanns Czermak. Sr. James Dodd. Sra. Pien. Sra. Van Ash. Sr. John Henderson. Sra. Lílias Cuthbert. Sr. David O'Connor. As Sras. Worstmann.

O Ancião, portanto, foi mandado para casa. "Mandado para casa". Palavras simples e curtas que, com toda probabilidade, nada significam para a pessoa comum, mas, para alguém que nunca tivera um lar até pouco tempo, significavam muito. "Mandado para casa" — bem, significa estar em companhia de pessoas amadas, em ambiente familiar, onde os sofrimentos não são tão grandes, pois sofrimentos compartilhados são sentimentos divididos pela metade ou em quatro partes. Assim, o Ancião foi mandado para casa. A Srta. Cleópatra e a Srta. Tadalinka receberam-no com as maneiras mais graves, ansiosas para descobrir que tipo de estranha criatura voltara do hospital. Houve muitos narizes enrugados e muitas fungadelas. Os cheiros dos hospitais são estranhos, e como era que o Ancião estava

ainda inteiro, em vez de lhe terem cortado algumas partes? Possuía ainda dois braços e pernas. Naturalmente, não tinha cauda, mas não a tivera antes. A Srta. Cleópatra e a Srta. Tadalinka inspecionaram-no com toda a gravidade e chegaram a uma conclusão: — Eu sei — disse a Srta. Cleópatra — sei exatamente o que aconteceu. Ele voltou para terminar o livro Alimentando a Chama, antes de ser mandado alimentar a chama do crematório local. Isto é tão certo como dois e dois são quatro. A Srta. Tadalinka ficou muito séria. - Sim — disse —, mas se ele perder mais peso, não haverá coisa alguma com que alimentar as chamas. Acho que devem tê-lo deixado passar fome. Não sei se devemos dar-lhe parte de nossa comida. A Srta. Cleópatra saltou sobre o peito do Ancião e farejou em volta, a barba, os ouvidos e deu uma boa cheirada na boca. — Acho que ele está subalimentado, Tad — disse. — Acho que precisamos conversar com Ma para encher um pouco com alimento todos estes vazios. Mas não importa o que a Srta. Cleópatra dissesse, o que a Srta. Tadalinka contribuísse, e por melhores fossem as intenções de Ma, o Ancião estava de dieta pelo resto da vida, uma miserável e horripilante dieta que mal dava para manter corpo e alma unidos. A Srta. Tadalinka mergulhou sob a cama e falou à Srta. Cleópatra. — Ouça, Cleo — disse —, quer saber de uma coisa? Acabei de ouvi-los falar. Ele está perdendo meio quilo por dia, e isto significa que dentro de duzentos e setenta dias não terá peso algum. As gatas sentaram-se e começaram a pensar no caso. Em seguida, a Srta. Cleópatra inclinou, muito sábia, a cabeça, com toda a sabedoria e sagacidade que uma pequena gata de quatro anos de idade consegue reunir. — Ah, sim — reexclamou —, mas você esqueceu uma coisa, Taddy. Quanto mais esfomeado ficar, mais doente se tornará, e em mais, clarividente se transformará. Dentro de pouco, ele começará a ver as coisas antes que aconteçam. — Que besteira! — disse a Srta. Tadalinka. — Ele já as vê, Veja só a mensagem telepática que nos enviou do hospital. Ainda assim, é uma boa preparação para o começo do livro que vai escrever. Acho que devemos dar-lhes toda ajuda que pudermos. O radiador estava bastante quente e os dois gatos saltaram para o peitoril em cima. Estenderam-se a fio comprido, da cabeça à ponta da cauda, e entraram no estado habitual de introspecção antes de comunicar os pensamentos do dia aos gatos locais. O Ancião? Bem, o Ancião estava satisfeito por se encontrar na cama. Recostou-se durante algum tempo e pensou. "Acho que você tem de escrever este

miserável livro. Precisa viver, mesmo que não coma muito atualmente. Tem que pagar pelo que come." Na manhã seguinte, por conseguinte, resolveu começar este livro com a esperança de concluí-lo, e aqui está ele. Começou e você está lendo o primeiro capítulo, não? Numerosas pessoas escreveram perguntando coisas, todos os tipos de coisas. Bem, seria uma boa idéia se este livro tentasse responder o que parece haver em comum nas perguntas. O homem tem direito de saber, pois, de outra maneira, desenvolve estranhas idéias, como aquela de que a morte é uma coisa horrível, ou que não há o Além. Bem, fico sempre divertido quando dizem que não há o Além, simplesmente porque não o conhecem. Da mesma maneira, um indivíduo que more numa zona remota do interior talvez diga que não existem Londres, Nova York nem Buenos Aires, porque não as conheceram em pessoa. Afinal de contas, as fotografias podem ser forjadas. Vi uma série de fotografias montadas sobre a vida no Além, e isto é uma pena. Há um "Além", um "Além" muito bom e chegamos ao máximo do absurdo quando "videntes" desonestos e pervertidos apresentam uma série de materiais falsos. É tão fácil apresentar a verdadeira realidade. Mais fácil, realmente. Eu nutria a esperança de continuar as pesquisas em torno da aura. Infelizmente, tive de abandoná-las devido a motivos financeiros, e agora — bem — não há um plano de seguro médico aqui, não como na Inglaterra, e tudo é horrivelmente caro. O trabalho sobre a aura, por conseguinte, terá que ser deixado a outras pessoas. Outro projeto que eu queria desenvolver é o seguinte: é inteiramente possível construir um dispositivo com o qual possamos "telefonar" para o mundo astral. Foi realmente fabricado, mas o homem que o fez enfrentou tal barragem de dúvidas, suspeitas e acusações da imprensa, que se cansou de tudo, caiu no desânimo e, pressionado pela imprensa insana, quebrou o aparelho e cometeu suicídio. É inteiramente possível inventar um telefone que ligue para o mundo astral. Vejamos o caso da fala: ao falarmos, produzimos uma vibração que transmite energia a uma coluna de ar, que, por seu turno, aciona um aparelho recebedor, por exemplo, o ouvido do interlocutor, e ele ouve os sons que emitimos. Os sons são interpretados como fala. Ninguém conseguiu ainda postar-se em cima de uma antena de rádio, gritar e ser ouvido em torno do globo. Isto porque as vibrações são transformadas em uma forma diferente de energia. Mensagens faladas e transformadas nessa energia podem ser ouvidas, com aparelhagem apropriada, em todo o mundo. Escuto a Inglaterra, o Japão, a

Austrália, a Alemanha, todos os países. Ouvi mesmo a Pequena América no sul da Antártida. Um dispositivo para telefonar ao astral é algo parecido. Transforma ondas de rádio comuns em algo incomparavelmente mais alto, da mesma forma que as ondas de rádio, por seu lado, são transmitidas em frequências muito mais altas do que a fala. No futuro, poderemos telefonar para os recentemente falecidos, mais ou menos da mesma maneira que uma pessoa pode telefonar hoje a um hospital e, se tiver sorte e a enfermeira estiver de bom humor, falar com um doente que convalesce de uma operação. O mesmo acontecerá com aqueles que faleceram recentemente e se recuperam da provação da ida para o Além, da mesma maneira que a mãe e o filho se recuperam das dores do parto. Enquanto a convalescença está em andamento, os parentes podem telefonar para uma área de recepção para saber "como vai fulaninho". Naturalmente, logo que o doente ficar inteiramente bom e passar a outras dimensões, ele ou ela ficará ocupado demais para se importar com os assuntos banais desta Terra. A Terra é apenas uma mancha de pó que existe durante um piscar de olhos no tempo real. Àqueles que estejam interessados, digo que conheci realmente um desses telefones e que o vi em uso. É uma pena que a imprensa idiota não esteja sujeita à censura porque não deveria poder agir tolamente apenas no interesse do sensacionalismo e, dessa forma, inibir um progresso real. Consideremos isto, pois, um começo, e o fim do primeiro capítulo. Continuaremos e veremos o que poderemos fazer para, no segundo, responder a algumas perguntas. **CAPÍTULO 2 NUNCA RESPONDA ÀS CRÍTICAS: FAZÊLO IMPLICA DEBILITAR SEU ARGUMENTO** O Ancião estava a sós em casa. Ma, Buttercup, a Srta. Cleópatra e a Srta. Tadalinka ocupavam-se nas atividades rotineiras que parecem inescapáveis em todos os lares, fazendo compras, pois mesmo nas comunidades mais bem organizadas há sempre as inevitáveis compras. Batatas, sabão em flocos, várias outras coisas, incluindo — bem, apenas murmuramos isto — artigos imencionáveis sem os quais hoje não podemos viver tão bem. Recostado na cama, o Ancião ouvia o rádio. A recepção estava boa. O programa era transmitido pelo Serviço Africano da BBC, e chegava com grande clareza e bom volume. Alguém tocava os últimos sucessos musicais. O Ancião sorriu ao ouvir um título estranhíssimo, Jornada Astral. Teve de baixar o som porque o telefone tocava, ao lado da cama.

Resolvido este problema, ligou novamente a tempo de ouvir um dos últimos sucessos. Um locutor da BBC, disc-jockey ou o que quer que fosse, anunciou num sotaque iniludivelmente cockney que ia apresentar o último disco: Sem Noite, Não Haveria Sol. Sem noite não haveria sol. Saberá ele que acabava de pronunciar uma grande verdade? É preciso ir à extremos para realizar alguma coisa. Muitas vezes, irradiados dos Estados Unidos, especialmente nos domingos, chegam pelas ondas curtas horríveis programas organizados por uma turma de missionários revivalistas. O alarido e os desvarios são suficientes para lançar qualquer pessoa contra o cristianismo. Numa estação da América do Sul, bem próxima da linha do Equador, uma outra turma revivalista uivava literalmente sobre o terror de não ser cristão. Segundo a estação, quem não for cristão está condenado e irá para o inferno. Esta não é, decerto, a maneira de pregar uma religião sensata. Sem a noite não haveria sol; sem o mal não poderia haver o bem; sem Satã não existiria Deus; sem o frio não sentiríamos o calor. Sem extremos, de que modo pode haver alguma coisa? Pensem. Quando respiramos, quando expelimos o ar, isto é um extremo porque, para todos os fins práticos, não temos mais alento em nós e corremos o perigo de sufocar. Respiramos, temos ar suficiente e, se tomarmos ar demais e depressa demais, corremos o perigo de hiperventilação. Mas se não inalarmos e exalarmos, coisa alguma teremos e não poderemos viver.

Certo notável idiota da Nova Escócia enviou-me um tolo e mal mimeografado transbordamento a respeito de pecadores e de Satã. Aparentemente, a idéia era que eu lhe enviasse dinheiro, pois isso o ajudará a destruir Satã. Destruir Satã? Talvez ele fosse comprar um pouco de detergente mais moderno, molhá-lo num pano de chão novo ou algo parecido e tentar, dessa maneira, destruir o velho Satã. De qualquer modo, todo esse lixo foi para onde devia ir — para o lixo. É preciso haver negativo, ou não haverá positivo. É preciso haver opostos ou não haverá movimento. Tudo que existe se move. A noite cede ao dia, o dia, à noite; o verão é substituído pelo inverno, o inverno rende-se ao verão, e assim por diante. É preciso haver movimento, extremos. Não é um mal haver extremos: significa apenas que dois pontos estão tão separados entre si como podem estar. Assim, é preciso conservar o bom velho Satã, pois sem ele não poderia haver Deus, e sem Deus não poderia haver Satã porque tampouco haveria seres humanos. O pior "Satã" é o tolo baboso que tenta

enfiar uma religião pela garganta de uma pessoa de outra religião. Sou budista e enfureço-me com todos os estúpidos que me enviam Bíblias, Novos Testamentos, Velhos Testamentos, estampas bonitinhas, puramente imaginárias, naturalmente (ou devia dizer, "impuramente") da crucificação, etc., etc. ad lib, ad nauseam. Sou budista. Muito bem. Sou um extremo em relação ao cristianismo, como os cristãos são extremos em relação a mim como budista. Não procuro converter ninguém ao budismo. De fato, um número enorme de pessoas escreve-me perguntando se podem tornar-se budistas e minha resposta invariável é que devem permanecer filiados à religião em que nasceram até que surja uma grande e inelutável situação ou circunstância. Não gosto de pessoas que mudam de religião simplesmente porque "é o que está sendo feito", ou porque é novidade, ou porque querem sensações ou para que pessoas as apontem na rua e digam: "Olhem, ele é budista". Mas sem a noite não poderia haver sol. Sim, Sr. Locutor com sotaque cockney, você certamente disse uma grande verdade. Não persigamos tanto o velho Satã. Ele precisa viver, pois, de outro modo, não haveria termo de comparação, não é? Se ninguém falasse de Satã, de que modo poderíamos julgar o bem? Se não houvesse maus, não haveria bons. Obviamente, não porque não haveria padrão de comparação, porque precisamos poder comparar X com Y. Neste caso, temos o bom e o mau, desde que parece que, nos Estados Unidos e no Canadá, deve haver sempre "bons sujeitos" e "maus sujeitos". Os "bons sujeitos" são sempre machões, todos americanos, com as roupas bem cortadas das escolas grã-finas e sorrisos polidos a Pep-sodent, ao passo que os "maus sujeitos" são sempre os pobres índios a quem roubaram o país com uma porção de promessas especiosas. Mas vejamos os programas de televisão. Não seria chato se não houvesse bons sujeitos para combater os maus sujeitos, ou se não houvesse maus sujeitos que pudessem mostrar como são realmente bons os bons? Assim, a todos vocês que escrevem e perguntam se não penso que Satã deve ser liquidado, expulso, excomungado, enviado para a Rússia, ou algo parecido, deixem-me dizer o seguinte: Não, acho que Satã é um bom sujeito no sentido de prover o oposto do bem, de fornecer um padrão contra o qual podemos medir o bem. Assim, levantemos as taças a Satã e, para dar sorte, ponhamos um pouco de ácido sulfúrico e enxofre na taça. Mas viremo-la de cabeça para baixo. É mais seguro assim. O Ancião gemeu ao abrir a carta. "Escrevi à Inglaterra pedindo uma pedra de toque", leu, "há quatro semanas

e enviei o dinheiro. Não tive resposta. Acho que fui vítima de uma escroqueria." O Ancião gemeu em voz alta. Olhou para o envelope e gemeu mais uma vez. Em primeiro lugar, o Ancião não estava de qualquer modo ligado ou interessado em qualquer negócio ou aventura comercial. Às vezes, uma empresa se diversifica e alega que está associada a Lobsang Rampa, *etc. etc.* Há apenas uma neste caso, e é uma firma inglesa. Tem permissão para usar a razão social de The Rampa Touch Stone Company. Uma vez mais, porém, o Ancião quer deixar bem claro que não está ligado a qualquer empresa comercial nem interessado nelas. Há uma firma com a qual o Ancião está extraordinariamente aborrecido, pois ela anuncia um serviço de reembolso utilizando o título do seu primeiro livro, sem permissão sua e, definitivamente, com sua desaprovação.

E isto é tudo o que há a respeito de negócios comerciais. O Ancião, porém, gemeu ao olhar para o envelope e gemeu porque nem na carta nem no envelope havia endereço algum. Nos Estados Unidos e no Canadá as pessoas põem, muitas vezes, o nome e o endereço no envelope, mas só em raros casos na carta, onde deveria estar. Na Inglaterra e Europa, o papel leva o nome e o endereço do correspondente e podem ser sempre respondidas as cartas desta origem. Apesar disso, essa pessoa que se lamentava tão amarga e caluniosamente de ter sido enganada não fornecera endereço para resposta! O que fazer então? Como assinatura, apenas "Mabel", nada mais, nenhum sobrenome, nenhum endereço, e quanto ao carimbo do correio, bem, só poderia ser lido com uma lente. Assim, vocês que se queixam de que não receberam resposta, que se queixam de que foram enganados, perguntem a vocês mesmos: Coloquei realmente o endereço na carta ou no envelope? Há algum tempo recebemos uma carta. Não conseguimos ler uma única palavra. Com toda probabilidade, fora escrita em inglês, mas não pudemos ler coisa alguma e ela permaneceu sem resposta. A finalidade de uma carta é comunicar algo. Se a escrita não pode ser lida, ela não cumpre sua finalidade. E, se não contiver endereço, bem, é um puro desperdício de tempo.. O Ancião, escutando o programa, o Programa Estrangeiro da BBC, pensou em sons. Há alguns anos a música era extremamente agradável, algo calmante ou inspirador. Hoje, porém, o que aconteceu ao mundo? A música que chega da Inglaterra parece produzida por um bando de gatos com as caudas amarradas umas às outras. Se é música, não sei o que é música. Mas os sons, bem, diferentes sons são peculiares a diferentes culturas. Pessoas

há que alegam que certos sons lhe fazem bem, tal como o som de "OM", corretamente pronunciado. Ainda assim, há outros não socialmente aceitáveis. Os sons de certos palavrões não são admissíveis em sociedade, por exemplo; embora, talvez os mesmos sejam aceitos como naturais na língua de outra cultura. Há certo palavrão que é inaceitável, absolutamente inaceitável, realmente, em inglês, embora o seu som em russo seja correto, decente, e usado numerosas vezes por dia. Não confie demais nos sons. Muitas pessoas chegam quase às raias da loucura perguntando-se se estão pronunciando o "OM" da maneira correta. Em si mesmo, o "OM" nada é, nada significa — em si, e não se a pessoa o pronuncia como deve, em sânscrito. É inútil pronunciar sem defeito "a palavra metafísica do poder" se você não pensa do modo correto. Pense nisto. Pense no programa de rádio. A pessoa emite certos sons que, em si, não podem ser transmitidos. Podem apenas se, para começar, dispor de uma onda transmissora. A onda transmissora lembra a luz que se precisa antes de transmitir uma imagem de cinema ou de televisão, ou projetar slides numa tela. Os slides em si, sem luz, nada são. É preciso um feixe de luz como veículo e, exatamente da mesma maneira, de uma onda antes de transmitir-se um programa de rádio. Mais uma vez e de idêntica maneira, o som de "OM", etc., ou qualquer outra "palavra de poder" atua apenas como onda transmissora de pensamentos corretos. Querem que esclareça ainda mais o assunto? Muito bem. Suponhamos que gravemos um disco sem outra coisa que a palavra "OM" corretamente pronunciada, "OM, OM, OM, OM, OM". O leitor poderia tocá-lo para sempre e um dia mais contanto que o disco não se gastasse primeiro, e isto de nada serviria porque a vitrola, ou o gramofone, como a chamam na Inglaterra, é uma máquina incapaz de pensar. OM é útil apenas quando se pensa de modo correto, bem como se o "fazemos soar" de modo também correto. A melhor maneira é pensar certo e deixar que o som cuide de si mesmo. Sons! Que coisa poderosa pode ser um som. Pode acrescentar energia aos pensamentos. A música, a boa música, pode inspirar e elevar espiritualmente o homem. Pode reforçar a fé na honestidade do próximo. Sem dúvida alguma, isto constitui uma realização extremamente desejável em si. Mas a música especialmente composta pode transformar a população num exército. Canções militares ajudam-nos a marchar corretamente e com menos estorço. Que música é esta, pior ainda do que o jazz, pior do que o rock'n'roll? O que acontece é que os jovens estão

tentando tornar-se mais loucos com uma cacofonia dissonante que parece ter sido composta para extrair o que de pior há neles, levá-los ao vício dos tóxicos, encaminhá-los para as perversões, e toda a respectiva seqüela. É isto o que aconteceu, como vocês sabem muito bem. Pessoas submetidas ao som impróprio podem ansiar por drogas. Canções de beber podem levar a pessoa a desejar beber mais. Algumas das velhas canções biergarten alemãs faziam tanto efeito como amendoins salgadinhos. Eram tocadas em alguns bares para aumentar a sede e levar o indivíduo a beber mais para maior aumento da renda do negociante. Ora, há guerras, revoluções, ódios e distúrbios em todo o mundo. O homem combate o homem, e as coisas piorarão muito, antes de melhorarem. Os sons, os sons discordantes, são os responsáveis pela situação. Agitadores esgoelados e desvairados despertam os piores pensamentos na população, da mesma forma que Hitler, um orador talentoso, mas deformado, conseguiu levar os habitualmente sensatos e sólidos alemães a um frenesi, a uma orgia de destruição e selvageria. Oh, se apenas pudéssemos mudar o mundo eliminando toda música discordante, todas as vozes desarmônicas que pregam o ódio, o ódio, o ódio. Se apenas o homem pudesse pensar em amor, bondade e consideração para com o próximo. Não há necessidade de que as coisas continuem como estão. Bastaria que algumas, que pessoas resolutas, de pensamentos puros, produzissem os sons necessários em música e fala para permitir ao nosso mundo tão tristemente lanceado recuperar certo grau de sensatez e acabar com todo o vandalismo e delinqüência juvenil que constituem hoje o espetáculo diário. Deveria haver, também, certa censura à imprensa, pois ela, sempre, quase sem exceção, esforça-se para apresentar as coisas como mais sensacionalistas, mais sanguinolentas e mais horrendas do que realmente são. Por que não iniciamos todos nós um período de meditação, durante o qual pensaríamos em coisas boas, pensaríamos e traduziríamos pensamentos bons? E isto é tão fácil porque o poder do som controla os pensamentos de numerosas pessoas. Som, contanto que por trás dele haja pensamento. O velho recostou-se na cama. A pobre criatura não tinha alternativa. A Srta. Cleópatra, deitada no seu peito, com a cabeça entre a barba do doente, ronronava contente, olhando-o com os mais azuis dos olhos azuis. A Srta. Cleópatra Rampa, a mais inteligente das pessoas, a mais carinhosa e mais desinteressada, apenas um pequeno animal para a maioria, embora excepcionalmente belo. Para o Ancião, era uma Pessoa

definida e inteligente, uma Pessoa que viera a esta Terra cumprir uma missão específica e que a desempenhava com nobreza e total sucesso. Uma Pessoa com a qual o Ancião mantinha longas conversações telepáticas que muito o instruíam. Na cadeira de rodas elétrica, a Srta. Tadalinka Rampa, enrodilhada, roncava profundamente, muitas vezes mexendo os bigodes e rolando os olhos sob as pálpebras cerradas. Taddy era uma Pessoa muito carinhosa. E gostava de conforto. Conforto e alimento constituíam as principais preocupações de Taddy. Apesar disso, fazia por merecê-los. Taddy, o mais telepático de todos os gatos, cumpria sua parte mantendo-se em contato com várias partes do mundo. Ouviu-se uma ligeira batida na porta e Vizinho Amigo entrou e descansou o sólido traseiro com um som ressoante num assento que parecia pequeno demais para tal volume. — Gosta de suas gatas, não? — disse Vizinho Amigo com um sorriso. — Gostar delas? Deus, sim! Considero-as minhas filhas, e inteligentíssimas, por falar nisso. Estas gatas fazem mais por mim do que um ser humano. Tadalinka, porém, ficou alerta nesse momento, sentou-se pronta para rosar, pronta para atacar, se necessário, pois as pequenas gatas podem ser muito ferozes na defesa do que consideram suas responsabilidades. Em certo apartamento, um homem tentou penetrar à noite. As gatas correram para a porta e devem ter tirado uns dez anos de vida do pobre indivíduo, pois um gato siamês enfurecido é um espetáculo apavorante. Incham, cada cabelo da pelagem se estende em ângulo reto com o corpo, as caudas se expandem, eles se põem nas pontas dos pés e parecem criaturas saídas do inferno. Irritam-se, rosam, rugem e coisa alguma pode ser tão perigosa como um gato siamês que defende uma pessoa ou propriedade. São numerosas as lendas a respeito da proteção dos gatos siameses, sobretudo lendas oriundas do Oriente, contando como este ou aquele defendeu pessoas importantes ou doentes. Mas já falamos demais disto. Ninguém mais tentou entrar sem nosso conhecimento. Espalhou-se a estória dos "ferozes gatos Rampa" e, ao que parece, a maioria das pessoas tem mais medo de gatos siameses danados do que de cães doentes. Assim foi, deve ter sido sempre e, agora, com o Ancião tão doente, os dois pequenos gatos estão sempre alertas para defendê-lo. Oh, sim, entre as perguntas, eis aqui uma senhora que quer saber coisas sobre os animais. Onde está a carta agora? Ah, aqui! "Pode dizer-nos o que acontece com os nossos bichinhos de estimação que deixam esta terra? São totalmente destruídos ou reencarnam finalmente como seres

humanos? A Bíblia nos diz que apenas seres humanos chegam ao Céu. O que tem a nos dizer a esse respeito?" Madame, tenho muita coisa a dizer. A Bíblia foi escrita muito tempo depois de ocorridos os fatos relatados. A Bíblia tampouco é o Texto original. É uma tradução de uma tradução de uma tradução de outra tradução que foi retraduzida para ajustarse aos propósitos de algum rei, poder político, ou alguma outra coisa. Pense na Edição do Rei James, nesta ou naquela edição. Muitas coisas escritas na Bíblia são pura bobagem. Sem dúvida, havia muita verdade nas Escrituras originais, mas muitas coisas hoje constantes na Bíblia não são mais verdadeiras do que a verdade da imprensa, e todo mundo sabe que bobagem que ela é. Aparentemente, a Bíblia ensina aos seres humanos que eles são os Senhores da Criação, que o mundo inteiro foi feito para o homem. Bem, o homem fez uma confusão horrível do mundo, não? Onde é que não há guerras, ou boatos de guerra, sadismo, terror, perseguição? Precisamos sair da terra se quisermos responder a essa pergunta. Mas estamos tratando de animais, e do que lhes acontece. Para começar, são muitas as espécies de criaturas. Os seres humanos são animais e, goste o leitor ou não, os homens são animais, animais horrendos, bravios, hostis, mais selvagens do que quaisquer dos tipos da natureza. Por disporem de polegar e dedos, os seres humanos puderam desenvolver-se ao longo de certas linhas, desde que podem usar as mãos para fabricar coisas, o que é vedado aos animais. O homem vive num mundo sobremodo material e acredita apenas naquilo que pode segurar entre os dedos e o polegar. Os animais, não tendo polegar e sendo incapazes de agarrar coisas, foram obrigados a evoluir espiritualmente. A maioria dos animais é espiritualizada. Não matam, a menos que tenham absoluta necessidade de comer, e se um gato "apavora e atormenta" o camundongo — bem, isto é uma ilusão do ser humano. O camundongo não sabe em absoluto o que acontece porque está hipnotizado e não sente a menor dor. Que tal isto? Sob tensão, as sensações do homem são anestesiadas e, em tempos de guerra, por exemplo, um braço pode ser arrancado por um canhão e, à parte uma dormência muito leve, ele não sente o ferimento até que a perda de sangue o enfraqueça. Ou, dirigindo um avião, por exemplo, uma pessoa pode ser baleada no ombro, mas continuará a pilotar e pousará em segurança o aparelho, e somente quando terminar a excitação sentirá dor. No caso do nosso camundongo, por aquela ocasião ele não sente coisa alguma. Os cavalos não reencarnam como narcisos

silvestres. Os sagüis não reencarnam como vermes e vice-versa. Há diferentes grupos de povos da natureza, - cada um deles numa "concha" isolada separada, que não invade a existência espiritual ou astral de outros seres. O que isso realmente significa é que o macaco nunca reencarna como homem, um homem nunca reencarna como camundongo, embora, reconhecamos, muitos homens são muito parecidos com os ratos na falta de resistência íntima, o que constitui uma maneira muito polida de dizer que. .. bem, vocês sabem o que é. É uma declaração definida de fato que animal algum reencarna como ser humano. Sei que os humanos são também animais, mas estou usando aqui o termo comumente aceito. Referimo-nos a seres humanos e a animais, separadamente, porque os humanos gostam de ser um pouco lisonjeados. E, assim, fingimos que não somos animais, mas uma forma especial de criatura, um dos escolhidos de Deus. Assim, o animal humano nunca, mas nunca, reencarna como caninos, felinos ou eqüinos. E, mais uma vez, vice-versa. O ser humano teve um tipo de evolução que lhe cumpre continuar, o animal — que nome lhe daremos? — teve outra, e não necessariamente

paralela, que terá de seguir. Não são, por conseguinte, criaturas permutáveis entre si. Numerosas escrituras budistas "referem-se a homens que voltam como, aranhas, tigres, ou alguma outra coisa, mas, claro, os budistas educados não acreditam nisso, que começou como um malentendido há muitos séculos, mais ou menos da mesma maneira que há um malentendido a respeito de Papai Noel, ou de mocinhas que são feitas de açúcar e pimenta, e que são todas muito boazinhas. Mas nós sabemos que nem todas as mocinhas são boazinhas. Algumas delas são muito, outras são devidamente asquerosas, mas, naturalmente, conhecemos apenas as boazinhas, não? Ao falecer, o ser humano vai para o plano astral, sobre o qual teremos mais a dizer adiante. Ao morrer, o animal vai também para um plano semelhante, onde é recebido pela sua própria espécie, onde há entendimento perfeito e perfeito rapport entre eles. Da mesma forma que no caso dos humanos, os animais não podem ser incomodados por aqueles com quem são incompatíveis. E agora estude isso com atenção: quando morre uma pessoa que ama um animal e vai para o mundo astral, ela pode entrar em contato com o bichinho querido, podem ficar juntos se há verdadeiro amor entre eles. Além disso, se os seres humanos fossem mais telepatas, se houvesse mais crença se abrissem a mente e recebessem, os animais

queridos que morreram poderiam manter contato com ele antes que os humanos os acompanhassem.

Agora, deixe-me dizer-lhe o seguinte: eu tenho certo número de pequenas pessoas que foram para o Outro Lado e me mantenho em iniludível e constante contato com elas. Há uma pequena gata siamesa, Cindy, com a qual estabeleço contato diário. Cindy ajudou-me imensamente. Na Terra, ela teve uma existência realmente difícil. Agora, ajuda, ajuda, ajuda sempre. Está fazendo tanto como qualquer pessoa do Além pode fazer para ajudar alguém deste Lado. Os que realmente amam os denominados animais de estimação podem ter certeza de que, ao terminar esta vida para ambos, poderão reunir-se, mas não será a mesma coisa. Enquanto estão na terra, os humanos constituem uma turma incrédula, cínica, áspera, blasé, e tudo mais. Ao chegarem ao Outro Lado, sentem um choque ou dois que os levam a compreender que não são os Senhores da Criação como pensavam, mas apenas parte de um Plano Divino. No Outro Lado, compreendem que os outros também têm direitos, descobrem que podem falar com a maior clareza com animais que lá estão, e serão respondidos na língua que os animais queiram usar. Constitui uma limitação dos humanos que, enquanto estão na Terra, a maioria não seja telepata e não perceba o caráter, a capacidade e os poderes dos denominados "animais". Mas quando seguem para o Outro Lado, tudo se esclarece e os seres humanos lembram um cego de nascença que subitamente consegue ver. Sim, animais vão para o céu, não o céu cristão, claro, mas nada perdem com isso. Os animais têm um céu autêntico, não com anjos de asa de penas de ganso, mas um céu real. E possuem um Manu, ou Deus, que deles cuida. Tudo o que o homem pode obter ou realizar no Outro Lado é dado aos animais — paz, aprendizagem, progresso — tudo, sem exceção alguma. Na Terra, o homem ocupa a situação de espécie dominante, dominante em virtude das horrendas armas que possui. Desarmado, um homem não ficaria à altura de um cão resoluto; armado com algum método artificial, tal como uma arma, pode dominar uma matilha, e foi apenas em virtude de sua maldade que perdeu o poder telepático de comunicação com os animais. Esta é a história da Torre de Babel, como vocês sabem. A humanidade usava geralmente a telepatia e a fala apenas em dialetos locais para comunicar-se com membros da família quando não queria que todos soubessem o que estava sendo dito. O homem, porém, atraiu os animais para armadilhas com falsa telepatia e falsas

promessas. Em conseqüência e como castigo, a humanidade perdeu o poder telepático e atualmente apenas algumas pessoas ainda o conservam. E para nós que o conservamos, a situação lembra aquela história de "em terra de cego, quem tem um olho é rei". Bem, madame, respondendo em curtas palavras a sua pergunta: Não, seres humanos não reencarnam como animais nem animais reencarnam como seres humanos. Sim, animais vão para o céu e, se a senhora realmente amar o seu animal de estimação, poderá reunir-se a ele se o seu amor for sincero e não apenas um desejo egoísta e insensato de dominar ou possuir. E finalmente, neste assunto, os animais não constituem uma espécie inferior. Os seres humanos podem fazer um número imenso de coisas que são defesas aos animais, mas estes podem também realizar um número enorme de coisas vedadas aos seres humanos. São diferentes e isto é o cerne da questão — são diferentes, mas não inferiores. A Srta. Cleo, repousando confortavelmente, levantou os límpidos olhos azuis e enviou uma mensagem telepática: — Vamos trabalhar, temos que trabalhar ou não teremos o que comer. — Assim dizendo, levantouse cheia de graça e, com a maior delicadeza, afastou-se. O Ancião, emitindo um suspiro, passou à carta seguinte e a outra pergunta. "Existem Mantras que enviem animais moribundos a planos mais altos e, em caso afirmativo, quais são eles?" Não são precisos Mantras de seres humanos em intenção dos animais. Da mesma forma que os humanos têm seus próprios auxiliares esperando no Outro Lado para ajudar os moribundos a renascerem no astral, os animais os têm também. Não são necessários, por conseguinte, Mantras para ajudar os animais à morte a entrarem no mundo astral. De qualquer modo, eles conhecem por instinto ou por precognição muito mais a esse respeito do que os seres humanos. Não se deve esperar até que o animal esteja morrendo antes de prontificarmo-nos a ajudá-lo. A melhor maneira de ajudar o animal é na época em que ele está vivo e bem nesta terra, porque são belas criaturas, e não os há maus ou cruéis a menos que assim se tenham tornado por maus tratos, conscientes ou não, às mãos do homem. Conheci muitos gatos e nunca soube de um deles que tenha sido naturalmente cruel ou de maus bofes. Se o gato foi atormentado por seres humanos, ou por crianças, com toda probabilidade, naturalmente, adota uma ferocidade protetora, mas logo depois, com um pouco de bondade, tudo isso desaparece e temos mais uma vez o animal suave e devotado. Sabem, muitas pessoas têm um medo que se pelam de gatos siameses, dizendo que

são ferozes, destrutivos, maus em tudo. Isto não é verdade, não há uma migalha de verdade nisso, nem uma única palavra. A Srta. Cleópatra e a Srta. Tadalinka nunca, mas nunca mesmo, fazem coisa alguma para aborrecer-nos. Quando algo nos irrita, dizemos apenas: "Oh, não faça isso, Cleo!", e ela não faz mais. Os nossos gatos não arranham a mobília nem raspam os cortinados porque temos um pacto com eles: fornecemos-lhes um poste para coçar, uma coisa que se faz sem maior dificuldade. Temos, realmente, dois. São postes robustos, bem montados sobre uma base quadrada, ambos cobertos com um tapete grosso, não um velho tapete caindo aos pedaços que tiramos da lata de lixo, mas um tapete novo. Na verdade, pedaços dele. Bem, o revestimento foi bem preso aos postes e na parte superior deles há espaço para os gatos se sentarem.

Diversas vezes por dia Cleópatra e Tadalinka vão aos postes de coçar e se espicham de modo tão belo e completo que dá gosto só em olhar. Às vezes, vão andando até o poste em vez de saltar para a parte superior, o que é muito bom para os músculos e para as garras. Desta maneira, fornecemos o poste de coçar e eles nos dão tranqüilidade, porque não nos preocupamos mais com a mobília ou com as cortinas. Certa vez, pensei em escrever um livro sobre lendas de gatos e a história real deles. Gostaria imensamente de fazê-lo, mas a decrepitude crescente torna improvável que jamais o faça. Gostaria de contar, por exemplo, que em outro mundo, em outro sistema, muito distante do nosso, houve uma alta civilização de gatos. Naqueles dias, eles podiam usar os "polegares" como os humanos, exatamente como fazemos agora, mas caíram das graças e lhes foi dada a opção de dar mais uma volta completa da roda ou ir para outro sistema ajudar a uma raça ainda não nata. Os gatos são boas e compreensivas criaturas e assim, toda a raça e o Manu deles resolveram vir para o planeta que chamamos de Terra. Vieram observar-nos para comunicar a outras esferas o nosso comportamento, algo parecido com uma câmara de televisão em eterno funcionamento. Mas observam e comunicam não para fazer-nos mal, mas para ajudar-nos. Nas regiões superiores não são comunicadas coisas com a intenção de causar danos, mas apenas para possibilitar a correção de defeitos.

Os gatos tornaram-se naturalmente independentes para que não fossem movidos pela afeição. Vieram como pequenas criaturas para que os humanos pudessem tratá-los áspera ou bondosamente, de acordo com sua

natureza. Os gatos constituem uma boa e benigna influência na Terra. São prolongamentos diretos do grande Eu Superior deste mundo, uma fonte de informações num local onde grande volume delas é destorcido pelas condições mundiais. Sejam amigos dos gatos, tratem-nos bondosamente, tenham fé neles e saibam que gato algum jamais magoou propositadamente um ser humano, embora muitos tenham morrido tentando ajudá-los. Bem, a Srta. Tadalinka acabou de entrar às pressas com uma mensagem telepática: — Eh, sabe de uma coisa? Há hoje setenta e oito cartas para o senhor: — Setenta e oito cartas! É mais do que tempo que eu comece a responder a algumas que estão à espera. CAPÍTULO 3 EMBORA PERTO A SENDA CORRETA, LONGE PROCURA-A A HUMANIDADE "Como é a vida hoje em dia em Lhasa? Está sendo aberta ainda a "terceira visão" nos noviços? O que aconteceu às pessoas que descreveu no primeiro livro?"

Lhasa, em 1970, sob o governo terrorista dos chineses vermelhos, é muito, muito diferente do que era antes da invasão. As pessoas andam furtivamente e olham sobre o ombro antes de aventurar-se a falar até mesmo com os amigos mais íntimos. Não há mais mendigos nas ruas; foram pregados pelas orelhas e morreram há muito ou foram enviados aos campos de trabalhos forçados. As mulheres não são mais as pessoas alegres e descuidadas de antes. Agora, no Tibete dominado, são obrigadas a casar com chineses deportados da China e ali enviados como primeiros colonos. Culpados de genocídio, os chineses estão tentando matar a nação tibetana. Chineses foram arrancados de suas famílias na China e enviados ao Tibete para cultivar o duro solo e viver como pudessem, mandados casar com mulheres que não os querem e serem os pais de uma raça de mestiços, meio chineses meio tibetanos. Logo que a criança nasce é tomada dos pais e internada num lar comunal onde lhe ensinam, à medida que cresce, a odiar tudo o que é tibetano e adorar tudo o que é chinês. Os tibetanos estão sendo tratados de tal maneira que não são mais homens e, portanto, não podem ser mais pais. Numerosos homens e numerosas mulheres, igualmente, escaparam, talvez para a Índia ou talvez para os ermos montanhosos mais altos, que as tropas chinesas não conseguem escalar. A raça tibetana não se extinguirá. Persistirá. É uma tragédia que os tibetanos de alta classe atualmente na Índia não procurem despertar o interesse em prol da salvação do Tibete. Durante certo tempo, acalentei a esperança de que esses figurões abandonassem seus pequenos ciúmes e pequenos ódios e cooperassem

comigo. Há muito tempo tenho o grande desejo de falar como representante do Tibete diante das Nações Unidas. Não sou mudo, não sou analfabeto, conheço o Oriente e o Ocidente, e há muito tem sido meu desejo mais ardente servir ao Tibete apelando aos Povos Livres do mundo em nome de um povo ora escravizado e que enfrenta uma campanha resoluta para extinguir uma raça inteira. Mas, por má sorte, apostrofaram-me de muitas coisas e os altamente colocados que vivem em conforto na Índia não julgavam conveniente esforçar-se para salvar o Tibete. Não obstante, isto é outro assunto, a ambição de um homem, uma ambição, apesar disso, inteiramente altruísta, pois nada quis para mim. Meus livros são relatos autênticos, todos eles, absolutamente autênticos, embora, para infortúnio meu, a imprensa julgasse conveniente atacar-me. Afinal de contas, é muito mais fácil e muito mais sensacional tentar destruir uma pessoa e fazer um escarcéu em torno de algo que não existe no que reconhecer a verdade. Relembrando esses anos, acho que esses altamente colocados tibetanos que estão vivendo com grande conforto na Índia temem apoiar-me na impressão errônea de que, se o fizessem, perderiam o apoio da imprensa. Quem é que se importa com a imprensa, por falar nisto? Eu, não!

Pessoas que conheci no Tibete? Os mais altamente colocados foram assassinados, torturados até a morte. O Primeiro-Ministro do Tibete, por exemplo, foi arrastado por um carro em alta velocidade pelas ruas de Lhasa, com uma corda amarrada em torno de um tornozelo e a outra na traseira do veículo. O carro, cheio de chineses zombeteiros, partiu puxando um homem eminente pelas ruas, dando voltas pela estrada pedregosa, arrancandolhe o nariz, as orelhas, outras coisas, até que, com um corpo que era uma chaga só, pingando sangue, foi lançado num monte de lixo para ser devorado pelos cães. Mulheres que conheci? Bem, as filhas foram publicamente estupradas na frente das famílias. Numerosas mulheres eminentes foram levadas à força aos prostíbulos destinados às tropas chinesas. A lista mencionando esses fatos poderia ser alongada, mas não há proveito nisso.. Certos covardes de alta classe capitularam e tornaram-se lacaios dos chineses, obedecendolhes cada capricho, imitando-os, lisonjeando-os e permanecendo em cargos de "confiança" até que seus amos, cansados deles, liquidaram-nos. Sim, outros fugiram para as montanhas, onde continuariam a luta contra os chineses. Muitos naturalmente, seguiram para a Índia. Bem, isso era decisão deles, mas o pensamento volta: por que os Grandes, na

segurança da Índia, não fazem algo para ajudar aos que correm perigo? Nos grandes templos e na própria Potala as lâminas de ouro que formavam o telhado foram arrancadas e levadas para a China, onde, presumivelmente, o ouro foi fundido e transformado em moeda ou alguma outra coisa. Figuras sagradas foram derretidas para extrair-lhes o conteúdo de ouro e prata, arrancadas e levadas para a China as pedras preciosas, enquanto outras coisas, como livros, manuscritos, pinturas e esculturas, alimentaram uma grande fogueira e foram totalmente destruídas e, com elas, a história de um país inofensivo e inocente, dedicado apenas ao bem-estar da humanidade. As lamaserias são agora prostíbulos ou quartéis. Os conventos, bem, os chineses consideraram-nos como prostíbulos perfeitos e acabados. Monumentos antigos foram derrubados para permitir passagem mais fácil das colunas blindadas. Lhasa é agora a capital do terror, onde pessoas são mortas e torturadas sem saber o motivo. Destruíram tudo que era belo. A menos que homens vigilantes tivessem salvo essas coisas a tempo e, com grande esforço, levando-as para refúgio nas montanhas, onde poderiam ser armazenadas para as gerações futuras, tudo que era belo foi destruído. O Tibete renascerá e não há batalha final até a última, e somente essa é decisiva. O Tibete renascerá. Talvez surja um homem forte que se transforme num grande governante e revitalize os que procuraram apenas a segurança e o conforto na fuga. O Tibete está hoje cortado por grandes estradas, possui grandes edifícios à semelhança de quartéis, onde são alojados operários que estão tentando tirar alguma coisa da terra estéril. Não é tarefa fácil, pois os chineses, forçados a se tornarem imigrantes ou colonos, odeiam a terra e o povo e tudo que desejam é voltar para seus próprios lares e famílias. Os tibetanos, porém, são tratados como seres subumanos; os colonos chineses, como escravos e mantidos ali contra a vontade. Os que tentam fugir são torturados e executados à vista de todos. Entrementes, as nações do mundo continuam nos seus negócios diários de umas poucas guerras aqui e ali — Coréia, Vietnã, Israel e os países árabes, África, a fronteira sino-russa, e em numerosos outros lugares. Mas, se fosse erguida a voz apropriada, as nações mais inteligentes do mundo escutariam uma súplica de ajuda de um representante acreditado do Tibete, que pudesse dilatar o alcance da palavra falada pela palavra escrita, que pudesse comparecer perante as Nações Unidas, aparecer na televisão, e escrever, sem um momento de pausa, solicitando ajuda para um povo violentado

antes que seja tarde demais. Do corredor, veio um rugido como de um touro. Uma batida violenta na porta e o Vizinho Tamanho Família entrou. Com o rosto em fogo, sentou-se com um ruído que pareceu abalar o edifício. — Sabe de uma coisa? — mugiu. — Aqueles... em Halifax, querem aumentar-me o aluguel! O Ancião, encostado nos travesseiros, tentou pensar em algumas palavras bondosas para dizer sobre "Halifax", mas foi obrigado a admitir que tudo subia — leite, alugueres, tarifas postais, carros, gás!

No térreo, no saguão principal, o porteiro, Angus Robichaud, esforçava-se para limpar um tapete. Tanta coisa a fazer, coisas demais, e responsabilidade em excesso. Angus Robichaud é um bom homem, leal, que, com sucesso, caminha pelo estreito caminho entre fazer o que os patrões exigem e o que pode pelos inquilinos. Um homem raro, um tipo cada vez mais difícil de encontrar. No apartamento do porteiro, a esposa, Sra. Robichaud, luta para conservar a paciência e a sanidade mental entre telefonemas conflitantes. A Sra. Schnitzeleimer, do 1.027: — Eu quero que a senhora desligue o aquecimento. Meu marido diz que já está assado e que está quente demais. Logo que ela desligou, com uma batida malhumorada, o telefone chamou outra vez: — Eh, Madame, diga ao seu marido para aumentar o aquecimento um bocado, e logo, ou telefonarei ao dono e apresentarei queixa. Para que é que a senhora pensa que eu pago aluguel? Para ser refrigerado? Tudo estava subindo. O Ancião, porém, desconfiou que não subia o salário do Sr. Robichaud. Que pena, pensou, que alguns dos donos de edifício de apartamentos fossem tão cegos para pôr um homem como encarregado de um prédio que custou alguns milhões para construir — e que, com toda probabilidade, mal lhe pagam o suficiente para manter reunidos corpo e alma. Sim, os preços sobem para enriquecer ainda mais os que já possuem demais.

Pagamento? Pagamento? O preço de tudo está subindo? Sim, esta é uma boa pergunta. Perguntam-me por que os ocultistas esperam ser remunerados por conselhos ou informações. Seria errado cobrar pela ministração de conhecimentos ocultistas. Muito bem, Sr. Fulano de Tal, procure seu advogado, seu médico ou seu armazém, vá aonde quiser e, se desejar alguma coisa, terá que pagar por ela. O seu advogado gastou muito dinheiro para formar-se, passou necessidades como estudante e como advogado recém-formado. Investiu tempo e dinheiro em conhecimentos

especializados e espera, com toda razão, uma remuneração adequada de seu investimento. O seu médico também teve dias difíceis como universitário. Foi obrigado a estudar, fazer a ronda das enfermarias e submeter-se a exames severos para ver o quanto ou o pouco sabia. Se ele presta como médico, está estudando ainda, mantendo-se a par dos últimos progressos, lendo ainda sobre resultados de pesquisas. Gastou muito dinheiro nos estudos, investiu no futuro e, da mesma forma que o advogado, o corretor, ou qualquer pessoa, espera uma remuneração adequada pelos seus investimentos. Tente ir ao armazém de secos e molhados conseguir provisões gratuitas. Diga ao dono que ele é um criminoso por ter tantos alimentos nas prateleiras enquanto você não tem coisa alguma na sua casa, diga-lhe que é criminoso — tendo tantos alimentos e você nenhum — cobrar-lhe por eles. Faça isso e, provavelmente, será levado às pressas para o asilo de alienados local, como non compos mentis. O oculista ou metafísico autêntico — e eu sou um deles - passou longo tempo aprendendo e sofrendo. Como tais, muito embora façamos o possível para ajudar aos demais, temos ainda direito de viver, de comer, de vestir e, como tal, cobramos pelos nossos serviços. Pergunte a seu médico, seu fornecedor ou seu advogado se isto não está correto. A mesma carta contém outra pergunta. Talvez seja bom respondê-la ao mesmo tempo, desde que se aplica às observações acima. A pergunta é a seguinte: "Estive em Vancouver e moro na Colúmbia Britânica. Há ali um homem que cobra grandes somas para responder a perguntas. Diz que é aluno seu, que trabalha em estreito contato com o senhor, e que o senhor o aconselha quando ele está em dificuldades. Esse homem tomou-me uma grande soma e deu-me informações em que não há o menor grão de verdade. O que é que o senhor tem a dizer a esse respeito?" Para começar, não trabalho com pessoa alguma. Não tenho nenhum aluno. É uma deslavada mentira dizer que trabalho em íntimo contato com algum cartomante. Com excessiva freqüência, quando ele acerta, induz a pessoa a fazer o que ele ou ela não faria em circunstâncias comuns. Mas trataremos desse ponto logo em seguida. Se o leitor tem motivos para acreditar que a pessoa se faz passar como aluno meu, e que ganha dinheiro sobre essa falsa alegação, então tudo o que tem a fazer é ir à delegacia de, polícia mais próxima e conversar com alguém do esquadrão de mistificações. Explique-lhe a situação e, se quiser, mostre-lhe este livro, esta página, onde declaro, de uma vez por

todas, que não tenho aluno nenhum e que não trabalho com cartomantes ou aves da mesma plumagem. Diga-lhe que não tenho discípulos, que não os quero e que, na verdade, eles constituem um maldito incômodo! Mas, naturalmente, isto fica entre mim e você. Discípulos andam em volta dizendo: "Sim, Mestre isso; sim, Mestre aquilo", atrapalham-nos, saem do madeiramento como cupins. Há muitos e muitos anos resolvi que jamais teria discípulos nem alunos. Isto tudo faz o seu cartomante em Vancouver, Colúmbia Britânica, parecer um pouco tolo, não? Não, madame, não me culpe por ter recebido informações falsas. Eu não dou informações nem as vendo. Escrevo livros e aqui, mais uma vez, tem a minha declaração taxativa de que todos eles são autênticos. Eu não juraria isso sobre uma pilha de Bíblias porque não sou cristão e isso não me significaria mais do que jurar sobre uma pilha de jornais velhos. Mas, repito, todos meus livros são autênticos. É insensato, saibam, preocupar-se com cartomantes. Afinal de contas, todos nós viemos à terra como alunos chegam a uma escola. Agora, suponhamos que você fosse para a faculdade e, durante as férias, ou num meio dia de folga, procurasse alguma velha charlatã que, com toda probabilidade, usa brincos e turbante, e lhe dissesse: — Eh, o que é que eu vou fazer no próximo período de aulas? Não direi a ninguém se me contar. Bem, a velha cartomante não poderia contar muita coisa, poderia? Não saberia que cursos você está seguindo, quais as suas ambições secretas, onde se encontram suas fraquezas. Não! A cartomante comum é mais ou menos assim. Agora, leia isto com atenção e grave-o na memória; nenhum ser humano pode consultar o Registro Akáshico de outro ser humano sem "Permissão Divina". E, acredite, a Permissão Divina é mais rara do que cabelo em casca de ovo e se alguém lhe disser que vai sair durante um momento para consultar o Registro Akáshico, e que voltará com uma planta baixa de sua vida passada e futura, diga-lhe o que pensa e, se for sabido, procure o Esquadrão de Mistificações se houver dinheiro envolvido. Todos nós estamos aqui com uma missão. Se escutarmos as cartomantes, que não sabem o que dizem, poderemos ser desviados e, em vez de transformar a vida num sucesso, poderemos ser profundamente decepcionados, desencorajados ou desencantados. A melhor coisa é meditar devidamente e, se fizer isso, descobrirá uma porção de coisas a seu respeito — habitualmente bastante horríveis. Descobrirá as situações em que errou por ouvir os demais. Naturalmente, pode escutá-los, mas tem que fazer

pessoalmente uma opção e prosseguir com plena responsabilidade pelos seus atos.

Uma das declarações mais tolas que já se fez até hoje foi que nenhum homem é uma ilha. Tolo, não? Claro que todo homem é uma ilha para si mesmo. Se ingressar em cultos e grupos, você não será um indivíduo. Será apenas alguém que vive em comunidade. Se se tornar membro, não estará aceitando sua responsabilidade como ser individual. Sem dúvida, isto causará grande alarido entre os que anunciam cursos metafísicos por correspondência, que custam grandes somas durante toda a vida e retribuem muito pouco. Mas a verdade é a seguinte: não importa o que lhe disse sua mãe ou o líder de seu grupo, ou o alto detentor místico da chave simbólica do colégio por correspondência. Quando você passar desta vida para outra, você, e você somente, terá que responder ao seu Eu Superior pelo que fez e deixou de fazer. É de uma inutilidade total pensar que pode dizer: "Oh, não me pode culpar disso. Fiz apenas o que mamãe mandou. Se ela estivesse aqui, ela mesma confirmaria isto." Mas isso é idiota. Você tem que assumir a responsabilidade, e mais ninguém. E se tem que assumir a responsabilidade, que é inescapável, por que se deixar persuadir a fazer alguma coisa por uma turma que só quer seu dinheiro ou um pouco de poder na liderança de um grupo? Esse tipo de pessoa não ficará a seu lado, quando o seu Eu Superior lhe julgar a vida. Mais uma vez, deixe-me repetir: você, e você apenas, terá que responder ao seu Eu Superior e, por conseguinte, você, e você somente, deve viver sua vida e tomar suas decisões, e aceitar ou rejeitar responsabilidades como você, e você sozinho, achar conveniente. É inútil prestar ouvidos ao Sr. Fulano de Tal, Presidente da Sociedade Metafísica do Dente de Porco, que lhe dirá isto, aquilo e mais aquilo, e que afirmará que, se você fizer o que seu culto sugere, você ganhará uma poltrona reservada no céu com lições gratuitas de harpa, de quebra. Você não sabe. Se o Sr. Fulano de Tal soubesse do, que estava falando, ele não diria tanta bobagem. Em vez disso, estaria tão ocupado ajustando sua vida e preparando-se para o próprio julgamento que não se intrometeria nas responsabilidades dos demais. Da mesma forma, é estúpido ser convencido ou influenciado pelas velhas de ambos os sexos que tagarelam e uivam que você deve ingressar no grupo religioso delas, dizendo-lhe que será condenado ao inferno em caso negativo, e como será maravilhoso se o fizer. Bem, mais uma vez, lembrese de que nenhuma

dessas pessoas responderá por você mais tarde. Há um número excessivo de pessoas que vivem balindo por aí, "Que Deus o abençoe". Fingem que têm autorização direta de Deus para abençoá-lo e dar absolvição por atos passados. Bem, pensar-seia que Deus deve viver horrivelmente ocupado! Essas pessoas são absolutamente iguais a você, e a todos nós, nem melhores e, talvez, não piores. Podem estar enganadas, podem pensar que, porque usam o colarinho ao contrário, ou porque lêem num livro, transformam-se automaticamente em santos.

Como vocês sabem, conhecer metafísica não transforma pessoa alguma, necessariamente, num ser espiritual. Segundo as lendas, o bom e velho Satã conhece muito bem um ou dois truques de metafísica, mas ninguém vai chamá-lo de ser espiritual, isto é, não da maneira correta. Voltando ao assunto, todos podem reunir conhecimentos metafísicos, por pior que seja a pessoa. Ele ou ela pode aprender tais coisas e não precisa, inicialmente, de certo grau de espiritualidade. Mas uma grande e piedosa Providência quase sempre, não sempre, mas quase, ordena as coisas de tal modo que, se um vilão empedernido estuda metafísica, ele perde a primeira camada de dureza e pode até mesmo acabar revelando o sujeito decente que existe por baixo. Mas não acredite na propaganda a respeito do "Santificado Sr. Fulano de Tal, que agora é um Swami". Swami quer dizer senhor, sabia disso? Não constitui um título místico. A pequena palavra Swami tem realmente valor para certas pessoas, mas não se deixe enganar por ela. Bem, temos aqui outra pergunta que, realmente, acabamos de responder. E a seguinte: "Diga-me, por que não devemos empreender atividades metafísicas em grupo, mas sempre realizá-las a sós?" Já respondi a isso, mas talvez possa acrescentar alguma coisa. Há algum tempo recebi a "literatura" de um grupo que me queria como filiado. Jactava-se de grandes classes, que meditavam em conjunto. Vocês já leram coisa mais estúpida do que "meditavam em conjunto"?

Se possuíssem uma migalha de conhecimentos metafísicos saberiam que não se pode meditar coletivamente. Querem saber por quê? Todos os seres humanos radiam energia, ondas, de pensamentos e de prana, e todos são, até certo ponto, telepáticos. Bem, se um grupo se reúne e medita sobre seus assuntos — com toda certeza há um entupimento nas tubulações e é impossível fazer uma meditação que valha a pena. Ocorre a mesma coisa nas grandes multidões. Vejamos uma multidão no jogo de futebol, por

exemplo. Temos alguns milhares de pessoas normais, algumas delas muito bem equilibradas, algumas delas birutas de jogar pedra, e todos se reúnem no mesmo lugar. Conversam sobre o jogo e alguma coisa acontece. Alguém pensa e diz certa coisa e, inesperadamente, forma-se na multidão uma personalidade coletiva, surge a histeria de massa. Pessoas são pisoteadas, danos imensos são infligidos ao estádio, as cadeiras se quebram, a multidão sai em turbamulta pelos portões, uivando e berrando, destruindo tudo à frente. Mais tarde, no momento em que a multidão se dissolve, os que são responsáveis sentem-se mal e, profundamente envergonhados, perguntam-se o que lhes aconteceu. A mesma coisa acontece na meditação coletiva. Pensar todo mundo a mesma coisa pode pôr em vigor a Lei do Esforço Reverso. Eu disse "pensar a mesma coisa". O mero fato da meditação, de meditar, é suficiente, porque, se a pessoa medita, isto é um ato definido e cada pessoa acrescenta sua própria contribuição à recém-criada forma de pensamento ou personalidade grupal e, a menos que haja algumas pessoas altamente treinadas — e são raras — que possam controlar as coisas, os resultados dessas reuniões são todos os tipos imagináveis de doenças nervosas. Assim, repito, se quer que esta seja última passagem na Roda da Vida, não ingresse em grupos ou cultos, viva sua vida, aceite suas responsabilidades, tome as próprias decisões. Oh, sim, sem dúvida, ouça os conselhos dos demais, compare os que recebe, e decida por si mesmo. E quando deixar esta Terra e estiver no Saguão das Recordações com os joelhos chocalhando de medo e receber a sentença do seu Eu Superior sobre seus pecados de ação e emissão, pode ouvir algumas palavras de louvor e sair pensando: "Sim, sim, estou satisfeito porque segui o conselho de Lobsang Rampa. Ele tinha razão, afinal de contas". Com o findar do dia, a "Família" reuniu-se em torno da cama do Ancião. A Srta. Cleópatra olhava para os navios ancorados no porto, e a Srta. Tadalinka sentava-se no colo do velho. Ma encostou as primeiras páginas datilografadas do original que estivera lendo e, quase no mesmo instante, Buttercup pôs de lado a sua cópia. — Bem? — perguntou o Velho. — O que é que acham? Ma coçou a orelha e disse: — Está bom. Fez-me rir e isto deve ser um teste suficiente. — E você, Buttercup, o que é que acha? — perguntou o Ancião. Buttercup... Bem, ela olhou novamente para as páginas datilografadas e, ao levantar os olhos para o Ancião, disse: — O senhor se repete, como sabe. Aquela parte a respeito do pagamento aos metafísicos... O senhor disse

alguma coisa a respeito no Além do 1º. Décimo. — Mas claro que me repito — disse o Ancião um tanto exasperado. — Como é que eu sei que a pessoa que está lendo este livro leu também Além do 1º. Décimo? E estas coisas, no meu entender, são tão importantes que, decerto, justificam a repetição. Afinal de contas, se você vai à escola o professor não diz uma coisa uma única vez e espera que a tenha gravado para sempre, não é? Ele a repete. Ma interrompeu — quase como se fosse impedir uma briga! — dizendo: — Você diz que não tem discípulos, que não está interessado em pessoa alguma. Mas o que me diz de John?" O Ancião lembrou-se da pressão arterial, dos vários achaques e sentiu-se desajeitado na sua válvula de segurança — se o corpo as tem. Mas de qualquer maneira abafou, como tão freqüentemente tora obrigado a abafar, vários comentários que lhe subiram à mente quase espontaneamente. — Muito bem, faremos uma exceção para John. Muito bem, esclareçamos uma ou outra coisa que você diz que não foi adequadamente explicada. E assim, lá vai.

Com muita freqüência, encontramos um homem ou mulher que sente uma profunda ânsia de atender a impulsos espirituais, de melhorar a natureza e a demonstrar que o carma pode ser modificado. Uma dessas pessoas chama-se John Henderson. Todos gostamos muito de John Henderson... humm, deixe-me introduzir aqui uma ressalva. A distração dele é o teatro e ele é um excelente ator, exceto quando tenta fazer o papel de padre irlandês. O seu sotaque irlandês lembra muito mais o de Bronx, em Nova York. Mas isto é uma digressão. John Henderson é um homem bom, que está tentando e obtendo êxito. Sugeri-lhe veementemente que mais tarde, quando estiver um pouco mais velho, funde um retiro espiritual onde possa ajudar a quem precisa de auxílio. Ele não será um ledor de cartas nem tentará iludir pessoa alguma. Assim, dentro de três ou quatro anos, é possível que o leitor leia a respeito de John Henderson, nos melhores termos, naturalmente. Isto fica entendido. Perguntou Buttercup: — Mas de que maneira a metafísica ajuda a pessoa a tornar-se mais espiritual? O senhor diz que todos podem estudá-la e que, de modo geral, até os maus se tornam bons quando a estudam. Como? — Bem, antes da ocupação do Tibete pelos comunistas havia várias inscrições gravadas nas vergas das portas das entradas de lamaserias, tais como: "Mil monges, mil religiões", ou "O manto amarelo não faz um monge". Por má sorte, há grande número de notórios mistificadores e falsários no ocultismo, muita coisa é difícil de refutar e grande parte

depende do que o indivíduo quer saber. Alguns vagabundos que estudam metafísica, ou fingem estudá-la, reúnem alguns conhecimentos e começam a agir como se fossem o próprio Deus, que tudo sabe, e mais alguma coisa. Na verdade, a maioria dessas pessoas é justamente isso — vagabundos ignorantes, e nada mais. Não estudam realmente com a intenção de progredir nem de ajudar aos outros. Tentam aprender tinturas de ocultismo para ganhar dinheiro fácil. São adeptos de cultos ou procuram criá-los. Lançam-se no mundo com uma turma de pretensos "discípulos" e perpetraram toda sorte de crimes espirituais, desencaminham e desviam pessoas do que seria as suas verdadeiras missões. Atualmente, nos últimos anos, surgiu uma grande horda de pessoas que, com todo o motivo, poderíamos chamar de "os grandes sujos"! A maioria não apenas não toma banho, mas exala mau cheiro física e espiritualmente. Parecem orgulhar-se de andar de andrajos e sentirem orgulho maior ainda em serem mal-educados e grosseiros. E ser mal-educado e grosseiro é a mesma coisa, não? Mas, de qualquer maneira, são mal-educados e também grosseiros. Deixem-me dizer-lhes, como digo com tanta freqüência em carta, que não há virtude em ser sujo. De fato, no caso de alguns deles, eu gostaria de começar com uma grande raspadeira de suínos e remover as primeiras camadas de sujo para verificar o que existe realmente por baixo.

Bem, voltando à pergunta de Buttercup sobre o motivo por que a pessoa deve estudar metafísica: ao estudá-la está recuperando o que devia ser um direito de nascença seu. A metafísica tem um nome esquisito, mas isso porque pessoas esquisitas dele abusaram. Para dizer a verdade, no passado, todos possuíam poderes metafísicos, isto é, todos eram clarividentes e telepatas, muito embora, por os violentarem, os tivessem perdido, atrofiando-se a capacidade. Acontece a mesma coisa com a pessoa obrigada a permanecer na cama durante muito tempo. Se nela fica e não pode exercitar as pernas, perde a capacidade de andar, esquece como fazê-lo e, quando a doença que obrigou o pobre-diabo a nela permanecer é curada, ele ou ela tem de aprender a andar novamente. O cego de nascença que, inesperadamente, por um milagre da ciência, ganha o sentido da visão, precisa ser treinado na arte de ver, porque, quando enxergar pela primeira vez, não compreende o que está vendo. A pessoa precisa aprender a fazer coisas em três dimensões, a julgar distâncias. Sobre o assunto é grande minha experiência pessoal, porque estive cego e a volta inesperada da visão

chegou-me como um choque. As pessoas estudam metafísica, portanto, para recuperar poderes que seus ancestrais possuíam e que perderam. Mas, de que modo a metafísica ajuda até mesmo aos maus a se tornarem menos maus e finalmente mais espirituais? É fácil. Ao estudar metafísica, o indivíduo realmente eleva as suas vibrações e quanto mais altas, mais espiritual ele se torna. Por isso mesmo, se um verdadeiro bandido sofre uma súbita mudança íntima e começa a estudar metafísica, o simples ato de estudar conhecimentos ocultos torna-o uma pessoa melhor, simultaneamente reduzindo-lhe o valor como bandido.

CAPÍTULO 4 O ÊXITO É A CULMINAÇÃO DE TRABALHO ÁRDUO E DE PREPARAÇÃO EXAUSTIVA — Mas por que as multidões se descontrolam? — Buttercup não queria deixar o assunto morrer. — Você diz que as multidões nos campos de futebol entram em pânico. Sabemos que é assim, mas por que e como? Que mecanismo é acionado? O Ancião suspirou, pois tencionava discutir assunto muito diferente, mas uma pergunta é uma pergunta e talvez haja numerosas pessoas interessadas no por que, no como, *etc.* As pessoas, sem exceção, estão envolvidas por um campo magnético. Naturalmente, as mulheres também e, por mais triste seja dizer, o campo em torno da fêmea da espécie é mais forte do que o do macho. Possivelmente, é por isso que se supõe que ela seja perigosa! As pessoas, portanto, possuem um campo magnético em torno do corpo. Este campo não é a aura. Chama-se corpo etérico e, se vocês acham difícil imaginá-lo, pensem, em vez de um grupo de pessoas, em um conjunto de eletroímãs retos. Naturalmente, ficarão em pé sobre uma das extremidades como as pessoas. Digamos, portanto, que o Norte aponta para cima e o Sul para baixo. Bem, logo que se reúnem numerosos eletroímãs com seus campos interatuantes, alguns se mostram mais fortes e outros mais fracos, e talvez uns tantos sejam algo deformados. Em conjunto, criam uma força realmente formidável que exerce forte efeito sobre estruturas próximas. De maneira muito parecida, os humanos, com seus eletroímãs internos, influenciam-se mutuamente. Alguns campos são perturbadores, em vez de opostos a outros, e criam uma onda de descontentamento que pode crescer e afetar pessoas que são, em geral, bastante sensatas e estáveis. Numa multidão no estádio, todo mundo pensa mais ou menos na mesma coisa, isto é, no jogo. Sabemos que talvez metade da multidão quer que um dos lados vença e que a outra metade deseja justamente o contrário, mas podemos

ignorar essa divergência, porque pensam basicamente na mesma coisa — na "vitória". Dessa maneira, enquanto o jogo está em andamento, o campo magnético é reforçado cada vez mais pelos pensamentos positivos de "vitória". No momento em que algum jogador dá um passe errado, um dos lados fica louco de alegria e consegue um aumento de potência, enquanto o outro fica abatido e lhe ocorre uma inversão, o que, mais uma vez, provoca uma nota discordante no que poderíamos chamar de frequência básica dos seres humanos.

Em certas condições, gera-se a histeria de massa. Pessoas habitualmente muito decentes e bem comportadas perdem o juízo e cometem atos de que se arrependem profundamente mais tarde. O leitor sabe que todas as pessoas possuem um censor interno, aquela "vozinha que nos mantém no caminho reto e difícil". Logo que se desencadeia a histeria de massa, a Kundalini das pessoas é afetada. A corrente inversa (observem com atenção que se trata de uma corrente inversa) percorre a coluna vertebral, superando os bons impulsos de Kundalini e, temporariamente, domina o censor interno. Dominado o censor não há limite à destruição, ao vandalismo, à selvageria mais completa de que é capaz o ser humano. Cada novo ato parece reforçá-los. As pessoas ignoram os ferimentos que recebem, sofrem contusões e cortes na confusão e nem sequer os notam. Os mais fracos tombam e são pisoteados. O pânico se estabelece e a massa arremete contra as saídas e barreiras e, pela pura força dos números, abre caminho, deixando atrás uma longa esteira de feridos. Logo que a multidão se dissolve, cai e desaparece a potência magnética, e algumas pessoas "recuperam o juízo". As que podem escapar e voltar às suas casas sentem profunda vergonha de si mesmas, ao passo que os que são transportados no tintureiro arrefecem os ânimos no que a Polícia deselegantemente chama de "geladeira". A geladeira, claro, é uma cela onde os temperamentos esquentados têm tempo de esfriar. Oh, sim, naturalmente coisas desse quilate podem ocorrer em menor grau em reuniões de grupos e cultos. Pode-se conseguir mais ou menos a mesma coisa quando uma horda se reúne e imagina que medita. De fato, não o faz e cria uma corrente inteiramente oposta que mais prejudica do que beneficia. Senhoras e senhores, e refiro-me aos bem intencionados que tentam ajudar aos demais, peço-lhes a atenção para algo de importância vital para os sofredores. Já tentaram por acaso a denominada "cura a distância?" Já resmoncaram às

pressas uma porção de orações pelos que sofrem? Acham que estão fazendo um grande bem ajudando a curá-los, e tudo mais? Como vítima dessas tentativas bem intencionadas, quero proferir um brado de protesto em nome dos sofredores. Suponhamos que três, quatro, cinco ou seis pessoas querem curar sem contato um pobre doente. Essas pessoas podem estar animadas das mais puras das intenções, mas não conhecem a natureza exata da doença que o aflige e procuram efetuar uma cura global. E, acreditem-me, fui seriamente prejudicado por essa cobertura geral. É muito perigoso hipnotizar uma pessoa e levá-la a acreditar que não padece de uma doença, quando, de fato está quase morrendo. Não é menos perigoso tentar a cura a distância, a menos que você seja médico e conheça a natureza da doença e os efeitos colaterais que ela produz. Mais uma vez deparamos nossa velha amiga, ou, com maior probabilidade, a velha inimiga, a Lei do Esforço Inverso. Em certas situações, se o indivíduo deseja ardentemente determinada coisa e nela concentra pensamentos não treinados, em vez de conseguir um resultado positivo, é premiado com um negativo. E quando cinco ou seis pessoas fazem a mesma coisa, o sofrimento da vítima. . . Bem, eu sei o que é isso! Minha recomendação mais veemente, baseada em experiência pessoal muito infeliz, e que nenhum de vocês tente a cura a distância sem conhecer a natureza exata da moléstia, os efeitos secundários que se poderão esperar e a sua gravidade. Vocês já estiveram por acaso numa zona densamente povoada e tentaram captar um programa de rádio? Fica-se com a impressão de que estações convergem de todos os quadrantes, cada uma interferindo na outra com um resultado que é uma total cacofonia, sem um som claro em todo o conjunto. É isso o que se consegue com a cura a distância. Eu ouço muita onda curta, que é mais ou menos a minha única diversão atual. Às vezes, uma estação sofre interferência da Rússia ou da China, e os uivos, lamentos e notas sobrenaturais levam-me a desligar às pressas. Por má sorte, não é tão fácil desligar quando um grupo de pessoas tenta, sem saber o que faz e em conflito entre si, efetuar curas a distância. Atentem bem para isso. As pessoas interessadas podem ser inspiradas pelos motivos os mais nobres, mas, a menos que tenham sido educadas como sacerdotes ou médicos, não é coisa que se possa recomendar. Um dia destes, um motorista de táxi fez uma pergunta a Buttercup. Disse ele: — Você não acha que os jovens são hoje muito mais vivos e mais inteligentes do que os pais? — Buttercup

tinha comentários próprios sobre a pergunta e, com toda a probabilidade, eram os mesmos que faço. — Vocês pensam que os jovens de hoje são mais vivos do que os pais na mesma idade? Não, por Deus, não acho. Penso que são muito mais embotados. Acho que alguns deles constituem hoje apenas uma turma de exibicionistas que anda por aí de cabelos compridos e roupas andrajosas. O cheiro que exalam é suficiente para levantar-nos o chapéu na cabeça. Não apenas isso, mas muitos deles parecem inteiramente estúpidos. Há alguns anos, quando os pais, não, vamos recuar um pouco mais, quando os avós eram adolescentes, tinham que trabalhar, estudar e não podiam assistir a programas de televisão durante o tempo todo ou aumentar ao máximo o som dos aparelhos de alta-fidelidade. Eram obrigados a fazer coisas, a criar os próprios divertimentos. Isto lhes ensinava a pensar. Hoje, parece que os jovens não conseguem fazer-se compreender no que deveria ser seu próprio idioma. São analfabetos, totalmente idiotas, de fato. Existem por aqui por perto crianças em idade escolar e o que sabem de inglês é praticamente coisa alguma. Não conseguem ordenar uma frase. Parecem tão analfabetos como hotentotes, que nem mesmo sabem o que é uma escola. Pessoalmente, acho que crianças e adolescentes estão assim porque ambos os pais trabalham fora e ignoram o requisito absolutamente essencial de que a geração crescente precisa ser ensinada por aquela que substitui. Penso, igualmente, que a televisão e o cinema têm muita culpa pelo analfabetismo e preguiça mental geral do adolescente típico. Os filmes e os espetáculos de televisão mostram um mundo inteiramente artificial, em um conjunto de condições não menos forjadas. Mostram casas maravilhosas, propriedades deslumbrantes e mobiliário fantásticamente caro. Os astros do cinema parecem ter frotas de Cadillacs e hordas de namorados e namoradas. A imoralidade não é apenas tolerada, mas realmente estimulada. A atriz Dinah Qualquer Coisa, por exemplo, bravateia a respeito de quantos amantes teve, deixando-os de joelhos moles e trêmulos, enquanto o ator Hector de Tal orgulha-se de ter tido talvez quatorze esposas, presumivelmente divorciando-se delas uma depois da outra. Mas, de qualquer modo, qual a diferença entre a prostituição e esses atores e atrizes que mudam de companheiro como, bem, quem muda de camisa ou vestido? Eu ia dizer outra coisa, mas talvez senhoras estejam lendo este livro. Minha resposta, por conseguinte, é que penso que o padrão geral de educação cai com grande rapidez. Acho que a educação na Europa é muito superior, de longe,

à ministrada nos Estados Unidos e Canadá, mas, na Europa, há ainda certa espécie de disciplina paterna. Hoje em dia, simples crianças fazem pequenos trabalhos, trabalham durante algumas horas e recebem dinheiro suficiente para entregar-se a tropelias, comprar todos os tipos de rádios caros, um automóvel, quase tudo que desejam. Se não possuem dinheiro contado, compram a crédito e ficam amarrados pelo resto da vida como se tivessem tomado drogas. Qual a utilidade de ministrar educação quando, na maior parte, ela parece ensinar às pessoas que devem possuir coisas que não têm a menor possibilidade de obter? Acho que deveria haver um restabelecimento da disciplina religiosa, não necessariamente cristã, budista ou judaica, mas uma volta a alguma forma, porque, até o mundo aceite certa disciplina espiritual, continuará a produzir espécimes humanos cada vez piores. Grande número de jovens me escrevem chamando-me de velho tonto porque não aprovo o uso de tóxicos. Ora, esses jovens, de dezesseis, dezessete ou dezoito anos, pensam que tudo sabem, que toda a fonte dos conhecimentos lhes é acessível, em vez de reconhecerem que mal principiaram a viver, que praticamente nem saíram ainda do ovo. Sou definitiva, total e irrevogavelmente contrário aos tóxicos de todos os tipos, a menos que administrados segundo rigorosa prescrição médica. Se uma pessoa lança um vidro de ácido no rosto de alguém, os resultados são visíveis, a pele cai, os olhos queimam, o ácido abre profundos sulcos no queixo e pinga no peito. Q resultado é, de modo geral, horrível. Mas constitui um ato de bondade em comparação com o que acontece aos viciados em tóxicos. As drogas mal usadas, e todas as tomadas sem supervisão médica são mal usadas, podem queimar o corpo astral da mesma maneira que o ácido cauteriza o corpo físico. O viciado que morre e chega ao mundo astral passa por uma experiência horrenda. Obrigam-no a internar-se no que, para todos os efeitos, é um hospital mental astral, porquanto o corpo astral apresenta-se empenado e deformado. E talvez passe muito tempo antes que os cuidados mais hábeis que possa receber consigam devolver ao corpo astral algo que pareça um estado aceitável. Pessoas tresvariavam a respeito desse tóxico totalmente mau, o LSD. Pensem no número de suicídios, nos que foram comunicados, e nos que foram mantidos em sigilo, no dano causado em termos de insanidade e violência. O LSD, a maconha, a heroína e todas elas são, sem exceção, demoniacamente más. Por infelicidade, os jovens não parecem capazes de

aceitar os conselhos dos mais idosos, das pessoas experientes. É verdade que o LSD, por exemplo, consegue separar o corpo astral do físico, mas, com grande freqüência, o primeiro desce a um dos compartimentos mais baixos do inferno, um dos mais estranhos planos astrais. E, ao voltar, o próprio subconsciente está causticado pelos horrores por que passou. Dito isso, aconselho aos jovens que me lêem que evitem os tóxicos, muito embora pensem que a droga X ou a Y é inofensiva. Se forem tomadas sem supervisão médica, quem sabe se você não tem alguma idiossincrasia que o torna especialmente suscetível a elas? E, antes de muito tempo, você estará no anzol, sem esperança de salvação. Lembrem-se que todas são prejudiciais e que, muito embora por algum acaso remoto, os seus efeitos não apareçam no físico durante algum tempo, aparecerão com a maior clareza no corpo astral e na aura. Por falar nisso, se tomam tóxicos e lesionam: os corpos astrais, ingressam na mesma categoria dos suicidas. E se a pessoa comete suicídio, terá de voltar a esta terra para cumprir sua sentença, que é uma maneira de encarar a questão, ou completar seus deveres, que é outra. Qualquer que seja o ângulo de onde se encare a questão, não há desistências nas Pastagens Celestiais nem, por falar nisso, nesta terra. Se complicar as coisas desta vez e não aprender o que veio aqui aprender, você voltará, mais de uma vez, se preciso, até que aprenda a lição. O vício de tóxicos é, por conseguinte, algo muito sério. E diga-se que medida alguma tomada pelo governo pode ser excessivamente severa para resolver o problema. A melhor maneira de enfrentá-lo, porém, é cada pessoa, sem exceção, resolver que não tomará tóxicos. Dessa maneira, não cometeremos suicídio espiritual e não seremos obrigados a regressar à terra em condições ainda piores.

Referime, no último parágrafo, aos suicídios espirituais — repetindo observações contidas em outros livros meus — e sobre suicídios comuns. Recebo um espantoso número de cartas de pessoas que me dizem que vão cometê-lo. Talvez tenham tido uma decepção amorosa, ou talvez não, e viveram o suficiente para lamentar o fato, mas, o que quer que seja, fico atônito com o número de pessoas que me dizem que vão acabar com a vida. Deixem-me declarar mais uma vez, como declaro constantemente, que o suicídio jamais, jamais se justifica. Se a pessoa o comete, volta a bofetões para a terra para "matricular-se" novamente. Portanto, não pensem que podem escapar das responsabilidades cortando o pescoço, os pulsos, ou

coisa parecida. Não podem. Há alguns anos um rapaz algo instável cometeu aparentemente suicídio, deixando uma nota dizendo que voltaria dentro de alguns anos. Bem, infelizmente, um exemplar de um dos meus livros (Você e a Eternidade) foi encontrado junto ao corpo. A imprensa teve um dia de festa, "delirou de alegria, juntou toda a evidência que podia e consultou outras pessoas se podiam contribuir com algo mais. E o mais espantoso de tudo foi que disse que eu havia encorajado o ato. Na verdade, nunca o fiz. Amiúde, penso que gostaria de assassinar o pessoal da imprensa, mas esse destino seria bom demais para ele. Que continue a cometer seus erros e que pague por eles mais tarde. Pessoalmente, acho que a maioria dos jornalistas é subumana. Acredito que a imprensa é a força mais maligna existente hoje na terra porque distorce os fatos, tenta desencadear a agitação e a fúria, e levar os povos à guerra. Se os líderes do governo pudessem sentar-se e discutir sem que a imprensa trombeteasse um chorrilho de mentiras e arruinasse relações cordiais, teríamos mais paz no mundo. Sim, enfaticamente, louvado na própria experiência, acredito que a imprensa é a força mais maligna ora existente. Menciono tudo isso porque a imprensa chegou a noticiar que o rapaz pensava que voltaria e recomeçaria. Bem, isso é fato e o rapaz terá que voltar. Mas, deixem-me repetir, nunca, em hipótese alguma, encorajei suicídio. Como declarei invariavelmente durante toda a vida, o suicídio não se justifica nunca. E muito embora alguns budistas e cometam na crença de que isto lhes ajudará a causa ou promoverá a paz, sustento ainda que coisa alguma o desculpe. A minha enérgica recomendação, por conseguinte, é nem sequer pensar no suicídio. Não ajuda em coisa alguma e obriga o indivíduo a voltar em piores condições. E se resistir aqui, verá que a situação nem sempre é tão má como se teme. As piores coisas jamais acontecem. Pensamos apenas que poderiam acontecer. Suicídios, cadáveres, etc., etc. Bem, temos aqui uma pergunta que me chegou ontem. Pergunta uma senhora: "A nuvem que paira sobre um cadáver durante três dias é a alma ou o corpo astral? A alma não parte logo para o Outro Lado?" Ora, sim, claro. A alma deixa o corpo com o corte do Cordão de Prata da mesma maneira que a criança é inteiramente separada da mãe com o corte do cordão umbilical. Até que o cordão umbilical seja cortado a criança coexiste com a mãe. Da mesma maneira, até que o Cordão de Prata seja partido o corpo astral coexiste com o corpo físico. A nuvem que paira sobre o cadáver durante três dias, mais ou menos, é apenas

energia acumulada que se dissipa. Examinemos a questão de outro ângulo. Suponhamos que tomamos uma chávena de chá, a bebida c servida, c que, antes de bebêlo, somos chamados. O chá permanece quente, embora se torne cada vez mais frio. De idêntica maneira, até que o corpo perca toda a energia acumulada durante a vida, paira uma nuvem sobre ele, que se dissipa gradualmente em pouco mais de três dias. Vejamos outro exemplo: suponhamos que temos uma moeda na mão c que subitamente a deixamos cair. A energia transmitida pelo calor da mão não se dispersa imediatamente. É preciso algum tempo para que se dissipe o calor transmitido à moeda pela mão e para que ela volte à temperatura normal do ambiente. Da mesma forma, o corpo astral pode separar-se inteiramente do corpo físico, muito embora, em virtude do princípio da atração magnética, ele possa ainda sentir a carga em torno do corpo físico. Assim, até que a carga desapareça, diz-se que o corpo físico e o astral permanecem ligados. Um dos horrores de morrer nesta parte do mundo c a prática bárbara aqui na América do Norte de embalsamar os cadáveres. A mim parece algo semelhante a rechear um frango. No meu próprio caso, vou ser cremado, que é muito melhor do que ser objeto das atenções do embalsamador e de seu ajudante. E, como disse uma certa gata: "O Ancião está tentando terminar Alimentando a Chama antes de alimentá-la." De minha parte, digo que nutro a esperança de que ponham na porta do crematório (quando eu estiver dentro) um aviso: "Fritura hoje à noite." Uma senhora — tenho certeza de que é uma senhora pela maneira elegante como escreve — pergunta-me: "Por que vocês ocultistas dizem que isto é assim, aquilo é assado, mas nunca apresentam provas? As pessoas precisam de provas? Por que não as fornecem? Por que devemos acreditar cm tudo? Deus nunca me dirigiu uma palavra e os astronautas não encontraram sinais do céu no espaço." Prova! Isto é uma das grandes coisas, mas responda-me a esta: se a pessoa tem visão num país de cegos, de que modo pode provar que ela existe? Além disso, como fornecer provas quando tantas pessoas não acreditam mesmo quando a prova lhes é posta sob o nariz? Houve numerosos cientistas eminentes (lembrome, no momento, apenas de Sir OU ver Lodge), um número bastante grande de nomes famosos interessados em provas, na cooperação da ciência com o mundo oculto. Em 1913, Sir Oliver Lodge, um homem de altos dotes espirituais, dirigiu-se a uma associação muito importante na Inglaterra. Disse ele: "Ou somos seres imortais ou não

somos. Talvez não possamos conhecer nosso destino, mas devemos ter algum tipo de destino. A ciência talvez não possa revelar o destino humano, mas decerto não pode obscurecê-lo." E prosseguiu dizendo que os métodos atuais da ciência não serviriam para reunir provas. Disse ainda acreditar que se cientistas reputados pudessem trabalhar livremente, sem tantos descrentes e escarnecedores, poderiam reduzir as ocorrências ocultas a leis físicas, e isto é uma verdade inegável. Pessoas que pedem provas exigem-nas em termos de tijolos sobre tijolos, desejam-nas ao mesmo tempo em que, invariavelmente, tentam impedi-las de serem fornecidas. Pessoas que iniciam estudos ocultos tentando obter prova material lembram aqueles que entram num gabinete de revelação e acendem as luzes para ver se já há alguma imagem no filme. Tais atos inibem definitivamente qualquer manifestação de prova. No mundo oculto lidamos com assuntos intangíveis, com vibrações extremamente altas. E da maneira como as pessoas agem hoje em dia, parece que usam um martetele rodoviário pneumático para abrir o orifício onde vai ser colocada a obturação de um dente. Antes que a prova possa ser fornecida no sentido materialista, os cientistas precisam ser treinados no que pode ser e no que não pode. Será inútil se arremeterem como um touro contra uma porteira. Não estão quebrando tijolos. Estão tentando descobrir algo tão básico como a própria humanidade. Se as pessoas forem honestas consigo mesmas, se permanecerem longe das telas de televisão, cinemas e divertimentos assim, e se meditarem corretamente, terão uma percepção íntima de que tal coisa é, tornar-se-ão conscientes de sua natureza espiritual, supondo sempre que essa natureza não esteja tão degradada a ponto de impedir outras manifestações. Durante anos, além de querer fotografar a aura que vejo em torno de cada pessoa, quis construir, como disse antes, um telefone que permitisse às pessoas comuns, não clarividentes e não clariaudientes ligarem para o Outro Lado. Pensem só como seria divertido procurar um nome no catálogo celestial e pedir uma informação. Você subiu ou desceu? Acho que as profundezas teriam uma central denominada Enxofre, ou algo parecido. De qualquer modo, no futuro, quando os cientistas se tornarem menos materialistas, haverá tal telefone. Para dizer a verdade, já foi construído, mas isto é outra estória. Talvez eu devesse titular a próxima seção de "Últimas Notícias" porque recebemos um telefonema de John Henderson, que acabou de chamar de quatro mil e oitocentos quilômetros de distância. Ele descobriu certas

provas da existência de pessoas no Outro Lado desta vida. Chegou-lhe uma mensagem e ele teve a sensação de ter levado um pontapé na cabeça, que é o que eu lhe disse certa vez que gostaria de fazer-lhe! Mas, de qualquer modo, acabou de telefonar dizendo que, por fim, RECEBEU A MENSAGEM. A mensagem originou-se no Outro Lado e não foi absolutamente provocada por mim. Algum dia, talvez, John Henderson escreva um livro, e deve fazê-lo. E se contar essa ocorrência, numerosas pessoas provavelmente dirão: "Ora, Deus me livre! Eu não gostaria que me acontecesse uma coisa dessas!" — Hei, patrão — disse a Srta. Tady, despertando inesperadamente depois de ter dormido profunda e ruidosamente durante certo tempo. — Eu tenho uma pergunta que os seres humanos gostariam que fosse respondida. — Muito bem, Taddykins, qual é? A Srta. Taddykins sentou-se, cruzou as patas e disse: — Bem, é mais ou menos isto: nós gatos sabemos como são arranjadas as coisas no Outro Lado. Mas por que não diz aos humanos como eles planejam a vida na Terra? Pessoalmente, eu pensava que havia tratado do assunto ad nauseam e não quero que Buttercup venha dizer-me que me estou repetindo. E, depois de ter escrito tanto sobre suicídio, seria quase suicídio se eu começasse novamente a discorrer sobre a vida após a morte. Talvez possa evitar o problema chamando-o de "Vida Antes do Nascimento". No Outro Lado desta vida uma entidade decide que ele ou ela deve voltar à escola para fazer um curso especial. Talvez certas lições tenham sido aprendidas previamente e a volta a Casa tenha permitido que fossem digeridas e percebidos os seus pontos fracos. Neste caso, a entidade que é ele ou ela senta-se e pensa no problema. Na Terra, numerosos estudantes discutem o futuro com um conselheiro, debatendo que cursos lhes serão necessários a fim de obterem certas qualificações. Dando um exemplo, uma enfermeira na Inglaterra quer tornar-se cirurgiã. Evidentemente, conhece alguma coisa de anatomia. Neste caso, do que precisa para entrar na Faculdade de Medicina? Discute o que tem a fazer, e o faz. De idêntica maneira, ele ou ela no Outro Lado da vida decide, recebendo ajuda considerável, quais as lições que precisam ser aprendidas, que tarefas devem ser completadas e que dificuldades suportadas. A coisa toda é planejada com o máximo de cuidado. Você joga xadrez? Bem, se joga, conhece muito bem os problemas de xadrez publicados em certas revistas. O tabuleiro é disposto com peões, cavalos,

torres e tudo mais em certas posições predeterminadas. Você, pobre alma, tem que pensar, matutar, até que a cabeça esteja a ponto de estourar para descobrir um meio de ganhar o jogo. O planejamento da vida futura é algo parecido. Os obstáculos são erguidos e as condições estabelecidas. O que tem que aprender? Tem que aprender pobreza e como superá-la? Não é bom nascer numa família rica, neste caso, certo? Precisar aprender a ser generoso com o próximo e a lidar com dinheiro? Neste caso, não vale a pena nascer numa família pobre, certo novamente? Você tem que decidir o que quer aprender e que tipo de família atenderá melhor as suas especificações. Nascerá numa família de comerciantes ou de profissionais liberais? Ou nascerá numa família nobre? Tudo depende, como sabe. A situação lembra a de atores no palco. Um ator talvez seja rei numa peça e mendigo em outra. O

mesmo acontece com a vida, tudo dependendo do que a pessoa precisa aprender. A pessoa nasce nas condições e na situação, cercada das dificuldades, problemas e obstáculos que ela mesmo escolheu. Antes de vir, equaciona os problemas mais ou menos da mesma maneira como arma um problema de xadrez e o deixa para que alguém o solucione. O leitor, por conseguinte, é confrontado com problemas e, em vez de sentar-se apenas e coçar a cabeça ou qualquer outro lugar em que sinta comichão no momento e perguntar-se o que fazer, age. Olha em volta e descobre a família, o país e a localidade que lhe permitirão viver os problemas que a si mesmo se propõe e os soluciona pelo mero fato de vivê-los e suportar dificuldades e provocações. Afinal de contas, um estudante que se matricula num curso de pós-graduação sabe que terá de suportar certos inconvenientes, obter certa percentagem de notas, pois, de outra forma, não passará e terá de matricular-se de novo. Mas sabe que terá de "cumprir" certo tempo nas salas de aula, sabe de tudo isso e quer passar por elas porque deseja o diploma e os conhecimentos que obterá mais tarde. Assim, você planeja as coisas nos seus menores detalhes, mas os planos jamais incluem o suicídio. Se o cometesse, isso o colocaria na categoria dos desistentes e significaria que você fracassou. E se a pessoa desiste, isto implica dizer que não pôde progredir por falta de qualificações e carência de fortaleza interna. Quase sem exceção, os que desistem da vida pela via do suicídio voltam e começam tudo novamente com um novo conjunto de problemas. Na próxima vez que ler num jornal ou numa revista um problema de xadrez

cuidadosamente armado nos quadrados pretos e brancos, lembrese de que se propôs coisa parecida antes de voltar à Terra. De que modo os está solucionando? Está-se saindo bem? Não fique desanimado. Você mesmo foi quem os propôs, como sabe!

CAPÍTULO 5 CEM HOMENS PODEM CONSTITUIR UM ACAMPAMENTO; BASTA UMA MULHER PARA CONSTRUIR UM LAR — Psiu, psiu — disse o Ancião à Srta. Cleo, que, sentada, admirava a luz do sol que entrava pelas cortinas abertas. Ela voltou sabiamente a cabeça e fitou-o com belos olhos azuis. — Psiu, psiu — repetiu ele, como se o som lhe agradasse. — Eu gostaria — continuou — de ser um escritor rico e de possuir uma grande biblioteca de consulta. Sabe quantos livros eu tenho, Cleo? — O Ancião virou a cabeça e olhou para os únicos livros que possuía: um dicionário, um manual de diabético, um texto médico para comandantes de navios, outro sobre bandeiras nacionais, um catálogo Payette de peças de rádio, impresso em Montreal, um catálogo de pneumáticos canadenses, impresso em Toronto e, naturalmente, um atlas muito grande, tão grande que são precisos dois homens e um cachorro para erguê-lo. Era, decerto, um atlas muito grande e pesado para uma pessoa condenada a ficar na cama. — E isso são todas as obras de consulta do autor, Cleo — disse o velho com um sorriso irônico. — Uma pena, porque o número de coisas que me perguntam seria suficiente para me pôr o cabelo em pé se eu não fosse calvo. Ainda assim, estou perdendo tempo. Temos de continuar o livro, Srta. Cleo, e você e Taddy podem ir tomar sol enquanto eu trabalho para ganhar o pão de cada dia. A Sra. Sorock — nossa velha amiga Valeria Sorock — quer saber coisas sobre o sono. Deus meu, Sra. Sorock, não sabe ainda o que é o sono? De qualquer modo, numerosas pessoas fizeram a mesma pergunta. Vejamos, então, o que podemos responder. No plano físico, o corpo funciona e produz uma porção de toxinas, venenos que se acumulam nos músculos. Ao trabalharmos muito em determinada tarefa, utilizando os mesmos músculos, formam-se cristais nos tecidos. Sendo muito afiados, picam quando nos movemos e tornam-nos "duros". Logo depois, deixamos de mover-nos. Os órgãos do corpo, sem exceção, são saturados de toxinas e, após certo tempo, torna-se necessário ao homem deitar-se e dormir para que o mecanismo corporal diminua de ritmo e entre em estado quase estático. Durante o período de sono, as toxinas que provocam o cansaço e a rigidez muscular dissipam-se ou se dispersam e acordamos novinhos em folha. Desaparece a dureza, os

incômodos e as dores, e sentimo-nos restaurados, pelo menos se formos para a cama cedo e descansarmos o suficiente. Em outras circunstâncias, se a pessoa bebeu muito, sobrecarregou demais os mecanismos corporais, acorda com ressaca. Mas não estamos discutindo bebidas e coisas afins. Preocupa-nos a sua atitude em relação ao sono, a sua atitude de pessoa sensata. No plano físico comum, portanto, ao dormirmos, temos a intenção de dissipar toxinas e cristais que nos tornam indolentes, cansados e doloridos. Se o ser humano fosse obrigado a permanecer desperto durante todo o tempo, acharia a vida insuportável e lhe ocorreriam todos os tipos de estranhas transformações físicas. Ele passa no período de sono ao mundo astral, onde se recupera. Suponhamos que crianças fossem obrigadas a permanecer na escola durante vinte e quatro horas por dia. Claro que não poderiam fazê-lo, mas supondo que fossem obrigadas, logo depois não seriam capazes de aprender coisa alguma e antes de muito tempo estariam loucas, inteiramente loucas, de fadiga. O mesmo ocorre aos adultos. Durante esse tempo, o corpo físico jaz numa cama, a maioria das vezes deitado. Nessas ocasiões, o corpo físico repousa e, no sono, dissipa os efeitos de existir durante mais um dia. A mola propulsora do corpo, a psique, toma outros rumos. O mecanismo corporal denominado subconsciente assume o comando, ocorrendo no corpo todos os tipos imagináveis de ações reflexas. Com freqüência, os olhos rolam por trás das pálpebras cerradas, o corpo prende a respiração, geme, funga, mexe-se muito porque se exercita um pouco durante o sono para que os cristais e as toxinas se dispersem e dissipem mais depressa. É por isso que as pessoas se movem tanto quando dormem e ninguém permanece absolutamente imóvel. Se o fizessem, teriam mais uma carga de toxinas no ponto de contato com a cama, pois, durante todo o tempo, a carne seria comprimida. Durante o sono, o subconsciente fica inteiramente livre do controle da psique e, de fato, vagueia pelo fichário da memória, mais ou menos como um garoto idiota que apanha um cartão aqui ou talvez dois ou três acolá. Se apenas um cartão for retirado — e lembrem-se de que eu deveria ter posto a palavra "cartão" entre aspas para indicar que não se trata realmente de um cartão e que estamos apenas usando um símbolo. Se quiserem, poderíamos, para tornar as coisas mais claras, dizer que um aglomerado de recordações é sondado. Se é, temos um sonho que pode ser muito claro sobre determinado fato. Mas se dois aglomerados (chamemo-los de cartões e acabemos com

isto!) forem selecionados, o sonho se transforma em fantasia e, puramente como exemplo, podemos sonhar ou ter uma aventura na qual vemos um peixe na estrada montado a cavalo, porque a recordação escolhida pode ser a de um grande peixe e, sobre ela, ser superposta uma pessoa a cavalo. Se os dois cartões de memória forem superpostos, obteremos a impressão distorcida de um peixe montado. Se gosta de projetar slides com transparência de 35 mm, você sabe que obterá uma imagem muito clara se colocar apenas um deles no projetor; mas, se inserir dois, conseguirá algo que jamais aconteceu, imagens superpostas. E se usar três, bem, conseguirá apenas uma imagem confusa. O mesmo acontece com os sonhos. O sonho é algo simples, uma mera recordação direta, mas quando a mistura é dominada por outro cartão de memória, a pessoa sonha com uma fantasia ou tem um pesadelo. Pensa em coisas inteiramente impossíveis, que nunca poderiam acontecer. E se reteve o menor controle da memória, a psique retorna ao corpo e dizemos que tivemos um pesadelo. Durante o sono, a psique está distante, o censor interno dorme também e algumas das recordações ou fantasias podem ser eróticas ou sadistas. Temos, portanto, aqueles horríveis sonhos que levam a pessoa a dizer ou escrever, às vezes: "Hei, o que foi que me aconteceu?" É impossível confundir viagens astrais com sonhos ou pesadelos, porque nos sonhos há sempre certa incoerência, alguma improbabilidade, algum elemento discordante com o que conhecemos como fatos. As cores talvez sejam erradas ou podemos ver uma pessoa, por exemplo, com a cabeça de um tigre. Pode-se averiguar com um pouco de prática o que é sonho e o que é viagem astral.

As recordações de sonhos e de viagens astrais chegam pelo mesmo caminho à consciência quando a pessoa está acordada. Ao voltar a psique, o corpo desperta e talvez diga: "Oh, que sonho horrível tive na noite passada." Ou, se a pessoa teve treinamento e sabe como viajar conscientemente no plano astral, retorna lembrando-se em detalhes de tudo o que fez. O corpo continua descansado e são dispersadas as toxinas, mas a Psique conserva a informação do que ocorreu no astral. Alguns escolares gozam férias e ficam tão excitados com a volta às aulas que tudo o que aconteceu durante as mesmas desaparece inteiramente da mente e das recordações. Da mesma maneira, pessoas que retornam de viagens astrais podem esquecer por completo o que aconteceu na excitação de começar outro dia. Não poderemos nunca repetir o suficiente que, se quisermos recordar a viagem

astral, precisamos, apenas, dizer três vezes durante o sono: "Vou ter um sono profundo e reparador e, pela manhã, lembrar-me-ei de tudo o que fiz no astral." Repita três vezes antes de dormir e se realmente pensa no que diz, e se está realmente querendo isso, lembrará ao acordar. Coisa alguma de mágica existe nisso. Equivale apenas a dirigir-se a um subconsciente muito estúpido e dizer, de fato: "Hei, moço, você precisa manter-se alerta hoje à noite, nada de brincadeiras de entupir as canalizações da memória. Mantenha-se a postos para uma nova carga de memórias quando eu voltar." Claro que a pessoa treinada pode realizar viagens astrais quando inteiramente desperta. É muito comum que ela se sente numa cadeira, cruze as mãos, junte os pés e feche os olhos. Pode, então, obrigar-se a deixar o corpo e ir a qualquer parte, permanecendo em plena consciência durante todo o período de viagem. Ao voltar o corpo astral ao físico, traz uma recordação fiel de tudo o que aconteceu. Isto precisa de prática, por certo, e um pouco de autodisciplina. Mas não é difícil treinar-se para recordar o que ocorreu ao adormecer o corpo. Precisa-se apenas dizer ao subconsciente que cale a boca, da mesma maneira que se manda calar um escolar desobediente. Na primeira vez, é praticamente uma perda de tempo; na segunda, o subconsciente salta e presta atenção e, na terceira, há esperança de que a ordem penetre fundo e que ele obedeça. Mas se fizer isso durante algumas noites, descobrirá que o subconsciente obedece. Numerosas pessoas gostam de manter um bloco de notas e um lápis junto à cama para anotar imediatamente ao acordar o que aconteceu durante a noite. De outro modo, dada a pressão e agitação da vida moderna, há grande tendência de esquecer. O pobre indivíduo acorda, por exemplo, pensa que vai chegar atrasado ao trabalho e, no momento seguinte, pergunta-se se a mulher, está de bom humor e se vai dar-lhe o café da manhã ou se terá que passar sem ele. Com tantas coisas assim no cérebro, não tem o estado de espírito conveniente para recordar-se do que aconteceu durante a noite. Assim, forme o hábito, mantenha bloco e lápis ao lado, escreva imediatamente tudo de que se recordar. Com a prática, descobrirá que é fácil e com um pouco mais de prática, não precisa do lápis e bloco. E passará seus dias na Terra muito mais contente sabendo que ela é apenas uma dura escola e nada mais, certo de que, no fim do período, você poderá voltar para Casa. Ultimamente apareceram anúncios audaciosos de todos os tipos imagináveis de empresas que se apresentam como capazes de ensinar a pessoa a aprender dormindo.

Querem vender um dispositivo dispendioso ou, ainda melhor, cursos completos e extensos gravados, acompanhados de interruptor, fones auriculares, microfones para colocar sob o travesseiro e muitas outras coisas mais. Ora, é inteiramente impossível aprender-se a menor coisa que valha a pena dormindo. Para começar, o motor do corpo está longe e tudo o que resta é uma espécie de estúpido encarregado chamado de "subconsciente". Pesquisas muito extensas feitas nos países mais adiantados do mundo provaram, além de qualquer dúvida, que aprender durante o sono não é possível, não funciona. Se permanecer acordado, isto é, se custar a dormir, você talvez absorva alguns trechos de conversação gravada. Mas não há maneira fácil de aprender. Não se pode apertar um botão e dizer: "Hei, estou pronto" a uma máquina porque isso não o transformará em gênio da noite para o dia.

Em vez disso, interferirá no ritmo de seu sono e torná-lo-á um mal-humorado você sabe o quê. Suponhamos que você deixa o carro na garagem antes de entrar em casa para comer feijão com manteiga com torradas, ou que porventura coma antes de ir para a cama. Bem, você seria uma grande otimista se pensasse que seu carro ia aprender alguma coisa por intermédio de fitas enquanto estivesse longe. Os fabricantes, reconhecemos, fazem diversas alegações espantosas e impossíveis para suas latas mecanizadas (não, não tenho carro), mas até mesmo os anunciantes mais otimistas recusariam dizer que os carros aprendem enquanto o dono dorme. O corpo é apenas um veículo mediante o qual o Eu Superior obtém certa experiência na Terra e em alguns outros poucos planetas. Portanto, não se dê ares sobre a sua inteligência, sua importância, e tudo mais, porque, quando chega a ocasião de conferir ou compará-lo com o padrão de valor que queira usar, "você" é apenas uma bolha de protoplasma dirigida durante o dia por um proprietário que acontece ser o seu Eu Superior. A situação lembra a do irlandês e do jumento: o jumento passa a noite no estábulo, mas nenhum volume de fita gravada o fará falar inglês, ou mesmo inglês-americano. Apesar disso, durante o dia, ao proprietário pode ser ensinado... até mesmo inglês-americano. Valeria a pena ensinar galês a um irlandês algum dia para verificar se isso pode ser feito. '

Penso que realmente mereço uma medalha por apontar-lhe algumas destas coisas destinadas a aliviá-lo de dinheiro arduamente ganho. Pense sempre: o que está por trás do anúncio? Bem, claro, o anunciante quer seu dinheiro. O

anúncio me lembra pessoas que anunciam que podem ensinar a outras a ganhar um milhão, digamos, em três fáceis lições, ou prever o resultado do Sweepstake irlandês, e levar o primeiro prêmio. Se essas pessoas pudessem fazer isso, elas não se preocupariam em anunciar, não? E, se não podem fazê-lo, querem ganhar dinheiro de outra maneira, fingindo que podem ganhar milhões num mês. Podem, se um número suficiente de pessoas responder aos anúncios, mas não seja uma delas, abotoe o bolso, feche a carteira, mantenha também a boca calada e os ouvidos bem abertos. Oh, Deus meu. Lá vem outra pergunta, e é melhor que vocês leiam isto com atenção: "O senhor diz que o subconsciente é estúpido. Apesar disso, em Capítulos de Vida diz que é ele muito inteligente e talvez mais do que a parte de nós que diz ser um décimo consciente. Bem, esclareça, é estúpido ou superinteligente?" Se vamos voltar às origens novamente, tenho a dizer que o subconsciente nem é inteligente nem estúpido porque não possui inteligência. O que possui é algo inteiramente diferente. O subconsciente é simplesmente um repositório de conhecimentos, bons e maus. Diríamos que é apenas um arquivo. Contém tudo o que ouvimos, vimos, experimentamos. Lembra a seus reflexos automáticos quando inalar e exalar. Lembra a você que deve contorcer-se e soltar um gritinho se lhe fizerem cócegas *etc.* Constitui, apenas, um mecanismo automático de recordação. Você diria que uma bibliotecária é inteligente? Bem, isto é apenas uma questão, naturalmente. O que sei é que tentei entrar em contato com as tolas bibliotecárias de uma famosa biblioteca de Londres, as tais que anotam detalhes, e tentei dizer-lhes que o que escreviam a meu respeito estava total e irremediavelmente errado. Mas como custa convencê-las. Fiquei com a opinião indelével de que as bibliotecárias-annotadoras dessa famosa biblioteca nada têm de inteligente. De qualquer modo, trata-se de questão de opinião. Mas façamos a pergunta novamente apenas para responder à questão. Você acha que as bibliotecárias são gênios? Pensa que elas poderiam responder a qualquer pergunta sobre todos os assuntos e reproduzir o que qualquer pessoa disse antes? Bem, claro que não. Nem mesmo se você fosse uma bibliotecária poderia fazer tais alegações. Em vez disso, responderia, com toda a correção, que não há tais conhecimentos registrados num cérebro humano, mas que sabe onde localizar certas informações. As melhores são aquelas que podem localizá-las com maior rapidez. Poderíamos ir a uma biblioteca e perder tempo em certos arquivos

procurando um título de livro que contenha assunto sobre a matéria que nos interessa. Verificaríamos que teríamos de procurar algo mais e descobriríamos que o livro está esgotado, fora de circulação, ou fora da biblioteca.

Perderíamos metade do dia. Não obstante, perguntando à bibliotecária, durante um momento ela apresentaria uma expressão inteiramente vazia e, em seguida, pareceria que a moeda tivesse caído no lugar certo com um estalido, ela entraria em movimento e nos traria o livro com a informação desejada. Se fosse boa bibliotecária, recomendaria numerosos outros livros. O subconsciente é algo parecido. Tão logo o "nós" pensante quer saber algo, o subconsciente tenta fornecer a resposta. Isto não é inteligência. É inteiramente automático e, como é automático, pode ser treinado. Mas treinado para quê? Bem, a resposta é simples. O subconsciente é nossa memória. Se temos má memória isto significa que o décimo consciente não está tendo acesso aos nove décimos subconscientes. Se temos má memória, isto equivale a dizer que o subconsciente não consegue fornecer a informação que desejamos. Suponhamos que queremos saber o que Gladstone disse realmente no ano de mil oitocentos e tanto. Bem, provavelmente ouvimos citar-lhe as palavras, lêmo-las em alguma parte, elas estão registradas na memória e, se o subconsciente não as puder extrair, há pane em algum relé. Certas pessoas podem citar um material extensíssimo sobre quadros de futebol e beisebol, mencionar os vencedores ou o que quer que sejam chamados, isto cobrindo um período de anos. Acontece isto porque estão interessados no assunto. Ninguém pode lembrar coisas pelas quais não se interessa. Nunca tendo assistido a uma partida de futebol ou beisebol, e nem querendo assistir a ela, não tenho a mais remota idéia sobre o assunto. Eu pensava, por exemplo, que uma quadra de beisebol fosse algo que se desse aos vencedores. Sem dúvida, alguém me escreverá restabelecendo a verdade. Se quer cultivar uma boa memória, você precisa cultivar o subconsciente. Precisa interessar-se pelo assunto e, a menos que esteja interessado, o subconsciente não pode começar? "pregar papeletas". Muitas de nossas leitoras sabem tudo sobre artistas de cinema, quantas vezes se casaram, quantas se divorciaram e quantas vezes andaram em volta do mundo atrás do amor do momento. Isto é fácil, podem fazê-lo. Mas peça-lhe para ir ao armazinho comprar uma linha número sessenta e elas voltarão com uma expressão mais vazia do que a habitual. Para treinar

a memória, isto é, treinar o subconsciente, você deve pensar com clareza nas coisas e desenvolver interesse por elas. Se homens saem para comprar artigos femininos, voltam sem um único pensamento, mas, se tomassem interesse pelas coisas, a memória melhoraria. Pode-se desenvolver o interesse perguntando por que a mulher quer isto ou aquilo, ou alguma outra coisa. A mulher, de sua parte, pode perguntar-se por que um homem quer, por exemplo, um carretel de linha fina. Se criarem interesse autêntico, lembrar-se-ão. Se tenta lembrar-se de algo específico como um número de telefone, tente imaginar a pessoa a quem pertence o número, ou, se não a conhece e não a pode visualizar, examine o número. É uma série de círculos ou de barras? por exemplo, o 6, o 9 e o 0 se transformam em círculos, bem como 3 e 2, mas as barras seriam o 1, o 7 etc., e naturalmente o 4. Se você pudesse visualizar certo número de círculos e barras, poderia lembrar-se. A melhor maneira é usar o velho sistema de três. Repita o número três vezes, ao mesmo tempo mantendo a convicção sincera de que sempre se lembrará dele. Você pode fazer isso. É muito fácil e não apresenta a menor dificuldade. Outra coisa que se pode fazer durante o período de sono é aproximarmo-nos de uma pessoa que desejamos influenciar. Bem, aprender algo durante o sono é absoluta perda de tempo porque tentamos ensinar ao corpo alguma coisa quando a entidade que o controla está distante. Mas tratemos aqui de outra coisa — influenciar o próximo. Suponhamos que o Sr. John Brown quer ardentemente ser nomeado para a fábrica XYZ. O Sr. Brown ouviu dizer que a companhia é muito boa e que seria muito desejável trabalhar para ela. Brown teve a boa sorte de marcar uma entrevista com o gerente de pessoal ou alguma outra pessoa de autoridade, digamos, para o dia seguinte. Ora, se Brown quer convencê-lo, é isto o que fará. Reunirá todas as informações possíveis sobre a firma e, sobretudo, sobre a pessoa com quem vai entrevistar-se. Isto significa que deve informar-se bem sobre quem o entrevistará. Em seguida, se for possível, conseguirá uma fotografia do entrevistador e, antes de ir dormir naquela noite, procurará ficar a sós e visualizará a si mesmo conversando com ele na manhã seguinte. Convincentemente (no isolamento do quarto), declarará os motivos por que seria um empregado desejável, os motivos por que precisa daquele determinado emprego, as razões por que considera merecer mais do que a empresa paga normalmente. Diz tudo isso à fotografia, levanta os pés, coloca-os sob as cobertas e põe a fotografia a sua frente na

posição costumeira em que dorme. Brown adormece com a intenção firme, muito clara, enfática de deixar o corpo e ir até a casa do entrevistador. Ali encontrará o entrevistador fora do corpo e o astral de Brown dirá ao astral do entrevistador tudo o que disse e no isolamento do quarto. Fantástico? Maluco? Nem pense nisso! O sistema funciona realmente. Se o entrevistado jogar como deve as cartas, o entrevistador lhe dará o emprego. Isto é certo, definido, e funciona. Agora, se vocês querem um melhor emprego ou ganhar mais, releiam essas palavras e ponhamnas em prática. Podem influenciar pessoas dessa maneira, embora não necessariamente para o mau. Podem influenciá-las a fazerem o que normalmente elas fariam, isto é, não se as pode influenciar para o mal ou para cometer uma má ação. Isto significa que alguns de vocês que me escrevem perguntando como podem influenciar as moças, bem, percam a esperança. Não podem e nem tentem. Sim, inocentes leitoras, senhoras da mais cristalina pureza, recebo às vezes cartas de "cavalheiros" que me pedem para ensinar-lhes a hipnotizar moças, enfeitiçá-las ou dar-lhes a fórmula de algo que as torne inermes para que o "cavalheiro"... bem para que ele faça o que faria em tais circunstâncias. De qualquer modo, respondo-lhes com a verdade, que é que, a menos que resolvam usar veneno, não podem levar uma pessoa a fazer o que a consciência normalmente não admitiria. E isto é tudo. Se os seus desejos são puros ou "limpos", podem influenciá-las, influenciá-las para praticar o bem, mas não o mal. De qualquer modo, muitas pessoas não precisam ser influenciadas para praticar o mal, que lhes vem como coisa natural. Talvez valha a pena introduzir aqui uma pergunta que se aplica a algumas observações feitas em capítulos anteriores. A pergunta é a seguinte: "O senhor diz que a pessoa vem repetidamente à Terra até que cumpra sua missão específica. Diz também que, às vezes, grupos vêm com a mesma finalidade. Poderia dar-nos um exemplo claro, no particular?" Para dizer a verdade, sim, definitivamente sim. Bem, recebi há algum tempo um recorte de jornal em espanhol. O recorte continha detalhes sobre uma revista chamada Excalibur, publicada há alguns anos, aparentemente em Durban, na África do Sul. Tenho a fazer apenas comentários muito curtos sobre o assunto, mas parece que a revista publicou alguns notáveis e comprovados paralelos entre a vida e morte do Presidente Lincoln e do Presidente Kennedy. Isto responderá tão bem a tantas perguntas que vou dar abaixo os detalhes. Façamo-lo numericamente e será muito mais fácil se quiser

reexaminá-los ou discuti-los com os amigos. Vejamos o primeiro: 1. O Presidente Lincoln foi eleito em 1860. Isto, naturalmente, pode ser verificado nos livros de História. Bem, Lincoln tornou-se Presidente em 1860 e aqui está a primeira coincidência: Kennedy subiu à presidência em 1960, cem anos depois. 2. Talvez o abale um pouco saber que o Presidente Lincoln foi assassinado numa sexta-feira. O mesmo aconteceu com o Presidente Kennedy. 3. Você talvez tenha lido que o Presidente Lincoln se encontrava num teatro assistindo a uma peça, na presença da esposa, junto à qual foi assassinado. O Presidente Kennedy visitava Dallas e estava num carro com a esposa. Apreciava também o espetáculo, isto é, o espetáculo das aclamações públicas *etc.* 4. O Presidente Lincoln foi baleado nas costas enquanto se encontrava num camarote. O Presidente Kennedy foi atingido nas costas sentado num automóvel. 5. O Presidente Lincoln foi sucedido por um homem chamado Johnson. Johnson tornou-se Presidente após Lincoln. No Texas, o Presidente Kennedy foi morto, tendo o Presidente Johnson prestado juramento como Presidente dos Estados Unidos a bordo do avião que conduzia o corpo do falecido Primeiro Mandatário e o novo de volta à Capital.

6. Mas não terminamos ainda nossa lista de coincidências. Nem de longe. O Johnson que sucedeu ao Presidente Lincoln era um democrata do Sul. Lydon Johnson, que sucedeu ao Presidente Kennedy, era também um democrata do Sul, do Texas. É uma boa lista de coincidências, não? Apesar disso, há mais do que mero acaso, há o suficiente para demonstrar que, forçosamente, deve ter havido algum "Plano Divino" determinando que a entidade que era o Presidente Lincoln voltasse talvez como Kennedy para que a tarefa fosse cumprida. Muito bem, voltemos a... 7. Ambos os Johnsons foram membros do Senado antes de ascenderem à presidência. 8. O sucessor de Lincoln foi Andrew Johnson. Agora leiam bem isto: Andrew Johnson nasceu em 1808; o Johnson que sucedeu ao Presidente Kennedy nasceu em 1908, cem anos depois. 9. Lincoln morreu às mãos de um tipo muito estranho, pessoa inteiramente insatisfeita, se formos dar crédito aos relatórios, hoje História, chamado John Wilkes Booth, nascido em 1839. Lee Harvey Oswald, que segundo se diz assassinou o Presidente Kennedy, era pessoa também profundamente insatisfeita, sempre metida em encrencas. Nasceu em 1939. 10. Continuando a lista de "coincidências", Booth foi assassinado antes de ser levado a julgamento; o mesmo aconteceu

com Oswald. Oswald tombou varado de balas quando era levado pela Polícia, antes de ser julgado. 11.Essas coincidências, como viram, estendem-se não apenas aos presidentes e aos assassinos, mas também às esposas, porquanto a Sra. Lincoln perdeu um filho enquanto na Casa Branca, o mesmo acontecendo à Sra. Kennedy. 12.Lincoln possuía um Secretário chamado Kennedy. O Secretário Kennedy aconselhou-o veementemente a não ir ao teatro, onde o Presidente foi assassinado. O Presidente Kennedy possuía igualmente um Secretário chamado Lincoln que o aconselhou energicamente a não ir a Dallas! 13.John Wilkes Booth baleou o Presidente quando ele assistia a um espetáculo teatral, fugiu e foi esconder-se numa loja. Lee Harvey Oswald, porém, baleou Kennedy de uma loja e correu para esconder-se num teatro. Leia tudo isto atentamente mais uma vez e veja como é estranho. Um assassino atirou num teatro e escondeu-se numa loja; o outro atirou numa loja e escondeu-se num teatro. 14.L-I-N-C-O-L-N tem sete letras e o mesmo acontece com K-E-N-N-E-D-Y. 15.Se contar as letras de John Wilkes Booth encontrará quinze letras e a mesma coisa como o nome de Lee Harvey Oswald. 16.Acredita-se que Oswald matou Kennedy e que tinha cúmplices. Coisa alguma disto foi real, definitiva e incontroversamente provada; trata-se de evidência circunstancial. Tampouco pôde alguém provar que Booth assassinou Lincoln. Da mesma maneira, Oswald, segundo se declarou, tinha cúmplices, mas não foi conclusivamente provado que matou Kennedy. Tampouco foi provado que possuía cúmplices. Agora, em frentemos a questão de frente: a evidência circunstancial aponta claramente para Booth e Oswald, mas quanto do que lemos era verdade e quanto prejulgamento e pré-condenação da imprensa? Não sabemos, e chamo a atenção porque se trata de outra coincidência no caso dos dois. 17.Vocês devem lembrar-se que um homem chamado Rubby, que era também um tanto fanático, matou Oswald. Baleou-o diante das câmaras de televisão. Abriu caminho entre a multidão, apontou a arma e disparou. Boston Corbett era também meio fanático e acreditava também que agia bem quando assassinou John Wilkes Booth. Em ambos os casos, mataram o suspeito e acusado do assassinato do Presidente, em ambos os casos, declarou-se que os segundos assassinos, isto é, Corbett e Rubby, fizeram-no motivados por lealdade excessiva ao Presidente da ocasião. Mas em nenhum caso foi provado o motivo real. Em outro livro, eu disse que o Eu Superior dirigia

um grupo de títeres. Bem, pensem no caso à luz destas informações, de dois presidentes eleitos com um intervalo de cem anos, assassinados numa sexta-feira, examinem a lista novamente e notem as diferentes coincidências. Agora, digam-me, francamente: vocês acreditam que fossem apenas coincidências? Isto não é realmente possível, como sabem. Pessoalmente, acredito que Lincoln não cumpriu sua missão e que teve de voltar a basicamente o mesmo cargo para completar o que deixara por fazer.

A única maneira de voltar seria como homem que se tornaria Presidente dos Estados Unidos. E foi o que fez. Podem acreditar que, às vezes, o Eu Superior faz "ensaios de gala\*" com títeres. No caso de Lincoln, o palco foi preparado e, de modo muito apropriado, num teatro, sendo o Presidente assassinado. Coisa alguma se provou contra o suposto assassino, que foi liquidado por outro. A situação toda pareceu insatisfatória, ninguém conhecia os motivos e coisa alguma se provou contra alguém. Talvez o Eu Superior tenha ficado um tanto aborrecido com tal perda de tempo e esforço e feito uma combinação para cem anos depois, desde que, no mundo astral, o tempo é diferente daqui. No Outro Lado, no astral, poderia ter-se sentado e coçado a metafórica cabeça, por assim dizer, e se perguntado o que fazer em seguida. Bem, depois de ter-se mexido um pouco e se coçado um pouco mais, poderiam ter transcorrido cem anos de tempo terreno. Cabe perguntar agora o que virá depois. Ficou o Eu Superior satisfeito com a segunda tentativa ou haverá uma terceira? Pessoalmente, acredito que um Presidente dos Estados Unidos será internado como louco. Bem, conheço todas as velhas piadas a respeito de presidentes americanos loucos e longe de mim desencorajá-las. Mas desta vez o assunto é sério e acredito que antes de muito tempo um Presidente dos Estados Unidos terá de ser suspenso dos seus deveres porque será louco demais para continuar. Acredito também que veremos outra situação muito difícil: numerosos influentes membros do governo americano serão acusados de atividades comunistas — de darem ajuda e conforto ao inimigo e venderem o próprio país. Alguns de vocês bastante jovens, verão tudo isso, porque vai acontecer. Coisas realmente horrendas ocorrerão nos Estados Unidos. Mantenham, portanto, os rádios ligados nos próximos anos! **CAPÍTULO 6 O TEMPO É A COISA MAIS VALIOSA QUE UM HOMEM PODE DESPENDER** O Ancião jazia na nova cama, de hospital, dotada de motor que levantava e baixava a cabeceira e que, apertando-se um botão, ajustava-lhe a altura. Para cima e

para baixo, brincava com a coisa mais ou menos como uma criança com um novo brinquedo. Mas talvez não seja tão agradável quando a pessoa não pode em absoluto andar de um lado para outro, ou é obrigada a permanecer na cama, uma tão baixa que impede mesmo que se olhe da janela. Bem, o Ancião possuía uma cama, cuja altura podia ser ajustada por um motor elétrico. Considerou-se uma espécie de submarino que subia à superfície para dar uma espiada no mundo. — Hei! — gritou a Srta. Cleópatra. — Como é que você pensa que vamos saltar sobre a cama se continuar a mudar assim a altura. De que modo pensa que podemos calcular a distância?

O Ancião voltou ao presente com uma sacudidela e, às pressas, colocou-a na posição mais baixa. A Srta. Cleópatra saltou para cima e sentou-se, indignada, no seu peito. — Está tentando livrar-se de mim? — perguntou. — Quer tornar as coisas difíceis para que eu não possa saltar sobre seu peito, hem? — Não, claro que não, Cleo — respondeu o Ancião. — Pense apenas nisso: se ficar em pé aqui em cima de meu peito pode olhar por cima daquele terraço idiota do outro lado da janela e ver os navios no porto. Juntos ficaram observando o porto. O mais próximo era um navio que descarregava minério de níquel. Havia um navio russo com a popa muito afundada na água e a proa bem levantada, mostrando que a parte dianteira precisava ser ainda carregada. Mais adiante, dois ancoradouros depois, um navio sul-coreano carregava polpa de madeira para a Coréia. — Não sei por que vem aqui buscar polpa de madeira — disse o Ancião. — Há bastante árvore na Coréia do Sul. — Oh, bem — disse Buttercup — provavelmente querem fazer uma troca ou alguma coisa assim. Compram polpa do Canadá em troca de outro produto. Buttercup era definitivamente a especialista quando se tratava de navios e navegação. Era também perita no que tocava a bandeiras de navios. A incomum bandeira sul-coreana deixou-a perdida durante alguns momentos apenas, mas qualquer outra, panamenha, monrovia, até mesmo o velho Pavilhão Vermelho, ela identificava a quilômetros de distância. A Srta. Taddy levantou os olhos. — O que é que você está fazendo, chefe? — perguntou algo perplexa. — Ficou tão doente que começou a falar sozinho? — Claro que não estou falando sozinho. Estou simplesmente tomando notas para um livro. Posso? Você não pode deixar de intrometer-se, Taddykins? A gata sacudiu a cabeça em confuso espanto, enrodilhou-se novamente numa bela e compacta bola e caiu mais uma vez no sono. Subitamente, a Srta. Cleo empinou as orelhas e Taddy acordou com um arfanco, inteiramente desperta. Do lado de fora, ouviu-se uma voz estridente: — Bem, olhei nos jornais hoje e vi que meu horóscopo não prestava. Assim, pensei comigo mesma, bem, se você não tivesse trabalho a fazer, minha velha, seria melhor faltar ao trabalho hoje e continuar na cama. Mas não pode fazer isso quando precisa ganhar a vida e tem um homem para sustentar, não é? — A voz passou, acompanhada pelo murmúrio de outra mulher, com toda probabilidade arrotando alguma bobagem sobre os próprios problemas. — Ah, sim — disse o Ancião — isto me lembra de

uma pergunta que tenho aqui. Vejamos, onde está ela? — Folheou uma pilha de cartas e, triunfantemente, tirou a que desejava. Marca do correio, algum lugar nas distantes ilhas ao largo. Assunto? Qual? "Prezado senhor. Envio-lhe um dólar e minha certidão de nascimento. Por favor, envie-me sem demora um horóscopo completo e um estudo de minha vida. E mande-os por via aérea. Se houver algum troco, guarde-o para compensá-lo por quem não enviou as despesas postais." Bem, o que é que vocês acham disso? Algumas pessoas pensam que horóscopo nascem em árvores. Não é tão fácil assim e leva tempo para fazê-los. Mas há outra pergunta! "O que é que o senhor realmente pensa dos horóscopos? Os que os anunciam fazem-nos apenas para ganhar dinheiro? Nunca um horóscopo acertou comigo. O que é que há de verdade em tudo isso?" Bem, a verdade da astrologia é a seguinte: supostas as condições apropriadas, a astrologia pode ser exata e acertar..., mas, supostas as condições apropriadas. Mas, em primeiro lugar, deixem-me adverti-los contra esses anúncios comuns que lhes oferecem um horóscopo por uns dois dólares ou alguns xelins. O que vocês obtêm é um maço de papel impresso que se apresenta como horóscopo. Esse material, porém, nem merece ir para o lixo e, na minha opinião mais ponderada, pode-se dizer o mesmo sobre essas bobagens que se dizem feitas por computadores. Simplesmente não valem o que a pessoa paga por elas. A astrologia não é um processo mecânico. É uma ciência e uma arte. Não se a pode fazer, apenas como ciência. A arte é necessária. E, tampouco, vice-versa. Para fazer um horóscopo devidamente — isto é, um realmente exato — é necessário saber-se o momento preciso do nascimento e sua localização exata. Em seguida, faz-se mister passar diversos dias deslindando vários aspectos. Não se pode oferecer uma boa coisa por cinco ou dez dólares. O que se consegue é apenas um guia aproximado, extremamente grosseiro, que se poderia aplicar a milhares de diferentes pessoas. Não faço um horóscopo para pessoa alguma por mais que me pague, porque não acredito que deve tê-lo. Se a pessoa o consegue, pensa que tem de fazer exatamente tudo o que o horóscopo diz e ele não é, em absoluto, um molde imutável de condições. O horóscopo é um conjunto de possibilidades. Conhecendo-se a constituição astrológica da pessoa, pode-se descrever sua provável aparência, o que deve ser seu caráter, estabelecendo-se, também, limites sobre o que ela pode ser. A pessoa, por exemplo, pode ter um horóscopo que lhe diz que não pode

subir acima da posição social em que nasceu, mas que pode realizar certas coisas com um dispêndio imenso de esforço. Uma segunda pessoa talvez receba outro que lhe diz que subirá na vida e que progredirá com grande rapidez sem, praticamente, esforço algum. Se querem saber realmente o que é um horóscopo, pensem no assunto à luz seguinte: constitui uma especificação, um palpite bem informado sobre as capacidades da pessoa. Esclarecendo ainda mais, tomemos dois automóveis. O "horóscopo" do Rolls-Royce diz que o carro será muito silencioso, muito rápido, muito confortável, que alcançará tal velocidade máxima e que usará tanta gasolina por tantos quilômetros.

O horóscopo do segundo talvez diga — há ainda Morris Minors na Inglaterra? — que é veículo de baixa potência, muito conveniente para passeios locais, que tem uma velocidade máxima de tanto, que não queima muita gasolina e que é ótimo para circular no tráfego pesado. As pessoas são também assim, regidas por especificações, que chamamos de horóscopos. O horóscopo não dirá à ansiosa jovem, aquela tal que está ansiosa para casar-se logo, que encontrará a "Outra Metade" sob o terceiro poste da rua ao virar para a esquerda ou para a direita ou que conhecerá um jovem moreno, que estará amarrando o cadarço dos sapatos. O horóscopo não é absolutamente isso, não a astrologia real. Isso é a cartomancia falsificada. São muito poucos, pouquíssimos mesmo, os astrólogos realmente autênticos e capazes que anunciam serviços. Não precisam fazê-lo. A fama que têm e a exatidão dos seus prognósticos correm de boca em boca. E se vocês pensam que podem encher um cupom e enviá-lo com cinquenta centavos ou cinco xelins para conseguir um prognóstico de vida — bem, pensem novamente, porque vocês são desses ingênuos que merecem, de fato, cair na armadilha dos sabichões por pensar que podem conseguir algo assim tão barato. Só conseguimos aquilo por que pagamos. Não farei horóscopos por soma alguma. Se os faço, faço-os gratuitamente, em circunstâncias muito especiais. Mas, na minha opinião mais ponderada, nenhum horóscopo que custe menos de cem dólares vale a pena, porque significa que seu autor simplesmente não se deu ao tempo e ao esforço necessários. E, assim, o que vocês conseguem é apenas um punhado de letras num pedaço de papel. No meu próprio caso, o meu passado foi previsto pela astrologia com uma exatidão realmente estupenda. Tudo que me foi augurado aconteceu e, para maior tristeza minha, outras coisas

extras, certas coisas que o astrólogo não quis discutir. E todas as miseráveis "extras" foram também más! Respondendo à pergunta: "A astrologia é autêntica?", eu diria que sim, que pode ser de autenticidade inatacável, sugerir o que será a vida da pessoa, indicar probabilidades. Mas apenas probabilidades. Desta maneira, não leve a astrologia muito a sério a menos que consiga uma jóia de astrólogo que saiba exatamente o que faz, que tenha moral ilibada, isto é, uma pessoa que diga a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade. Por isso mesmo, numerosos outros astrólogos põem suas "informações" em frases chapadas, porque sabem o que pessoas querem ouvir. Mas aqui temos outra pergunta: "O marido de minha filha é um homem muito estranho. Não acredita nas mesmas coisas que eu. Não acredita, por exemplo, no ocultismo. O que posso fazer para mudar-lhe as idéias?" A única resposta que posso dar aqui é dizer, em termos inequívocos, que coisa alguma pode ser feita para ajudar, da forma que essa senhora quer. Se a pessoa não está ainda pronta para estudar assuntos ocultos, é definitivamente errado obrigá-la a tanto. Todos têm o direito de livre opção e a escolha que fizerem é assunto que lhes diz respeito apenas, e pela qual são responsáveis. Se Billy Bugsbottom resolve que "essa estória de ocultismo é cascata", então, por que deve alguém tentar persuadi-lo do contrário? Ele assim acredita e assim resolveu, e é definitivamente errado influenciá-lo. São inumeráveis as pessoas que me escrevem perguntando como podem, mediante um mantra, obrigar algum pobre-diabo a fazer o que odiaria. Repito ad nauseam que é errado influenciar o próximo. Talvez a pessoa tenha alguma clara razão para não querer estudar astrologia, ocultismo ou jogar tal ou qual jogo. De igual modo, é errado esperar que concorde conosco em tudo que fazemos. Vocês deviam ver como Buttercup e eu concordamos em divergir. Existem numerosas coisas que, por experiência vivida, sei que são fatos. Buttercup, porém, tem direito à própria opinião. Se minhas crenças nem sempre são as dela, isso é decisão dela e eu não a influencio em absoluto. A imprensa idiota publica amiúde artigos dizendo que ela é minha discípula. Não poderia estar mais longe da verdade! Nem é budista. Para começar, não os tenho e nem nunca os tive e, em segundo, acho errado que a pessoa vire casaca e se torne budista quando quer realmente ser cristã ou cristã quando quer ser, de fato, budista. Tendo certos preconceitos no que toca ao assunto, digo sempre que, quando a pessoa estiver pronta, ela se tornará budista automaticamente porque o

budismo real significa tão-somente obedecer a lei de fazer ao próximo o que queremos que ele nos faça. Claro que não me refiro a esses estranhos cultos existentes nos Estados Unidos e na Inglaterra que se chamam de "templos" budistas. Eles não são, em absoluto, minha idéia de budismo. O verdadeiro budista não precisa ir à rua para converter. Eu sou budista autêntico. Mas enquanto estamos tratando mais ou menos de astrologia, examinemos dois outros sistemas. A grafologia, que é a ciência de ler o caráter pela escrita, é algo que endosso sem restrições quando praticada por especialista. Grafologia não é leitura da sorte. E, sim, um método extremamente exato de determinar o caráter da pessoa, as potencialidades, e tudo mais. Evidentemente, é preciso ser perito nessas coisas. Um número excessivo de principiantes ou de falsos grafólogos baseiam as conclusões em apenas um ou dois detalhes do cursivo. Mas o fato é que são necessárias sete confirmações antes que se possa dizer com absoluta certeza, sem medo de contestação, que isto é assim ou assado. A escrita informa sobre o caráter, capacidade, e coisas assim. Não é em absoluto possível, no entanto, prever o futuro na base da escrita e nenhum grafólogo reputado alega isso. O uso ideal da grafologia consiste na avaliação da capacidade da pessoa para certo emprego. Há alguns anos, "Ma", que agora chamamos de "Ra'ab", fez grafologia com êxito, para algumas empresas industriais. As empresas submetiam amostras da escrita de pessoas que se candidavam a um emprego. Ra'ab, com grande exatidão, sugeria qual candidato era o mais conveniente e fornecia uma avaliação de seu caráter e capacidade. Oh, por falar nisso, talvez seja bom dizer por que "Ma" transformou-se subitamente em "Ra'ab". Bem, os gatos pensaram que o primeiro nome (Ma) sugeria demais Dinah Drip-dry's Ma, a lavadora de assoalhos. Resolvemos, assim, adotar o nome que ela usou numa vida anterior, Ra'ab. Esta é outra de minhas infames digressões, por falar nisso. Mas não importa, é melhor uma digressão do que não escrever o livro, não acham? Neste livro serão muitas as digressões e muitas as repetições. Estive examinando uma série inteira de perguntas e compreendi que as repetições são essenciais, mesmo que um ou dois de vocês não as tolerem. Ficam, portanto, avisados de que haverá algumas repetições. Posso, com segurança, adverti-los, agora que estão tão adiantados no livro, que, espero, tenham comprado em vez de tomá-lo emprestado a alguma biblioteca. O pobre autor, como vocês sabem, não recebe direitos autorais por livros emprestados pelas bibliotecas. Cada livro

retirado da prateleira de uma biblioteca representa perda de renda, isto é, menos alimento na mesa do autor. Pessoas me escrevem dizendo que leram parte de um dos meus livros na Biblioteca Pública e, agora, quer fazer o favor de responder-me a uma série de perguntas? Ou, se eu lhes enviar a coleção completa, todos os volumes autografados e uma fotografia minha, eles procurarão arranjar tempo para lê-los.

Alminhas esperançosas, não? Assim, se chegaram até aqui e presumivelmente compraram este livro, permitam-me dizer-lhes que, sim, haverá algumas repetições, mas tudo no interesse da boa causa. A minha esperança é que repetições gravem tudo isto no subconsciente de vocês. Vocês tiveram de praticar repetição antes de decorar a tabuada de multiplicar. Eu estou tentando fazer alguma coisa por vocês, ajudá-los, pondo estes conhecimentos em seu subconsciente. São muitas as empresas que escolhem os candidatos na base da escrita e é do seu próprio interesse atualizar-se no assunto. Dessa maneira, poderão conseguir melhor emprego ou ganhar mais dinheiro. Poderão também obter uma avaliação de caráter de um bom grafólogo porque isto lhes ajudará a dominar qualquer fraqueza de caráter e fortalecer aqueles pontos que já são fortes. Mas nunca acreditem que alguém lhes pode ler a "sorte" à vista da escrita. Não pode. Um dos sistemas originais de descobrir o passado da pessoa, o presente e o futuro, é através da quiromancia, a interpretação daquelas esquisitas marcas na palma da mão. Em curtas palavras e supondo que você seja destro, a mão esquerda indicará o que você planejou fazer nesta vida, o equipamento que trouxe, isto é, se é de temperamento artístico ou um esforçado, ou se tem temperamento arrebatado ou calmo. A mão esquerda mostra o que se planejou e a direita o que se conseguiu até agora. O quiromante comum pode dar uma avaliação bastante razoável do caráter pelas linhas das mãos e dos dedos. Mas é preciso algo mais do que um quiromante comum para dizer, com exatidão, o que foi a vida passada e quais as probabilidades. Agora, deixem-me frisar novamente este ponto: as "probabilidades". Coisa alguma nesta terra pode afirmar, definida e irrefutavelmente. Não há ciência, arte, habilidade ou dispositivo que diga o que acontecerá, sem sombra de dúvida, ao indivíduo. Os praticantes autênticos reconhecerão que podem, apenas, mencionar probabilidades. Vejamos, para dar um exemplo, um pobre-diabo que cai de um avião sem pára-quadras. Todo mundo teria razão em dizer que ele está virtualmente morto logo que começa a queda,

porque logo que deixar de cair haverá um horrível baque e ele deixará uma marca na terra. Mas, espere um momento. Pode ser que ele não caia sobre algo duro. São muitos os casos de pessoas que caíram de aviões e sobreviveram para contar a estória. E contaram! No meu próprio caso, caí de um avião em chamas, de cerca de uns trezentos e cinqüenta metros, sofri graves ferimentos que me causaram certo grau de curvatura na espinha. Outros caíram em segurança. Houve um pobre indivíduo que caiu de um avião em cima de um monte de feno e o perigo real que correu foi o de sufocar antes que viessem tirá-lo do fundo do monte. Saiu com um ou dois galos na cabeça, um medo tamanho família, e mais nada. Outro caso muito conhecido ocorreu na Suíça. O piloto foi obrigado a saltar, sem pára-quedas ao que parece, e caiu através do frio ar suíço, aterrando num profundo monte de neve. Correu apenas o perigo de morrer congelado e foi preciso que se cavasse freneticamente para tirá-lo. Da experiência, saiu apenas com um ligeiro resfriado. Vocês vêem, portanto, que qualquer astrólogo diria que morreria num acidente aéreo, pois tal era a probabilidade, mas ele realmente não morreu. Se qualquer ledor de sorte, clarividente, astrólogo, quiromante etc., ab lib, disser-lhes que tal coisa acontecerá, sem falta alguma, agarre seu dinheiro e caia fora. Podem falar-lhes em probabilidades, mas guardem sempre em mente que são probabilidades, e nada mais. E se mantiverem a cabeça fria e usarem um pouco de força de vontade e imaginação, as probabilidades podem ser combatidas. A esse respeito temos um exemplo clássico. Conhecem-no? Bem, ao que parece, Sócrates, um dos homens realmente sábios que já viveu, mandou tirar o horóscopo quando era muito jovem. O horóscopo dizia que ele seria um bandido e assassino entusiástico e que cometeria todas as formas de crimes com grande élan. O jovem Sócrates exclamou para seus botões o equivalente a, "Menino, se é assim, eu já estou mudando", e resolveu fazer alguma coisa sobre o problema. Canalizou, destarte, todas as energias para a conquista do saber e as obras filosóficas e hoje é reverenciado como um dos Sete Sábios. Deixou marca indelével nas páginas da História, ao passo que, se se tivesse sentado sob o peso de um horóscopo desfavorável, poderia ter deixado a marca no Livro de Ocorrências de uma Delegacia de Polícia. Portanto, mesmo que um astrólogo ou quiromante lhes diga algo que os apavorem, lembrem-se de que podem superá-lo, que poderão sempre evitar as coisas más. Pelas cartas que recebo acho que a maioria de vocês tem a impressão que escritores

como eu reclinam-se em acolchoado esplendor, com uma turma inteira de secretárias em volta, com a respiração contida, esperando ordens. Acho que muitos de vocês pensam que um escritor como eu tem um Rolls-Royce ronronando na porta, pronto para levar-me a passeios. A situação não é essa. Não, absolutamente. Para dizer a verdade, estou reclinado com certo desconforto numa cama hospitalar e, no momento, por incapacidade e outras coisas, não posso bater à máquina. Buttercup, a Benévola, está datilografando as páginas para mim, como fez com a maioria dos meus livros. E serviço bem feito, por falar nisto. Mas sabem que tipos de perguntas me fazem? Admito que vocês conhecem algumas, mas sabem, por acaso, quais as que eu normalmente não respondo? Como é que vocês, por exemplo, responderiam a uma pergunta como esta: "Explique-me como é que lançamos uma sombra quando ficamos em pé ao sol?" Outra: "Há realmente a coisa chamada distância e o globo terrestre é realmente uma esfera?" Terceira: "O que é que significa isto é direito, aquilo é direito? Significa isto que devemos comer apenas com a mão direita?" A última pergunta é realmente sensata. Podem pensar que: foi feita por algum biruta, mas se pensarem seriamente no assunto, verificarão que ela tem muito sentido. O que significa direita isto ou direita aquilo? Todos sabemos o que significa fazer as coisas do modo direito e evitar o modo errado. Sabemos que é direito fazer o bem em vez de o mal. Mas sabem vocês por acaso que nossas mãos têm polaridade? Uma das mãos é positiva e a outra é negativa. Se relerem alguns parágrafos anteriores, onde discutimos a questão das palmas da mão, verificarão que a mão esquerda trata do abstrato, isto é, de coisas anteriores à nossa volta à Terra, do modo como planejamos as coisas, ao passo que a direita é a prática, que nos diz até que ; ponto alcançamos nossos objetivos. Da mesma maneira, até alguns anos atrás os árabes tinham uma norma muito clara sobre mãos. A mão esquerda era conhecida como a "mão suja" e usada apenas para coisas sujas, como tratar de certos aspectos da higiene. A direita era a "limpa" e podia-se usá-la quando se manuseavam alimentos. Todos os alimentos eram tocados com a direita, embora se pudesse erguer um copo ou uma xícara com a esquerda. Seria assunto interessante investigar mais a fundo a matéria e descobrir que diferença faria a nossa digestão se tocássemos os alimentos apenas com a mão direita e, talvez um mês depois, mudássemos para a esquerda. A mão direita é a mão apropriada para empunhar uma adaga ou a espada, ou dar um aperto de

mão. Nos velhos dias, costumavam as pessoas levar uma faca ou adaga na direita para desencorajar os assaltantes. Quando encontravam um amigo, estendiam a direita para mostrar que não escondiam arma e que vinham como amigas. E assim começamos o costume do aperto de mãos. Apertando-se a mão pode-se ver que a pessoa não tem uma faca na palma, presa com o polegar. E, se tiver armas escondidas na manga, sacuda-lhe a mão. Da mesma origem vem outra pergunta, a saber: "Como é que o Cordão de Prata liga o corpo físico, o Eu Superior e o corpo astral ao mesmo tempo?" O Cordão de Prata, como tudo mais, é uma vibração, o que significa que constitui também uma fonte de energia. O Cordão não precisa necessariamente ir apenas até outro objeto, isto é, não se limita a ligar corpo e alma. Extensões podem ser tiradas dele da mesma maneira que se podem tirar extensões do telefone caseiro. Se temos um telefone na sala de estar, não há grande problema em levar uma extensão até o quarto de dormir. Constitui mero bom-senso compreender que o Eu Superior é a fonte da energia da pessoa, do ser. Poder-se-ia dizer que traz o ser humano preso a uma correia. Pode-se ter um cão numa correia ou dez deles. Da mesma forma, pode o Eu Superior estar ligado ao astral e ao corpo físico. Nada há realmente a responder à pergunta, exceto dizer que, se temos um cão, digamos, um cão avantajado, é muito fácil prender ao fim da correia um cão menor e isto corresponderia ao Eu Superior, e os corpos astral e físico. Escrevendo livros, entrei em contato com pessoas absolutamente horríveis, birutas completas, que poderíamos classificar de egressos de asilos de alienados. Constituem a grande minoria, porém, e conheci também pessoas notavelmente decentes. Dando um exemplo, existem duas senhoras muito decentes na Columbia Britânica, a Srta. e a Sra. Newman. Querem transformar a vida num sucesso e acho que estão conseguindo. Enviaram algumas perguntas e, aqui neste capítulo, vou responder a apenas uma pelo motivo muito especial de que se ajusta muito bem ao que vimos discutindo. Vamos, então, à resposta à pergunta específica da Srta. e Sra. Newman. Perguntam elas: "Pode, por favor, explicar a homossexualidade mais ou menos da mesma maneira como explicou o alcoolismo em Além do 1º. Décimo? O nosso Eu Superior, conforme expliquei, acumula experiência na Terra. O Eu Superior em si é grande demais, poderoso demais e tem vibrações altas demais para descer à Terra. É obrigado, por isso, a empregar esses pedaços de protoplasma que, em nossa ignorância, consideramos as

formas mais altas de existência em qualquer esfera. Nós humanos somos nada mais do que pedaços de carne montados num arcabouço ósseo, impelidos de um lugar a outro pela graça do Eu Superior. Inevitavelmente, porém, surgem enguiços. Muitas vezes, um fabricante de automóveis diz para si mesmo (só para si mesmo): "Oh, Deus, montei os freios erradamente naquele modelo de carro. Vamos recolhê-los." A notícia é divulgada e os carros têm que voltar à fábrica para conserto. Na confusão de sair do mundo astral e descer ao mundo que chamamos de terra, surgem problemas. Nascer constitui uma experiência traumática, assunto extremamente violento. Um mecanismo delicado pode, com a maior facilidade, desarranjar-se. Dando um exemplo, está para nascer uma criança e, durante toda a gravidez, a mãe mostrou-se muito descuidada na alimentação e no que fazia. O bebê, portanto, não recebeu o que se poderia chamar de um insumo químico equilibrado. Talvez careça de certos elementos químicos e o desenvolvimento de certas glândulas pode ter sido interrompido. Digamos que o bebê ia nascer menina, mas que, devido à falta de certos elementos químicos, nasceu menino, um menino com inclinações femininas. Os pais vêem que ganharam um pobre-diabo efeminado e atribuem talvez a situação a mimos demais ou a qualquer outra coisa. Poderão tentar instalar-lhe algum bom-senso à custa de pancadas, pretendendo, de uma maneira ou de outra, torná-lo mais masculino. Mas não funciona. Se as glândulas não são o que deveriam ser, não importa que tipo de projeções ele tem na frente. Será ainda uma menina em corpo de menino. Na puberdade, o menino talvez não se desenvolva satisfatoriamente ou é possível que o faça apenas no que toca à aparência exterior. Na escola, pode parecer um daqueles amunhecados, mas o pobre não pode evitar isso. Ao chegar a adolescência, descobre que "não pode fazer as coisas que se fazem naturalmente" e, em vez disso, corre atrás dos rapazes — homens. Claro que o faz porque todos seus desejos são femininos. A psique é feminina, muito embora devido a um infeliz conjunto de circunstâncias a fêmea tenha recebido equipamento masculino. Não lhe será ele de muito uso, embora ainda continue no lugar! O macho transforma-se no que costumava ser chamado de "pederasta" e revela tendências homossexuais. Quanto mais feminina a psique, mais fortes as tendências homossexuais. Se a mulher tem psique masculina, não sentirá interesse pelos homens e sim pelo seu próprio sexo, porquanto a psique, que se situa mais próxima do Eu Superior do que o corpo físico,

envia mensagens confusas a este último, que responde com certo tipo de comando: "Ande. Faça o que tem a fazer." A miserável psique masculina fica obviamente enojada com a idéia de "fazer o que tem a fazer" com um homem. Desta forma, todo o interesse é concentrado numa fêmea. Vemos então o espetáculo de uma fêmea fazendo amor com outra, o que chamamos de lesbianismo porque, numa ilha da Grécia, aquilo costumava ser o "que se fazia". É inteiramente inútil condenar os homossexuais. Não são criminosos. Em vez disso, deveriam ser classificados como doentes, pessoas afligidas por problemas glandulares. E se a medicina e os médicos tivessem a cabeça no lugar, fariam algo a respeito da deficiência glandular. Se uma lésbica (mulher) ou um homossexual (homem) conseguem encontrar um médico compreensivo, ele poderá lhes administrar extratos glandulares que, sem dúvida, melhorarão a condição dos mesmos e lhes tornarão a vida suportável. Por infelicidade, hoje em dia, com o tipo comum de médico que parece preocupado apenas em ganhar dinheiro, precisa-se procurar muito para descobrir um que valha a pena. É inútil, porém, condenar o homossexual. Não é culpa dele ou dela. São pessoas muito infelizes, porque confusas, não sabem o que lhes aconteceu, percebem que são objeto de zombaria e não podem controlar o que é, afinal de contas, o impulso mais forte conhecido do homem ou da mulher — o da reprodução. Os alienistas, conhecidos também como psicólogos, tampouco são muito úteis porque levam anos para fazer o que uma pessoa comum faria em dias. Se for explicado sem meias palavras ao homossexual que tem desequilíbrio glandular, ele pode habitualmente adaptar-se. De qualquer modo, as leis estão sendo emendadas para levar em conta esses casos, em vez de submetê-los a uma feroz perseguição e penas de prisão pelo que é, na verdade, uma doença. São várias as maneiras de ajudá-los. A primeira, quando uma pessoa muito compreensiva e muito mais velha, que sinta profunda pena do sofrimento, lhe explica exatamente o que aconteceu. A segunda, igual à primeira, com o acréscimo de que a vítima deve receber algum medicamento que suprima o impulso sexual, a fome sexual. A terceira, bem, mais uma vez é preciso explicar as coisas, e um médico pode administrar injeções de hormônios ou testosterona, que, sem dúvida alguma, podem ajudar o corpo na questão do ajustamento sexual. O que é de importância vital é que não se condene nunca o homossexual. Não é culpa dele, que está pagando por algo que não fez, por uma falha da

natureza. Talvez a mãe tenha ingerido o tipo desaconselhável de alimento, talvez mãe e filho fossem quimicamente incompatíveis. Não obstante, qualquer que seja o ângulo por onde se examine a questão, os homossexuais podem ser ajudados apenas pela verdade, compreensão e simpatia e, tudo indica, pela ministração judiciosa de certos medicamentos. Tenho aqui uma pergunta a que já respondi, mas talvez seja melhor respondê-la novamente: "Como é que surgiu a concepção errônea de que os ocultistas não podem cobrar pelos serviços que prestam?" Não é difícil encontrar a resposta. No Extremo Oriente as pessoas são desesperadamente pobres, não possuem televisões, automóveis, aviões particulares e casas de dois andares. Às vezes, conseguem apenas alimentos e algumas roupas. Ocasionalmente, são encontradas ali pessoas que não viram dinheiro nem uma única vez em suas vidas. Fazem compras pelo sistema de escambo, trocam produção, ovos, por exemplo, ou mesmo trabalho, pelas coisas que querem. Assim, se querem os serviços de um ocultista, não pensam em dar-lhe dinheiro, que não possuem. Em vez disso, fornecem-lhe alimentos, cereais, por exemplo, ou frutas e, se não podem dispor deles, trabalham para o ocultista, consertam-lhe o manto e fazem-lhe uma nova escudela. Se o ocultista tem casa, o camponês a limpa. Talvez seja uma caverna na encosta de uma colina e, neste caso, a pessoa que lhe usou os serviços limpá-la-á tantas vezes, varrerá a palha velha e cobrirá o chão com palha nova. Irá cortar madeira para o fogo e fará outros serviços. Apesar disso, é ainda pagamento, certo? Se fornece alimentos ou trabalho, ainda paga. Mas, na verdade, a advertência contra o pagamento constitui assunto inteiramente diferente, pois visa aos ocidentais inescrupulosos que anunciam serviços que não podem, na verdade, realizar, e que cobram preços exorbitantes. Alguns dos anúncios que ali são fantásticos demais para serem acreditados. Acho extremamente hilariante o indivíduo arrumar uma pasta de documentos, e talvez uma valise, e correr às pressas até o astral para ler o Registro Akáshico de uma pessoa, e isto sempre por alto preço. Tais coisas são impossíveis, absolutamente impossíveis, porque está em vigor uma lei oculta muito rigorosa que diz que pessoa alguma pode ler o Registro Akáshico de outra que ainda esteja viva. Se vocês querem saber o que aconteceu há quinhentos anos, o assunto é diferente. Trata-se de História. E pode-se consultar o Registro Akáshico da mesma forma que se vai à filmoteca e pede-se para projetar um filme histórico. Mas da mesma forma

que numerosas coisas são secretas hoje, quando não se podem divulgar a velocidade de certo avião ou a rapidez com que se desloca um obus, tampouco se pode ler ou discutir o Registro Akáshico de uma pessoa viva. Afinal de contas, o Mundo Espiritual não existe apenas para benefício desses anunciantes sabichões. Pensem nisso quando lerem alguns desses anúncios e soltem uma gargalhada comigo, certo? CAPÍTULO 7 FAÇA MAL AO PRÓXIMO E FARÁ MAL A SI MESMO O dia foi muito agradável, com um claro céu azul e temperatura mais quente do que nas últimas semanas. Houve sinais de que o inverno terminou e que a primavera está realmente pensando em espiar pela folhinha e trazer calor, sol e nova vida aos exaustos e abatidos pelos frígidos invernos do Canadá. Nos vales, a neve é ainda profunda e assim permanecerá durante algumas semanas, embora, em terreno mais alto, exposto aos raios cálidos do sol, a neve já derreta rapidamente e desça em regatos que correm impetuosos para engrossar as águas do rio Saint John. Muitas aves passaram num sinal de que a primavera está chegando, voltando para os velhos ninhos. Um bando de patos passou logo depois de terem as enormes gaivotas de dorso preto descido, vindas do mar, para pousar no teto, olhar em volta e soltar granidos roucos. A noite esfriou e sentimos uma sugestão de neve no ar. Inesperadamente, ouvimos o tamborilar de granizo nas janelas, atingindo o terraço e saltando.

Em poucos momentos a rua ficou coberta com um verniz gelado. O Ancião pensava: "Oh, pobre Sr. Robichaud. Terá novamente muito trabalho pela manhã!" Durante o dia, o Sr. Robichaud estivera muito ocupado varrendo poças de neve derretida, tirando o cascalho lançado na rua, e que transbordou para a calçada, por caminhões da Prefeitura, numa tentativa de prover poder de tração aos veículos. O granizo viera, porém, enchendo de mais cascalho a parte fronteira do edifício e criando mais trabalho para um homem já por demais explorado. A noite passou rápida e as luzes da cidade foram apagadas uma a uma. No hospital, permaneciam sempre acesas, sempre prontas para as emergências, em estado de alerta constante. O Ancião voltou a cabeça e olhou pela janela para o terraço. No porto, ainda havia atividade. O navio russo que carregava cereais para a União Soviética continuava feericamente iluminado. Ouvia-se o estrugir de maquinaria e o silvo de vapor a alta pressão. Bem perto ouviu-se um ruído horrível quando mais uma das locomotivas da Canadian National passou trovejando pelos

trilhos, apitando na passagem de nível como se o mundo tivesse enlouquecido. "Acho que ninguém disse ao maquinista que há luzes de sinalização nos cruzamentos", pensou o Ancião, pois parece loucura que, no Canadá, as locomotivas circulem ao acompanhamento constante de apitos e badalar de sino. Lembram uma turma de crianças muito pequenas brincando numa grande algazarra. O Canadá, ainda mais do que os Estados Unidos, deveria ser conhecido como a Terra do Ruído e da Agitação. O Ancião estendeu os olhos mais uma vez, além da passagem de nível e do comboio interminável de vagões de cargas que obstruíam a estrada. Os rebocadores do porto aproximaram-se de um navio liberiano que acabara de descarregar sete mil toneladas de minério de níquel. Anteriormente, o navio fora detido por falta de pagamento de direitos nos Estados Unidos. Saíra de um porto da Costa do Pacífico, aparentemente sem a pequena formalidade de pagar as taxas de atracação. O telefone, porém, é muito mais rápido do que o navio, e mensagens correram céleres da Costa do Pacífico dos Estados Unidos para a costa leste do Canadá. Cedo naquele dia, policiais subiram a bordo e entregaram um mandado de prisão ao comandante. Trabalhou-se freneticamente e foi paga uma fiança. O navio podia agora sair e os rebocadores aproximavam-se para rebocá-lo de popa, levá-lo de costas para as águas mais profundas do canal, onde, com a proa na direção certa, possivelmente partiria para a Austrália. O piloto já estava a bordo. A sua lancha já se dirigia para além das bóias, onde esperaria o navio, que reduziria a marcha, permitindo que ele desembarcasse. O navio ficaria então livre para navegar por meios próprios. O navio saiu em silêncio, sem apito, sem ruído de ferragens, nenhum silvo de vapor, e deslizou para longe como se envergonhado de ter sido detido por perfídia e má-fé da humanidade, a humanidade exemplificada por aqueles que deveriam ter pago as contas devidas por serviços prestados. Em toda a cidade, pessoas adormecidas deixavam os corpos físicos e subiam para os mundos astrais, com os Cordões de Prata esticados como linhas de seda, auto-iluminados, brilhantes, contorcendo-se e sacudindo-se. O Ancião sorriu ao ouvir num dos quartos os roncões macios de Buttercup. "Ela nunca acreditaria no que está fazendo!" pensou o ancião. Subitamente, a forma astral dela apareceu através da parede e disparou para longe, diretamente para cima, na direção dos Estados Unidos. Com o corpo astral fora do físico, aumentaram os roncões. Em outro quarto, Ra'ab roncava também. Partira antes para a Terra

dos Gatos Astrais, onde seria recebida por algumas pequenas gentes realmente carinhosas, a Srta. Ku'ei, a Sra. Fifi Greuwhiskers, a Srta. Cindy, Long Tom, Lord Furhead, e outros. Ra'ab sabia que ia para a Terra dos Gatos Astrais, mas provavelmente não sabia como podiam ser estertóreos os seus roncos! A pequena gata Cleópatra dormia ao lado de Ra'ab. Ela também fora para a Terra dos Gatos Astrais, A gorda gata Taddykins, porém, estava de serviço, e assim ficaria até 4 da manhã. Descansava na prateleira imediatamente em cima do radiador, onde era envolvida pelo calor do ar suavemente aquecido que subia. Uma pata.pendia enquanto a outra lhe sustentava o queixo. As ancas apontavam para um lado e a parte anterior para outro, numa posição que somente um gato pode adotar. Muito longe, na baía de Fundy, um barco de pesca acendeu os faróis subitamente. O feixe hesitou durante um momento, tenteando em volta, e com igual rapidez foi apagado e não se viram mais traços do pequeno barco. Apesar disso, em toda baía os barcos haviam lançado linhas e redes, esperando físgar peixes que não estivessem contaminados pelo mercúrio da água que corre dos Estados Unidos, lançado por uma grande indústria que descarrega grande volume de eflúvios venenosos nas correntes que passam pelos seus limites. E havia ainda uma nova fonte de venenos, porque um petroleiro partira-se ao meio e afundara ao largo da costa da Nova Escócia. Petróleo, peixes e aves envenenadas estavam sendo lançados sem cessar nas praias pelas ondas. Os pescadores de Nova Brunswick trabalhavam, por isso mesmo, bastante sombrios, sabendo que estava em jogo seu meio de vida, por causa da maneira criminosa como o homem polui as fontes da natureza. Algumas nuvens corriam pelos céus e parecia que se formava uma forte ventania. As três bandeiras no alto da colina distante flutuavam loucamente, enquanto as adriças batiam nos mastros como se em uníssonos com as bandeiras. Sobre a colina, além de Mispéc, a lua cheia subiu com inesperada e espantosa rapidez diretamente para um espaço aberto de céu, lançando um pálido brilho sobre a paisagem, amortecendo as luzes das ruas e da nova ponte sobre o rio Saint John. E quando subiu, o feixe de luz prateada correu tremendo de Mispéc até o porto, tocando com dedos brilhantes um barco de pesca aqui, iluminando uma bóia ali, prateando um trecho de terra e se desfazendo em ondas ao tocar na esteira deixada por um veloz rebocador. O Ancião voltou-se subitamente, e uma aguda, dilacerante e cortante dor lanceou-lhe as entranhas, uma dor que o deixou sem fôlego,

quase vomitando de agonia súbita. A dor, companheira constante havia muito tempo, tornava-se cada vez mais freqüente e mais intensa, uma dor que, com dedos inexoráveis, apontava para a folhinha, mostrando que progredia a jornada pela vida e indicando quando ela terminaria. Na prateleira sobre o radiador, a gorda gata Taddykins levantouse, fitou atentamente o Ancião, murmurou alguma coisa para si mesma e saiu a trote para o quarto onde Ra'ab dormia ainda. Logo depois, o Cordão de Prata que ligava o astral e o físico de Ra'ab começou a enrolar-se, com rapidez cada vez maior até que voltou também o corpo astral. Segundos depois, Ra'ab entrou para perguntar o que podia fazer pelo Ancião? Mas o que poderia ela fazer? O Ancião estava em estado de espanto permanente desde que recebera "tratamento médico" no Canadá. Na sua ignorância, pensara que o primeiro dever do médico era aliviar o sofrimento. Fora o que aprendera. ' Ensinar-lhe que, em primeiro lugar, alivia-se o sofrimento e, em seguida, tenta-se curar o que o provocou.

Mas agora via o outro lado da estória, não como médico, mas como doente. Sofria muito, e ele e Ra'ab haviam pedido aos médicos alguns comprimidos para aliviar a dor. Ou qualquer outra coisa. Inicialmente, haviam respondido: "Não, não os podemos dar ainda. Poderia disfarçar os sintomas." Mas, enquanto isso, o Ancião sofria, sentia ainda dor e fora levado ao hospital como caso de extrema gravidade. Uma enfermeira bondosa no primeiro hospital fizera o que os médicos não pareciam capazes, de fazer. Ocorreu, então, a segunda crise e foi levado ao segundo hospital, onde recebeu o veredicto de que coisa alguma podia ser feita. Sabendo que coisa alguma podia ser feita para curá-lo, o Ancião, Ra'ab e Buttercup simplesmente não conseguiram compreender por que coisa alguma não se poderia fazer também para aliviar o sofrimento, diminuir a dor, dar descanso. Pois, repetindo a pergunta, não é o primeiro dever do médico aliviar o sofrimento? E se não pode curar a causa, pode decerto dar alívio enquanto há vida. Ra'ab olhou em volta sem saber o que fazer. O que poderia ela fazer? Nada havia, não possuía drogas, nada. Mais uma vez, sentou-se simplesmente, ficou a olhá-lo e coisa alguma lhe pôde dar, salvo compaixão e compreensão. Logo depois, entrou Cleópatra, fazendo o equivalente felino de uma cambalhota, na esperança de desviar a atenção, de proporcionar algum ligeiro alívio. Cleópatra e Taddkyns ronronaram para mostrar que compreendiam que era lancinante o sofrimento. Duas

pequenas pessoas que, para o homem comum, pareceriam apenas dois pequeninos animais muito belos. Mas, para os que sabem, os dois pequeninos são gente à parte, inteligentes, altamente civilizados, de simpatia e compreensão totais. O Ancião, deitado no leito de dor, perguntava-se ainda por que a comunidade médica local não ouvira falar em analgésicos ou, se ouvira, por que os médicos não os usavam, por que não usavam tais métodos para dar alívio a alguém que passava por um grande sofrimento? O céu escureceu e a lua foi encoberta por nuvens pretas e baixas. Um nevoeiro nasceu subitamente no mar distante, correu para a terra, as primeiras gotas de chuva tamborilaram nas vidraças das janelas e uma pancada de ar sacudiu o edifício. Logo em seguida, a tempestade caiu com toda a fúria, em uivos e guinchos do vento misturado com torrentes de chuva e granizo. Caiu, removendo todas as recordações do dia agradável, ocultando o porto num véu de chuva. As luzes das ruas assumiram uma tonalidade sobrenatural verdeazulada, enquanto as lâmpadas de sódio tentavam, em vão, penetrar no nevoeiro e na chuva cortante. A monotonia do tamborilar da chuva e os uivos do vento em torno dos cantos do edifício, empurrando janelas e sacudindo portas, lembraram ao Ancião como as coisas deviam estar em suas entranhas. A noite parecia interminável, cada minuto, uma hora, e cada hora, um dia. Ra'ab, a pedido do Ancião, voltou para a cama. Cleo permaneceu com ele durante algum tempo e voltou também para a cama. Taddykins retornou ao posto em cima da prateleira, onde ficaria até 4 horas da manhã escura e sombria. Às 4 horas, a Srta. Cleópatra voltou ao quarto e saltou para o lado de Taddy. Esfregaram os narizes durante um curto momento. Taddy desceu com um salto e deixou a Srta. Cleópatra quase na mesma posição que adotara. Na rua, começava o primeiro tráfego do dia. Os trabalhadores matutinos iam para as docas. Lá embaixo, um homem deu partida ao carro. Talvez fosse à doca seca ver como iam as coisas. Um rebocador solitário apitou ao longe e perdeu-se na chuva e na escuridão. Não se via a luz do farol. A chuva lhe tapava totalmente o feixe. Ao longe, ouviu-se o baixo profundo triste de uma sirena de nevoeiro. Arrastaram-se as horas. Por fim, uma fraca luz cinzenta apareceu sobre as colinas de Mispéc, uma luz mortiça que pouco fez para dissipar a escuridão, pois mostrou apenas um dia absolutamente desagradável, encharcado. Água borbulhando dos telhados, água correndo pelas ruas e pancadas súbitas que obliteravam a vista da ponte e do porto.

Mais horas transcorreram e mais pessoas começaram a acordar. Ra'ab voltou, seguida logo depois de Buttercup. Começara outro dia. O porto parecia quase vazio. Um cargueiro da Blue Star fazia a volta no canal prestes a ganhar mar alto. Ele, também, estava ansioso para deixar-nos. O navio russo continuava no mesmo lugar, soltando uma pálida coluna de fumaça pela chaminé. No cais de manutenção, homens subiam nos barcos de casco vermelho que saíam para levar suprimentos aos faroleiros e inspecionar as bóias luminosas e as sonoras. No meio do porto, um rebocador solitário permanecia imóvel e uma figura na popa parecia puxar uma linha de pesca. Talvez os tripulantes estivessem tentando pescar o café da manhã! A correspondência inevitável, incessante, chegou em cascata. Naquele dia, com o Ancião se sentindo como algo que o gato traz para casa. Chegaram setenta e oito cartas, quase todas de pessoas que queriam algo e a maioria sem exibir a cortesia elementar de juntar o selo de resposta. Uma mulher escrevia impetuosamente: "Oh, Dr. Rampa, ouvi dizer que o senhor vai morrer e pensei em pedir sua ajuda antes que seja tarde demais. O senhor fará isso por mim? Precisa fazê-lo antes de morrer." Pessoas escreviam, interminavelmente, e o Ancião fazia o que lhe era possível para responder às perguntas razoáveis. Buttercup trabalhava muito, e com exatidão, datilografando as cartas, o que o Ancião não podia mais fazer. Mas não lhe davam descanso. Muitos deles, tão logo recebiam uma resposta, enviavam uma série inteira de novas perguntas, "antes que seja tarde demais". Uma "senhora" de Toronto enviou sete cartas na mesma mala postal. Aparentemente, escreveu uma carta de várias laudas, e quando a terminou e a pos no correio, lembrou-se de outras coisas que queria saber e continuou até enviar as sete. O Ancião teve numerosas e estranhas experiências com a correspondência. Uma senhora de Ontário escreveu cartas realmente inflamadas e conseguiu, de alguma forma, o endereço do Ancião. Entrou em contato com a Polícia e disse que havia necessidade urgente de comunicar-se com o Dr. Rampa. Era uma questão de vida ou morte. A nossa bem-humorada e bem intencionada Polícia local enviou um carro de patrulha à casa do Ancião, que agonizava, com uma ordem muito severa: "O senhor deve telefonar imediatamente para este número. Trata-se de uma questão de vida ou morte." A mesma mulher enviava cartas expressas, telegramas, tudo, enfim. Por fim, o Ancião não pôde mais suportar. O "por fim" foi ocasionado por uma carta dizendo que a menos

que ele se tornasse seu "amigo", ela cometeria suicídio. E juntou três páginas repetindo a mesma coisa: morreria, morreria, morreria. O Ancião não suportou mais e chamou a Polícia do distrito onde ela morava. A Polícia foi procurá-la e perguntar que estória era essa de cartas de natureza "amatória". Agora, pelo menos, daquela origem há paz. Mas se sabe, embora, que o pobre infeliz policial que a visitou voltou à delegacia consideravelmente abalado com a experiência. Certa noite, quando morava em Habitat, o Ancião jazia na cama gravemente enfermo. Mais ou menos por volta de meia-noite ouviu uma trovejante batida na porta. Ra'ab correu do quarto. O Ancião conseguiu sair da cama, sentar-se na cadeira de rodas e agarrar alguma coisa na eventualidade de que o intruso fosse perigoso. À porta, surgiram dois policiais franco-canadenses, que, em inglês decididamente claudicante, exigiram falar com o Dr. Rampa. Um dos policiais era da Delegacia de Fraudes, o outro, o motorista. Indagaram todos os tipos de coisas. Perguntas de todos os tipos tiveram de ser respondidas, e isto à meia-noite. Por fim, o Ancião quis saber o motivo de tudo aquilo, por que faziam tantas perguntas. Os dois policiais se entreolharam e um deles foi ao telefone. Numa algaravia franco-canadense conversaram com o Superintendente. Depois de terem posto o telefone no gancho, as maneiras dos dois muraram por completo. Contaram que um homem num dos Estados do Meio Oeste dos EUA havia telefonado para a Central de Polícia de Montreal dizendo encontrar-se numa situação de grave emergência, e que, por favor, poderia a Polícia entrar em contato com o Dr. Rampa, endereço desconhecido, e mandá-lo chamar certo número naquele Estado? Ao transmitir-se a mensagem à radiopatrulha, a informação chegou algo mutilada, e porque um homem da Delegacia de Fraudes a recebeu, pensou que teria que visitar o Ancião sobre uma questão qualquer de mistificação, e agiu nessa conformidade. Por fim, as coisas foram explicadas e os policiais saíram. As desculpas chegaram um pouco tarde, muito depois de meia-noite, após terem despertado e perturbado um homem muito doente. Coisa idêntica aconteceu, quando, em outra ocasião, o Ancião morou antes em Saint John. A Polícia recebeu um telefonema de alguma velha biruta de Montreal. Disse ela que se tratava de questão de vida ou morte. A Polícia apareceu como um ativo esquilo, pensando que ia salvar uma vida. Foi dado um telefonema e a estúpida mulher queria simplesmente que o Ancião dissesse ao marido que ela não devia ter relações sexuais com ele!

Incidentalmente, embora o caso acarretasse despesas consideráveis, nem a mulher nem o mando fizeram a menor tentativa de reembolsá-lo. Isso é o que habitualmente acontece. Algumas pessoas pensam simplesmente que o Ancião é feito de ouro e que está morrendo de vontade de correr para ajudá-los, e remunerá-los pelo prazer. Há muito pouco tempo, um homem escreveu-lhe da Ásia. Disse que queria servir à humanidade e, como julgava que ia ser médico, ordenava ao Ancião que lhe enviasse imediatamente dinheiro para custear uma viagem aérea de primeira classe até o Canadá. Disse ainda ele (o Ancião) deveria sentir-se honrado em oferecer casa e pensão e pagar todas as despesas do futuro médico. Terminou, dizendo: "Jamais poderei reembolsá-lo, mas, pelo menos, o senhor saberá que estou fazendo o bem ao próximo." Outro caso em Habitat ocorreu quando chegou um homem, tarde da noite, com bagagem e tudo. Chegou-se à porta e simplesmente bateu, bateu, até que foi atendido. Viera da Índia. E disse: "Vim morar com o senhor, como seu filho. Cozinharei para o senhor." E tentou forçar a entrada... com bagagem e tudo. O Ancião cismava sobre essas coisas, sobre os humanos que lhe escreviam, sobre a mulher que lhe enviou uma epístola dizendo que o livro que escrevera tora concluído, o livro que ele lhe ditara telepaticamente. Agora queria uma carta dizendo que o recomendava para publicação e que os direitos autorais deviam ser pagos a ela. Um livro extremamente divertido poderia ser escrito sobre algumas dessas cartas notáveis. Mas, para dizer a verdade, o Ancião, no pouco tempo que lhe resta, está muito mais interessado em responder a perguntas, que, espera, ajudem a outras pessoas. Muitas perguntas são bastante sensatas, como esta: "Por que é que nunca nos lembramos das missões que supostamente devemos cumprir aqui na Terra? Por que temos de continuar cegamente, sem nada saber do que fazemos? Pode responder isso?" Claro, e certamente nada há de especialmente notável a esse respeito. Se as pessoas soubessem por antecipação o que tinham de fazer, elas se concentrariam exclusivamente nisso e, dessa maneira, ganhariam apenas conhecimentos ou experiências unilaterais. Amiúde me dizem que eu comparo a vida na Terra a uma escola. Claro que comparo, pois é uma escola, uma escola para seres humanos. E, voltando à nossa explicação escolar, pensem nisto: vocês estudam, mas têm que passar nos exames. Têm que submeter-se a um teste. Sim, um exame que revelará o quanto vocês sabem. Entram na sala da banca sem saber que perguntas serão feitas. Se as

conhecessem antes, não seria absolutamente um exame, porque vocês enrolariam apenas algumas frases sobre pouquíssimos assuntos e, evidentemente, seriam aprovados sem dificuldade. Mas nada saberiam. Na escola o indivíduo é obrigado a versar um amplo campo de conhecimentos e, para haver certeza de que aprendeu adequadamente tudo isso, os exames são marcados para uma data futura. Os alunos sabem que vai haver exame, mas, claro, não as perguntas exatas. Por isso mesmo, terão que estudar toda a matéria que será abrangida pelo exame e não se especializar em apenas uma ou duas. Suponhamos que um cirurgião, ou melhor, um futuro cirurgião, está fazendo exames mas se descuidou nos estudos, supondo-se que alguém lhe contou a natureza exata das perguntas. Se ele fosse inescrupuloso e sem princípios, concentrarse-ia apenas nessas questões e, naturalmente, passaria "cum laude". Mas, quem sabe, o leitor poderia ser seu primeiro doente. Suponhamos que fosse submetido a uma operação renal e tudo que ele soubesse fazer era tirar um apêndice. Você se sentiria feliz? Você se sentiria satisfeito em ter negócios ou voar com um piloto que, conhecendo as respostas às perguntas que lhe seriam feitas no exame, e nada mais sabendo, conseguisse o emprego? Claro que não. Vocês são mantidos na ignorância de sua tarefa nesta vida para que façam o máximo (ou, pelo menos, há esperança de que o façam!) em todas as esferas. Talvez sua tarefa seja ser bondoso com os gatos. Se vocês soubessem o que teriam que fazer, poderiam ser muito bondosos, abjetamente bondosos, de fato, mas poderiam ficar tão absorvidos no tema que, talvez, inadvertidamente, causassem sofrimento a cães ou cavalos, negligenciando-os completa e totalmente. Não, Sra. Interpeladora, é providencial que os humanos não saibam o que vêm fazer na Terra. Se soubessem, o conhecimento os tornaria desequilibrados e unilaterais. Mas não fiquem com a idéia de que todos aqueles que me escrevem são imbecis ou birutas, pois incorreriam em grave erro. Tive oportunidade de travar conhecimento com algumas pessoas excelentes. Valeria Sorock foi uma delas. Foi a primeira a cumprimentar-nos quando chegamos da Irlanda, pois já éramos sinceros amigos, e Valeria Sorock possui uma virtude absolutamente maravilhosa: pode-se ter completa e total confiança nela. Eu não gosto de circular muito e se há alguma coisa de que eu necessite e, claro, é sempre alguma coisa extremamente difícil de obter, Valeria Sorock é a pessoa para localizá-la. Vivemos muito longe um do outro fisicamente, mas muito próximos

espiritualmente. Permitam-me aqui saudar Valeria Sorock pela sua fidelidade invariável e pelo imenso esforço que despense para fazer o bem. Não é uma mulher rica por qualquer critério e, de fato, é obrigada a trabalhar muito e andar quilômetros para ganhar o que é, na realidade, uma ninharia, mas, ainda assim, Valeria Sorock pode sempre dispor do tempo para fazer o que se queira, e ajudar. Assim — Valeria — meus agradecimentos a você e minha imorredoura amizade pelo carinho que sempre me testemunhou. Existem numerosas pessoas definitivamente acima da média, claramente muito acima, e é triste que elas, a maioria das vezes, não sejam absolutamente dotadas dos bens deste mundo. Quase sempre são tão decentes e modestas que, inegavelmente, subestimam a própria capacidade. Estou pensando agora em duas pessoas muito brilhantes, o Sr. e a Sra. Czermak. Estão tendo dificuldades porque, na minha opinião, eles não sabem "vender-se". O Sr. Czermak é um homem que todas as pessoas teriam orgulho em conhecer, da melhor qualidade, com um cérebro de primeira classe, e que se destaca numa coisa que sempre me derrotou — números! Números complicados e não o tipo que conhecemos, embora eu não tenha dúvida de que o Sr. Czermak poderia possivelmente brilhar em qualquer terreno. E temos também a Sra. Czermak, uma pessoa realmente talentosa. Ela possui a mais extraordinária capacidade artística. A cerâmica, a fotografia, qualquer coisa no campo artístico parece brincadeira de criança para ela. Ela aplica os freios ao próprio progresso por querer ser perfeccionista demais. Não se pode ter perfeição neste mundo e, se nos esforçamos demais para alcançar a perfeição absoluta, desperdiçamos tempo demais no inatingível. Logo em seguida trataremos de duas perguntas, a primeira enviada pelo Sr. Czermak e a segunda pela Sra. Czermak.

Sim, escrevem-me sobre todos os tipos de estranhos problemas. A carta mais longa que recebi foi escrita numa folha de papel de 23 centímetros de largura por 4 metros de comprimento. Era uma única folha e datilografada em espaço um. Foi, como disse, a carta mais longa que já recebi. O que é que vocês fariam com ela? Fiz o mesmo! E, naturalmente, há John Henderson. Conheci-o após uma ou outra carta que ele me escreveu. John Henderson é um indivíduo muito decente, muito capaz, e "vai vencer na vida". Tenho a esperança de que, mais tarde, possa abrir as asas espirituais e escrever um ou dois livros, fundar o Retiro Espiritual e fazer o que quer que

as pessoas do Outro Lado sugeriram. Sim, fiz excelentes conhecimentos. Algumas pessoas que me escrevem não têm o menor conhecimento de metafísica, mas o que importa se o indivíduo está interessado no assunto ou não? De fato, talvez fosse uma boa idéia responder à pergunta do Sr. Hanns Czermak. Diz ele: "Sim, tenho uma pergunta, Dr. Rampa. Qual é a coisa mais importante que uma pessoa deve ou pode fazer para desenvolver qualquer latente capacidade oculta que possua? Pergunto-lhe isto porque, aparentemente, tenho dificuldade em começar as coisas que o senhor descreve tão claramente em seus livros. Obviamente, estou fazendo alguma coisa errada e me pergunto se não há uma maneira de preparar minha mente e corpo?"

Na verdade, não importa realmente se você faz conscientemente ou não viagens astrais porque todo mundo as faz ao dormir. Mas se você encontra dificuldade em fazer alguma coisa, está certo de que, realmente, quer fazê-la? Tem certeza de que não existe algum obstáculo criado, digamos, pelas dificuldades de sua vida passada? Suponhamos que uma pessoa — oh, não você, claro! — tenha sido uma feiticeira na vida pregressa. Suponhamos que tenha sido queimada no pelourinho ou liquidada de alguma maneira igualmente interessante. Se voltasse a esta vida com certo interesse pelo ocultismo, ela poderia ter certo medo instintivo de que, se começasse novamente, terminaria no pelourinho ou na ponta de uma corda. Neste caso, o subconsciente aplicaria os freios e ela não faria progresso algum. O único caminho que o indivíduo pode tomar, se encontra grande dificuldade em iniciar trabalho de ocultismo, é o seguinte: Medite sobre o problema. Você real e sinceramente deseja fazer viagens astrais, desenvolver a clarividência, ler cartas ou fazer alguma coisa nesse campo? Se deseja, se responder "sim", pergunte-se por que quer fazê-lo. É preciso esclarecer inicialmente todos esses problemas. A coisa seguinte a perguntar-se é: receia sair do corpo e não poder voltar, sente medo de que algumas entidades estranhas o ataquem se deixar o corpo? Em caso afirmativo, lembrese de que mal algum lhe pode acontecer se não tiver medo.

Se tem certeza de que quer realmente efetuar trabalho oculto, a melhor coisa a fazer é dedicar certa ocasião do dia, mesmo uma meia hora, à noite, para pensar no caso. E a melhor maneira é imaginar com tanta fé quanto possível que vai fazer o que quer, porque, quando conseguir convencer o subconsciente de que quer ir ao astral, ele, metaforicamente, abrirá a

porteira e lhe dará liberdade. Pense no subconsciente como uma espécie de idiota, um idiota de alto calibre, se quiser, que obedece literalmente às ordens. E se em alguma ocasião no passado você lhe disse, "Hei! Pelo amor de Deus não me deixe sair do corpo!", o subconsciente obedecerá a essa ordem até que você possa submeter essa mente unilateral e substituir uma ordem revogada por outra. Mas lembrese de que, se pensa que não está fazendo progresso, estará, definitivamente, enquanto estiver consciente do assunto. E meu mais veemente conselho é que, se enfrentar obstáculos ou experimentar dificuldades, simplesmente não se preocupe e espere até que as coisas se acomodem. Quando eu estudava o alfabeto morse há muitos anos, avisaram-me para acautelar-me com a "corcova". Bem, essa misteriosa "corcova" não me aborreceu até que alcancei a velocidade de vinte e três palavras por minuto. Daí em diante, por mais que tentasse, mais horas treinasse, não podia galgar a tal "corcova". Esta revelou-se uma montanha no meu progresso para aumento da velocidade de transmissão e recepção.

Certo dia, pronunciei fervorosamente certas palavras impublicáveis, que equivaliam mais ou menos ao seguinte: "Bem, se eu não posso ir mais ligeiro, então, simplesmente, não posso." Mais tarde, no mesmo dia, sentei-me em frente à velha tecla morse e descobri que podia trabalhar muito mais rapidamente. De fato, podia transmitir quase trinta palavras por minuto. Eu havia transposto a "corcova". Estivera-me esforçando demais. O senhor está também fazendo o mesmo. Se encontrar um obstáculo, não o ataque como se fosse um trator, acalme-se, pense no problema, e descobrirá que o caminho da menor resistência o levará sobre a corcova. E ficará surpreso com a facilidade. Bem, acho que no interesse da harmonia doméstica devo responder à pergunta da Sra. Czermak no mesmo capítulo em que respondi à do marido. De outra maneira, poderia ser acusado de separar marido e mulher e coisas assim. Vejamos o que escreve a Sra. Czermak. "Uma pergunta: quando for tarde demais para apresentá-las sei que terei um sem-número delas. No momento, porém, existe apenas um único problema que ainda me aflige muito e talvez outras pessoas também aproveitem, se o senhor tiver a bondade de dizer algumas palavras sobre o tópico. É a questão do tempo, ou melhor, a carência de tempo. Há apenas um número certo de horas no dia e elas simplesmente não são suficientes para permitir que eu faça tudo o que quero. Eu, por certo, não evito trabalho, mas o que é

mais frustrador é que não apenas não há tempo suficiente para todas as coisas mais ou menos mundanas que quero fazer, mas nunca parece sobrar o suficiente para as coisas espirituais que quero aprender. Quando se trata de meditação, parece que eu não tenho energia suficiente para levantar-me mais cedo nos sábados ou domingos, em vez de dormir uma hora a mais. E quando se trata de viagem astral, parece que adormeço logo que toco com a cabeça no travesseiro." As empresas comerciais, fábricas e escritórios muito grandes enfrentam o mesmo problema. É por isso que chamam os especialistas que se intitulam de "Peritos em Tempo e Movimento". Todo mundo dispõe de três ou quatro vezes mais tempo do que pensa, mas habitualmente o desperdiça da mesma maneira que se desperdiça água. E agora há carência de água potável em todo o mundo. Os peritos em tempo e movimento estudam a maneira como as pessoas trabalham. Por exemplo, se você vai à cozinha quantas coisas traz de cada vez? Traz uma ou duas quando sabe perfeitamente que, imediatamente depois, terá que voltar lá para buscar duas ou três outras. Se as pessoas fizessem uma avaliação inteligente das coisas que têm a fazer, teriam tempo suficiente para tudo. A melhor maneira de agir é escrever numa folha de papel todas as coisas que você precisa fazer num determinado dia. Ignore as coisas não realmente necessárias e planeje as restantes para fazê-las da maneira a mais rápida e não ser obrigada a duas ou três viagens quando uma única seria suficiente. Certas pessoas precisam ir às compras, correm até a loja da esquina, compram uma coisa, voltam à cozinha e descobrem que precisam de sal, açúcar ou alguma outra coisa e lá se vão de novo. Vivem correndo sem parar. Outras talvez precisem botar cartas no correio e fazem uma viagem especial com esse fim, quando, se esperassem um pouco mais, poderiam postá-las quando saíssem para as compras. Pode-se dividir o dia exatamente como são divididas as aulas na escola: tanto para a Geografia, tanto para a História, tanto para a Aritmética, tanto para recreio e tanto para as refeições. Se as pessoas realizassem o que têm a fazer de modo sensato, teriam tempo mais do que suficiente. No caso da Sra. Czermak, ela possui um marido altamente inteligente que, gostosamente, a ajudaria a planejar o dia. E é uma tarefa para a qual ele está bem talhado para empreender com todo o êxito. Então, a resposta é a seguinte: se as pessoas planejassem devidamente as atividades e cumprissem o plano, haveria tempo suficiente para tudo. Esta é a voz da Experiência porque eu pratico o que prego — e com êxito!

## CAPÍTULO 8 SE VOCÊ NÃO ESCALAR A MONTANHA, NÃO PODERÁ VER A PLANÍCIE

O Ancião, repousando na cama, olhava para a cidade, para um novo edifício em construção e para um hotel muito, muito grande, o maior de toda a cidade. A Srta. Cleo e a Srta. Taddy estavam muito ocupadas... dormindo. Haviam tido uma noite muito agitada porque o Ancião passara mal e, claro, são necessárias mesmo duas gatas siamesas para arranjar as coisas quando o patrão está gravemente doente. Estavam, portanto, recuperando o sono, movendo-se no sono como fazem as melhores pessoas, contorcendo-se um pouco, mas felizes por estarem tão próximas. O Ancião pensava nelas com absoluto amor, pensava nelas como pensaria nas próprias filhas, pois elas eram entidades muito importantes em forma animal, pequenas pessoas que haviam vindo à Terra cumprir uma tarefa e que se desincumbiam de forma magnífica. Nos seus quatro curtos anos de vida elas andaram muito, viajaram bastante, e passaram por numerosas dificuldades, dificuldades em grande parte ocasionadas pela incessante perseguição da imprensa. O Ancião continuava deitado na escuridão, pensando em tudo isso, nas condições de Montreal, e como haviam partido antes de terminado o contrato. Haviam combinado as coisas para morarem na cidade de Saint John, mas, quando era tarde demais para mudar os planos, a pessoa que ainda ocupava o apartamento não se pôde mudar e, assim, a Família não teve alternativa senão ficar num caro hotel. O Admiral Beatty Hotel era um lar tão verdadeiro longe do lar quanto pode ser um hotel. Era e é um hotel feliz, onde todo mundo está satisfeito com o Gerente-Geral, um homem de muitos anos de experiência, conhecedor de todos os problemas e, melhor ainda, que sabe como resolvê-los. No hotel, um dos mensageiros, Brian, mostrou-se sempre prestativo e extremamente cortês. E, sendo amigo dos gatos, caiu realmente pela Srta. Cleo e pela Srta. Taddy. As duas, sendo namoradoras como a maioria das moças, realmente incensavam-no, ronronavam para ele, esfregavam-se nele e, como a maioria das garotas, fizeram-no pensar que ele era o único. Elas fizeram outra amiga no hotel, a Sra. Catherine Mayes. O Ancião tinha muitos problemas com a dieta, e o cardápio dos hotéis não é feito para doentes e pessoas que comem apenas certos alimentos. A Sra. Catherine Mayes abandonava seus afazeres em todas as ocasiões para certificarse de que tudo estava correndo tão bem como devia. Agora que a Família estava num apartamento, a Sra. Mayes

ainda a visitava. As luzes no porto, porém, tornavam-se mais e mais numerosas. Navios entravam para descarregar no dia seguinte. Dois navios russos, um da Libéria, um da Índia, e um de Chipre, todos atracados, todos carregados, muito abaixo da linha d'água, balouçando-se suavemente com a maré. A lancha do piloto afastava-se juntamente de um recém-chegado com a lâmpada de sinalização piscando e balançando. Logo depois, virou para a direita e entrou na doca, onde os pilotos esperariam por outro navio. Lá embaixo, na passagem de nível, os infernais trens apitavam e estrugiam, fazendo tal agitação que outra igual levaria uma pessoa diretamente para a prisão por perturbar o sossego público. Apesar disso, esses imperdoáveis operários ferroviários pareciam pensar que tinham a prerrogativa e o dever sagrado de arruinar a audição de toda a cidade. O Ancião perguntouse por que a Câmara dos Vereadores não tirava os traseiros das cadeiras e votava aquela lei longamente adiada, proibindo que os trens que cruzassem a cidade usassem apitos. O Ancião, porém, pensou que era inútil permanecer olhando indolentemente para fora, quando havia um livro a ser escrito. Pensou que teria que fazer o que a Câmara dos Vereadores deveria também, isto é, tirar o traseiro da cadeira e voltar ao trabalho. Examinando as perguntas, uma das coisas que mais o espantavam era o número de pessoas que pediam que lhes contasse como é "a vida depois da morte e como é a morte". Sinto profunda vergonha de voltar ao assunto, de que já tratei tantas vezes. Tenho certa vergonha de dizer a Ra'ab que estou escrevendo mais uma vez sobre a morte, mas fico quase amedrontado quando penso no olhar vítreo de Buttercup quando ela me disser que me estou repetindo. Mas acontece que a Srta. Newman, talvez seja a Sra. Newman, pergunta sobre a vida após a morte, ao passo que outra carta quer "uma explicação completa, mas compreensível, do chamado estado pós-morte". Folheando as perguntas descubro um número crescente de pessoas que fazem perguntas sobre esse assunto. Bem, parece que é uma decisão contra mim, que tenho de dizer alguma coisa e se você, leitor, não quer ler sobre o assunto, folheie estas páginas com os olhos fechados até encontrar uma parte que lhe agrade. Vejamos o que acontece no momento da morte. Habitualmente, a pessoa encontra-se doente e, em consequência da enfermidade, parte do corpo, essencial à continuação da vida na Terra, está perdendo a capacidade de funcionar devidamente. Talvez seja o coração. Vamos supor que estamos discutindo um caso cardíaco. Bem, em nosso caso vascular dizemos que o

músculo cardíaco transformou-se numa massa fibrosa, que não pode mais bombear sangue em quantidade adequada, e que as faculdades se embotam. À medida que assim se tornam, diminui a vontade de viver e reduz-se o estímulo ao coração para que continue o laborioso bombeamento. Chega a ocasião em que o coração não pode mais continuar. Antes que esse estágio seja atingido, a pessoa entra num estado em que não tem mais energia para sentir dor, está pela metade neste mundo e metade no outro. Assemelha-se a um bebê que está pela metade no mundo que é a mãe e tem a outra metade no mundo que chamamos de Terra. No Outro Lado da morte, os auxiliares estão a postos. Logo que o coração pára, há uma sacudidela. Não, não é uma sacudidela de dor, não há agonia, isso é uma mentira estúpida. A denominada "agonia da morte" é simplesmente uma ação reflexa dos nervos e músculos que, livres do controle do "motorista" do corpo, simplesmente se contorcem, tremem e se sacodem — como o nome implica — incontrolavelmente. Numerosas pessoas pensam que é agonia, mas, claro, não é nada disso, porque o ocupante do corpo deixou-o. Se houver uma careta no rosto, isto é meramente uma contração muscular. O corpo, livre de seu ocupante, pode contorcer-se e ofegar durante um curto espaço de tempo. Talvez se ouça um ruído de órgãos no interior do corpo, mas isso é exatamente igual a uma velha roupa que se acomoda depois de ter sido lançada numa cadeira ou na cama. Não é nada de importante. O corpo é apenas lixo naquele instante, pronto para ser enterrado ou queimado, não importa realmente o quê. O mais novo ocupante, ou habitante, do mundo astral, o antigo motorista do corpo, será recebido pelos auxiliares, prontos para fazer tudo o que puderem para facilitar o processo de aclimatação. Por infelicidade, acontece, às vezes, que uma pessoa realmente ignorante não acredite na vida após a morte. Neste caso, o que é que acontece? Se a pessoa se recusa definitivamente a acreditar na vida após a morte, ocorre isso porque se encontra em estado de completa hipnose, autohipnose. Mesmo na Terra, há numerosos casos de pessoas cegas simplesmente porque pensam que o são. E existe um número não menor de surdos que o são apenas porque o desejam, talvez para evitar o matraquear de uma mulher irritante. Tais casos são confirmados pela medicina. Se a pessoa se recusa a acreditar na mínima coisa após a morte, ficará envolvida num espesso, negro e pegajoso nevoeiro, e os auxiliares não poderão ajudá-la. Não poderão alcançá-la porque ela não os aceita, recusa toda a ajuda

oferecida, pois está tão convencida de que não existe vida após a morte que acredita estar tendo um desagradável pesadelo. Com o passar do tempo, a pessoa começa a perceber que existe algo nessa vida após a morte, afinal de contas. Por que ouve vozes, por que sente a presença de pessoas próximas, por que ouve, talvez, música? Com percepção crescente de que talvez possa haver algo após a morte, o espesso nevoeiro negro clareia e torna-se cinzento, a luz pode penetrar, ele vê figuras indistintas movendo-se em volta e pode ouvir com maior clareza. Assim, a pouco e pouco, à medida que os preconceitos e inibições se esfacelam, torna-se mais e mais consciente de que algo ocorre a seu redor. Pessoas tentam constantemente ajudá-la, dizer-lhe que querem auxiliá-la, convidam-na a aceitar a ajuda. E logo que ela sente realmente que a quer, o nevoeiro desvanece-se e vê toda a glória do mundo astral, cores de que a Terra carece, brilho e luz, e um ambiente muito, muitíssimo agradável. Nosso pobre amigo, que começa justamente a perceber que há vida após a morte, é levado ao que poderíamos chamar de hospital, casa de repouso, ou centro de recuperação. Aí, graças ao emprego de vários raios, suas inibições mentais são ainda mais dispersadas, fortalecido, tornado sadio o corpo espiritual, e nutrido. Explicações lhe são dadas. Ele se encontra quase na mesma situação de uma criança recém-nascida, com a exceção de que entende tudo o que ouve, e responde, ao passo que a criança nem a falar aprendeu ainda. O indivíduo, portanto, ouve uma explicação sobre o que é a vida no Outro Lado. Se quer discutir o assunto, não pode. Ninguém discute com ele. Ele é simplesmente deixado a pensar sobre o que lhe disseram. E logo que, sem reserva, aceita o que lhe foi dito, a explicação continua. Nunca é persuadido ou forçado a fazer a mínima coisa. Tem direito de livre opção. Se não quer acreditar, terá que ficar numa situação algo estática até que acredite. Numerosas pessoas existem que deixam a Terra para a vida seguinte imbuídas da convicção firme, absolutamente inquebrantável, de que a religião que professam é a única que pode existir. Essas pobres pessoas vêm-se mais ou menos na mesma situação que o nosso exemplo anterior, porquanto os auxiliares do Outro Lado sabem perfeitamente que não as podem ajudar, se o seu mero aparecimento em cena destrói uma antiquíssima crença. Suponhamos, portanto, que o indivíduo é católico convicto, que acredita em anjos, demônios e todo o resto da pantomima. Ao chegar ao Outro Lado, vê, de

fato, os Portões Perlíferos, nota um velho cavalheiro de barba, folheando um grande diário, no qual, pensa, estão anotados os pecados.

Tudo é feito para montar o espetáculo que o bom e ignorante católico quer ver. Vê anjos batendo as asas, pessoas sentadas em nuvens tocando harpa e, durante algum tempo, transborda de satisfação, pensando que chegou ao céu. Gradualmente, porém, ocorre-lhe que isto tudo tem um som oco, as pessoas não voam no ritmo certo do bater de asas, *etc. etc.* Aos poucos, vai percebendo que é um espetáculo teatral e começa a perguntar-se o que se esconde por trás de tudo isso, o que há por trás das cortinas e adereços, o que são realmente essas coisas. E tão logo começa a pensar, vê "rachaduras" na fachada da Multidão Celestial. Antes de muito tempo não aceita mais a pantomima e brada por esclarecimento. Sem demora, desaparecem os anjos de asas esvoaçantes, com igual rapidez os tocadores de harpas, de camisolões nas nuvens, caem fora, e rapidamente auxiliares altamente treinados e experientes mostram ao recém-despertado novato a realidade, em vez da ilusão. E a realidade é imensamente superior do que poderia ser a ilusão. É um triste fato que tantas pessoas vejam algumas estampas na Bíblia e as tomem pelo Evangelho. Não se esqueçam de que ilustradores de livros são usados também para ilustrar a Bíblia. Pouco importa qual seja a religião. Se houver adeptos que acreditem piamente nas lendas e, digamos, nas fantasias que ela espalha, são justamente elas que verão ao deixarem a Terra e penetrarem no plano astral. Logo que o recém-chegado percebe a natureza do mundo em que se encontra, pode continuar a desenvolver-se. Entra no Saguão das Recordações e ali, sozinho, penetra numa sala e vê desfilar sua vida, tudo o que fez, tudo o que tentou, e tudo o que quis fazer. Observa cada coisa que lhe aconteceu e pensou enquanto se encontrava na Terra. E ele, ele sozinho, julgará se sua vida constituiu um sucesso ou um fracasso. Ele, e mais ninguém, decidirá se "voltará à escola" e recomeçará todo o curso na esperança de passar na próxima vez. Não encontra em volta mãe, pai ou melhor amigo que aceitem a culpa pelos seus erros. Está só, inteiramente só, muito mais só do que quando compareceu àquele lugar na última vez. E julga a si mesmo. Nenhum demônio, nenhum Satã de cauda balouçante e respiração ardente, ninguém vai meter-lhe tridentes no corpo e, quanto às chamas, lá não se usam essas coisas no aquecimento central! A maioria das pessoas emerge do Saguão das Recordações bastante abalada e notavelmente satisfeita com a ajuda e compreensão dos auxiliares, que, do

lado de fora, as oferecem. Segue-se um período de ajustamento, um período em que o recém-chegado pensa no que viu, repassa os erros, cisma sobre o que fará. Não se trata do assunto que se decida em alguns minutos. Coisas de toda natureza terão de ser levadas em conta. Vale a pena voltar e recomeçar, ou seria melhor passar umas poucas centenas de anos no astral, esperando talvez que surjam situações mais convenientes? Mas, pensa o recém-chegado, nada sabe sobre as condições favoráveis ou quando surgirão. É convidado, então, a procurar os auxiliares, com quem discutirá miudamente os assuntos e que o aconselharão sem aplicar-lhe pressão alguma. Se resolve voltar e pintar o sete na Terra, a escolha é dele, exclusivamente dele. Numerosos novatos não compreendem que podem retirar todo o sustento, toda a nutrição do ar e das vibrações que os cercam. Recordam-se da vida terrena, da variedade de alimentos que gostariam de ter tido, mas que talvez não pudessem comprar. E se os querem, podem tê-los. Qualquer que seja o tipo de alimento, basta pedir. Se quiserem grossos charutos, finos cigarros ou fedorentos cachimbos, sim, podem tê-los, também. Roupas... Vocês jamais viram tal confusão de roupas e fantasias como verão no plano astral! Pode-se usar qualquer tipo de roupa, não é considerado absolutamente condenável, ninguém se importa, trata-se de assunto de cada pessoa. Se o indivíduo deseja vestir-se de hippie com um dólar de maconha em cada mão, pode fazer isso. A maconha ali não lhe fará mal, prejudica apenas na Terra, porque a maconha astral é inofensiva, ao passo que a terrena é terrivelmente perigosa. O recém-chegado, porém, cansa-se logo de nada fazer, aborrece-se de bater pernas e observar o mundo astral passar. Mesmo que tivesse sido um indolente na Terra, um indivíduo que gostava de ficar em volta das esquinas assobiando para as donas boas, bem, ele se cansa de nada fazer na atmosfera do plano astral. Pede trabalho e o consegue. Que tipo? Existem coisas de todos os tipos a serem feitas. É impossível dizer, que tipo de trabalho fará, da mesma maneira que é impossível dizer que tipo de trabalho a pessoa encontraria se fosse levado de um momento para outro para Tibuctu ou a Alsácia Lorena. Trabalha dentro do que pode, trabalho necessário, e, ao fazê-lo, descobre grande satisfação e estabilidade. Mas, invariavelmente, persegue-o o pensamento sobre o que fazer. Deve ficar no astral um pouco mais? O que fariam outras pessoas? Pergunta repetidas vezes e repetidas vezes recebe a resposta, sempre a mesma. Jamais há a menor tentativa de persuadi-lo a fazer alguma

coisa. Cabe-lhe por completo a escolha. Finalmente decide que não pode ficar ali por mais tempo, que não pode desistir da escola na Terra, que precisa voltar e estudar devidamente as lições e ser aprovado nos exames. Anuncia a decisão e é levado à presença de um grupo especial de pessoas de imensa experiência, que usam instrumentos muito notáveis. Determina-se o que a pessoa tem que aprender. Nascer numa família pobre ajudaria? Ou numa família rica? Deve ser branco ou preto e, se mulher, preta ou branca? Tudo depende da confusão que ele fez na última vida, da sua disposição para o trabalho na vida seguinte, do que tem a aprender. De qualquer modo, os conselheiros são pessoas bem qualificadas para ajudá-la. Podem sugerir — mas apenas isso — o tipo de país, países e situação. Acordadas as condições, certos instrumentos são trazidos e localizados os necessários futuros pais. Localizam-se também pais alternativos, que são observados durante um curto espaço de tempo. Se tudo se mostrar satisfatório, a pessoa prestes a reencarnar é internada num lar especial do mundo astral. Deita-se e, ao acordar, está no ato de nascer na Terra. Não é de espantar que faça tal confusão e solte berros de desespero! Numerosas pessoas, entidades, resolvem que não querem voltar logo. Permanecem nos mundos astrais, onde há muito a fazer. Mas antes de discuti-las, vejamos uma classe especial que não tem escolha: os suicidas. Se a pessoa termina por iniciativa própria a vida antes do número marcado de anos, terá que voltar à Terra com toda a rapidez a fim de cumprir o tempo que lhe falta, da mesma forma que um presidiário fugido e recapturado. E talvez lhe sejam acrescentados mais alguns anos como castigo extra. O suicida entra no mundo astral. Encontra pessoas à espera e é recebido como se fosse pessoa legítima comum que retorna, sem recriminações ou coisas desse tipo, em absoluto. Tratam-no exatamente como aos outros matriculados. Concedem-lhe um tempo razoável para recuperar-se do choque de deixar o corpo físico, com toda probabilidade violentamente, e entrar no astral. Suficientemente recuperado, é obrigado a comparecer ao Saguão das Recordações onde revê tudo que lhe aconteceu, bem como as falhas que, na realidade, o impeliram ao suicídio.

E fica com a horrorosa impressão, o pavoroso conhecimento talvez a descrevesse melhor, de que terá de voltar e cumprir o resto da pena. E bem possível que o suicida seja indivíduo de baixo calibre espiritual, que talvez careça de fortaleza íntima para voltar à Terra e que pensa como seria bom

permanecer no mundo astral, e que ninguém poderá fazer coisa alguma a esse respeito. Mas ele está errado porque há uma lei dispendo que o suicida tem que voltar à Terra. E se não voltar de boa mente, será compelido a tanto. Se resolver voltar, é informado numa reunião com conselheiros especiais sobre quantos dias ou anos lhe restam ainda para cumprir a "sentença" na Terra. Terá que cumpri-la toda e, igualmente, todo tempo decorrido desde que cometeu suicídio antes da volta. Talvez tenha levado um ano para endireitá-lo e levá-lo a decidir que tem que voltar mesmo. Um ano, portanto, é acrescentado à vida na Terra. São identificadas as condições da sua volta. E encontrará basicamente os mesmos tipos de condições que o levaram antes a acabar com a vida. Na ocasião apropriada, é posto a dormir e acorda no ato de nascer. Se relutar e nenhuma medida tomar para voltar, os conselheiros decidem por ele no que toca às condições apropriadas ao seu caso. Se não vai por espontânea vontade, as condições são um pouco mais rigorosas. Mais uma vez, na ocasião decidida, é posto a dormir sem ter qualquer opção no caso e, ao acordar, está de volta.

Acontece, muitas vezes, que um bebê que nasce e morre talvez um mês ou dois depois é a reencarnação de pessoa que cometeu suicídio, de preferência, talvez, a enfrentar dois ou três meses de sofrimento de um câncer incurável e inoperável. O doente talvez tenha-se suicidado dois, três ou talvez seis meses ou um ano antes de morrer naturalmente. Mas ainda assim terá de voltar e cumprir a pena que tentou ladear. Pensa-se muitas vezes que a dor e o sofrimento são inúteis. Pensa-se ocasionalmente que seria uma boa coisa liquidar um ser humano incurável, mas as pessoas que propõem tais medidas sabem realmente o que o sofredor tenta aprender? O próprio sofrimento, a própria natureza da doença, talvez tenha sido algo que ele desejou aprender. Pessoas me escrevem com muita freqüência e perguntam: "Oh, Dr. Rampa, por que tem o senhor que sofrer tanto assim, um homem com os seus conhecimentos? Por que não se cura e vive para sempre?" Isto, naturalmente, é tolice. Quem quer viver para sempre? E como podem saber o que tento fazer as pessoas que me escrevem nesses termos? Não sabem, e isto é tudo. Se uma pessoa investigar certo assunto, tem freqüentemente de suportar um volume considerável de dificuldades para realizar devidamente o trabalho. As pessoas que vão levar ajuda e sustento aos leprosos, por exemplo, não sabem o que o doente sente ou pensa. Talvez auxiliem o físico do leproso, mas eles não são leprosos. O

mesmo ocorre com a tuberculose, o câncer, ou mesmo com uma unha encravada. Até que a pessoa sinta realmente a doença ou o estado, não está, em absoluto, qualificada para discuti-los. Sempre me diverte que padres católicos, que nunca se casaram e que, presumivelmente, nunca tiveram filhos, nunca se tornaram pais, isto é, salvo no sentido espiritual, ousem aconselhar mulheres sobre ter filhos ou não. Claro que muitos desses padres católicos saem de férias e aprendem uma porção de coisas sobre mulheres. Nós presenciamos esses casos em Montreal. É absolutamente errôneo, por conseguinte, cometer suicídio. Vocês apenas adiarão o dia de libertarem-se legitimamente da Terra, terão de voltar como o presidiário recapturado, não prejudicam ninguém, salvo a vocês mesmos, e é em vocês que vocês pensam, não? Isto é uma das coisas que precisam ser igualmente superadas. A pessoa comum, nem muito boa nem muito má, passará no mundo astral um período variável. Não é verdade que todos passem ali seiscentos, mil ou dois mil anos. Tudo depende das condições no caso de cada indivíduo. Há um tempo médio, mas há também o homem e a mulher médios comuns e o tempo médio é apenas... bem, um número. São muitas as tarefas a cumprir no mundo astral. Certas pessoas ajudam os noviços, agem como guias. Mas estes "guias" nada têm a ver com sessões espíritas ou com velhas senhoras que pensam ter um guia pele-vermelha, mandarim chinês ou lama tibetano. O que essas senhoras têm habitualmente é uma dose excessiva de imaginação. Na verdade, se fossem feitas as contas e listadas as pessoas que alegam ter um guia índio ou tibetano, simplesmente não haveria o suficiente destes últimos. E, de qualquer modo, as pessoas do Outro Lado têm trabalhos a fazer e, entre estes, não se incluem movimentar xícaras para que alguma velha biruta faça a leitura da sorte nem tampouco falar através de uma corneta de estanho ou empurrar de um lado para outro um pedaço de pano. Todas essas manifestações, absolutamente inúteis, claro, são provocadas pela energia nervosa de parte do operador, habitualmente um histérico. As pessoas do Outro Lado têm muito a fazer cuidando dos próprios negócios para ainda encontrar tempo de descer à Terra, mexer em quartos escuros ou enviar um hálito pelo pescoço de pessoas que estão ali em busca de uma deliciosa sensação. Os únicos do Outro Lado que comparecem às sessões espíritas são os Espíritos da Natureza de um tipo inferior, chamados Elementais. Vão ali apenas para se divertir um pouco, para verificar que um bando de tolos são os humanos em acreditar em tudo

que lhes dizem. Não se deixe cair por isso, meu querido leitor, porque é pura bobagem. O mesmo se aplica aos tabuleiros adivinhatórios. Arranja-se um desses tabuleiros, brinca-se com ele e algum elemental, que vive sempre andando de um lado para outro como macacos traquinas, vê o que está sendo feito e influencia, sem dúvida alguma, a leitura. Talvez você pense que não há perigo nisso, mas tampouco há bem algum e, indubitavelmente, grande mal é feito nessas leituras se o elemental faz com que a mensagem pareça altamente plausível. Mas ela é algo extraído do subconsciente da vítima. A vida inteira da pessoa pode ser prejudicada pela fé nos tabuleiros adivinhatórios. Outra grande fonte de informações errôneas surge quando o tabuleiro é movido pelo pensamento coletivo de pessoas reunidas a sua volta. Amiúde, é impelido por pensamentos que se deseja transformar em realidade e, mais uma vez, transmitirá uma mensagem que poderá ser muito danosa, por enganadora. A orientação mais segura é a seguinte: nada queira com os tabuleiros nem com as sessões espíritas. Lembrese de que veio à Terra deliberadamente, sem saber a natureza exata de sua visita, e, se tentar descobrir demais sem motivo muito excepcional, você se assemelhará ao estudante que consegue surripiar uma cópia das perguntas que lhe serão feitas pela banca examinadora. Trata-se de ato desonesto que não o ajudará em coisa alguma. Um dos trabalhos no mundo astral é a recepção dos que chegam durante as horas de sono. Pessoas chegam a todo instante porque quando é dia numa parte do mundo é noite na outra e, portanto, não cessa a torrente de pessoas que vêm ao astral durante o sono. São como crianças que voltam da escola. Da mesma forma que elas gostam de ser cumprimentadas pelos pais ou amigos, o mesmo ocorre com esses viajantes noturnos. O trânsito tem que ser dirigido, eles precisam ser postos em contato com os que querem encontrar, e não são poucos os que desejam informações e conselhos durante o que, na Terra, é noite. Querem saber como estão indo e o que devem fazer na manhã seguinte. Esse trabalho consome muito tempo de muitas pessoas. Há também outras entidades no astral que não reencarnarão novamente na Terra. Estão subindo para um plano ainda mais alto de existência. No momento apropriado, "morrerão" pacífica e indolentemente no mundo astral. De fato, apenas desaparecerão de lá e aparecerão num plano mais alto. Há um número sempre maior de pessoas vindo à Terra, nascendo na Terra, e muitas pessoas se perguntam por que deve ser assim. A resposta é que a Terra é apenas um grão de poeira

entre bilhões de grãos iguais. Quando me perguntam por que a população cresce, respondo-lhes a verdade, que é que pessoas chegam de planos mais nebulosos de existência. Talvez a pessoa venha de um mundo bidimensional e a Terra é a sua primeira experiência num tridimensional. Começa ela assim a roda da vida no mundo tridimensional que chamamos de Terra. E mais e mais pessoas chegam à medida que a Terra se transforma em escola cada vez mais dura de dificuldades. Saibam que esta é a finalidade da Terra, ensinar o que são dificuldades e como suportá-las. Ninguém vem à Terra para desfrutar um período muito agradável. Vem aprender para que a informação recolhida seja transmitida ao Eu Superior. Após este mundo há o plano astral e, neste, na plenitude do tempo, o indivíduo nasce em diferentes planos de existência até que, por fim, a entidade plenamente evoluída funde-se com o Eu Superior. Assim cresce o Eu Superior. Se, depois de ter evoluído muito, o Eu Superior chegar à conclusão de que há muito mais a aprender, novos "títeres" são postos em algum mundo e recomeça o processo de ciclos vitais. Cada vez que os títeres completam os ciclos, voltam purificados ao Eu Superior que, mais uma vez, cresce através deles. Ao viver a pessoa no mundo astral, isto é, depois de ter "morrido" na Terra, a entidade em causa participa de toda a vida do mundo astral, e não é mais um visitante, como os que retornam enquanto o corpo dorme. Sendo membros aceitos do mundo astral, comportam-se como o fariam pessoas comuns na Terra, isto é, ao fim do dia astral, dormem. O corpo astral que, naturalmente, é muito sólido para quem vive nesse mundo, adormece e, mais uma vez, a psique deixa o corpo astral na ponta do Cordão de Prata e sobe para um plano mais alto. Ali aprende coisas que serão úteis no que poderíamos chamar de baixo astral quando o espírito retorna ao corpo. Não pensem que o mundo astral é o mais alto, que é o céu, porque não é. São muitos e diferentes os ciclos ou planos de existência. Enquanto estamos no mundo que chamamos de "astral" podemos constituir família. Vivemos quase da mesma maneira que aqui embaixo, com a exceção de que não há malquerenças pelo motivo muito simples de que lá simplesmente não podemos encontrar pessoas com quem somos incompatíveis. Se você se casar no astral não terá uma esposa que o apoquente. Este ponto não é geralmente compreendido na Terra. No mundo astral não podemos encontrar os inimigos que tivemos na Terra e a família astral é tão sólida para você como as pessoas da Terra. Os seres humanos não moram sozinhos

no mundo astral. Os animais sobem também até lá. Nunca, mas nunca mesmo, cometa o erro muito trágico de pensar que os humanos constituem a forma mais alta de existência. Não são. São apenas outra forma. Os humanos pensam de uma maneira, os animais de outra, mas há entidades que, comparadas conosco, estão tão acima de nós como nós dos vermes da Terra. E mesmo estas pessoas sabem que não constituem a forma final de evolução. Esqueça, portanto, toda essa história de ser criatura superior e concentre-se no que tem a fazer, da melhor forma possível. Os animais sobem ao astral e tão alto como merecem, exatamente como nos acontece. Uma das maiores dificuldades da religião cristã é pensar que a humanidade constitui a forma mais alta possível de evolução, pensar que todas as criaturas foram criadas para satisfação do homem, fato este que deu origem a certas horríveis situações. O mundo animal e os Manus dos animais mostram-se incrivelmente tolerantes, pois sabem que os humanos foram desencaminhados pelos líderes religiosos, pelos padres que realmente reformaram o cristianismo para adquirirem suficiente poder.

Acreditem, pois, como fato autêntico, que nos mundos astrais não encontrarão cães covardes e gatos medrosos. Encontrarão, em vez disso, um companheiro, que é, em todos os sentidos, igual ao humano e que se pode comunicar sem dificuldade com ele através da telepatia. Numerosas pessoas fazem perguntas sobre corpos. Os corpos parecerão um balão de gás, ou o quê? A resposta é não, o corpo parecerá tão sólido no astral como este pedaço de carne que sou eu, empurrado de um lado para outro sobre dois suportes ósseos. Se duas pessoas colidem no astral, levam um choque da mesma maneira que acontece aqui na Terra. Há muito amor no plano astral, amor físico e espiritual, embora, claro, numa escala que a mente limitada a pensamentos terrenos não pode compreender enquanto se encontra no corpo atual. Não existe "frustração" no mundo astral porque o amor é totalmente satisfatório, em todos os momentos, para ambos os participantes. Certas pessoas me escreveram pedindo uma descrição de Deus. Saibam que Deus não é o Diretor de uma grande Sociedade Anônima, não apenas um velho cavalheiro de longa barba que leva uma lanterna na ponta de uma vara. Deus é uma Grande Força, que compreenderemos e entenderemos quando deixarmos o corpo terreno e penetrarmos no mundo astral. Atualmente, estamos num mundo tridimensional, na Terra, e a maioria das pessoas não

poderia compreender, digamos, a descrição de um objeto de nove dimensões.

Cada mundo está a cargo de um Manu. Poder-se-ia assemelhá-lo a um dos Deuses do Olimpo, tão exaustivamente descrito nas lendas gregas. Ou, se quiserem uma descrição mais moderna, pensem no Manu como o Gerente-Geral da filial de uma grande firma. Sob o Gerente-Geral da filial — porque este mundo é, afinal de contas, apenas uma filial — temos os gerentes departamentais, que, por seu lado, poderiam ser intitulados de Manus dos diferentes continentes ou países. Esses subgerentes são responsáveis, digamos, pela administração dos Estados Unidos, Alemanha, ou Argentina, e assim por diante. E da mesma forma que gerentes humanos exibem os temperamentos os mais diversos, o mesmo ocorre com os Manus. E por isso que cada país exibe uma diferente característica nacional. Os alemães, dando um exemplo, diferem muito dos italianos, e este, dos chineses. Ocorre isto porque o "Gerente" de cada departamento é diferente. Os Manus, por mais gloriosos pareçam, são apenas títeres da Grande Entidade, ou Eu Superior, que é "Deus". O Grande Eu Superior utiliza Manus como títeres quase da mesma maneira como o Eu Superior humano usa um conjunto de seres para adquirir experiência. Outra pergunta freqüentemente feita é a seguinte: "O corpo astral aparentemente tem certa substância. Se possui moléculas, por mais dispersas estejam, elas poderiam sofrer destruição ou lesões por meio do calor, frio ou colisão. Se fosse assim, certo desconforto e dor em sentido quase físico poderiam existir. De que modo se sairia o astral na vizinhança de uma estrela física?" Bem, quando falamos de moléculas referimo-nos a substâncias situadas no plano terreno. A molécula é algo físico, uma peça de matéria, mas, ao passarmos ao plano astral, distanciamo-nos muito da vibração de baixo grau que compreende tudo o que aqui existe. O corpo físico na Terra pode ser lesionado por outro. No astral, porém, não pode ser ferido por um corpo físico da Terra. As duas coisas diferem radical e completamente. Poder-se-ia dizer, apenas como exemplo, e não lá grande coisa como exemplo, que uma pedra e luz não se influenciam mutuamente. Se lançarmos uma pedra no céu não prejudicaremos o sol. De idêntica maneira, o que acontece na Terra não lesiona o corpo astral. O que fere as pessoas que se encontram no astral é a crassa estupidez revelada pelos humanos ao tentarem liquidar-se mutuamente, exterminarem-se de variadas e dolorosas formas e, de modo

geral, comportarem-se como um bando de pessoas inteiramente loucas em vez de entidades que aqui se encontram para aprender algo. O modo como se comportam atualmente as pessoas da Terra lembra muito estudantes que destroem computadores que custaram milhões de dólares. Já é tempo de que os seres humanos cresçam e, também, que os estudantes compreendam que vão para a escola ou faculdade para aprender com pessoas que sabem mais do que eles. CAPÍTULO 9

LEMBREM-SE DE QUE A TARTARUGA SÓ PROGRIDE QUANDO ESTICA O PESCOÇO Deus meu! Pensei que tinha acabado de discutir planos astrais, mortes e coisas assim, e agora recebo outra pilha de perguntas sobre as mesmas coisas. Por exemplo: "Uma explosão atômica, que incinera milhares de seres humanos na mesma ocasião, ocasiona também um pandemônio no plano astral, ou de que modo o afeta ou perturba?" Não o atinge em coisa alguma fisicamente, mas não há dúvida de que ocasiona terrível confusão porque milhares de pessoas sobem para o astral numa única e terrível batelada. Muitas aparecerão doentes de medo, um sem-número loucas de choque, e todos os auxiliares disponíveis são mandados às pressas para receber a torrente, toda ela profundamente agitada. A cena, para dizer a verdade, seria muito semelhante à que conhecemos quando ocorre na Terra uma catástrofe, digamos, um terremoto, ou pelo menos algo tão desastroso, e auxiliares e voluntários correm para a cena levando todos os possíveis meios de ajuda. A resposta, portanto, é que ninguém no mundo astral é prejudicado pela detonação da bomba, mas que ela perturba muito devido ao trabalho extra de cuidar de tantas pessoas simultaneamente. Muito embora eventos dessa natureza tenham sido previstos, apesar de tudo as "previsões" são probabilidades, e não fatos reais prestes a acontecer.

Outra pergunta: "Como é que os Manus supervisionam os negócios de sua nação? Trabalham através de representantes nas Nações Unidas, dos primeiros mandatários das nações, dos gabinetes, conselheiros, ou o quê? Se as Nações Unidas fossem o que se esperava, elas teriam sido o campo de ação dos Manus. Mas vejamos algo a que vocês devem dedicar atenta consideração. Talvez lhe seja desagradável e inteiramente chocante, mas, apesar disso, é fato autêntico. Este nosso mundo não é muito avançado. Na verdade, é um mundo penitenciário, um inferno, uma dura escola — chame-o como que quiser — e muitos dos Manus aqui encarregados estão, eles

mesmos, aprendendo! À medida que ganham experiência e obtêm êxito, são promovidos como qualquer gerente de filial. Se o Gerente-Geral tornar isto aqui um sucesso, pode muito bem ser promovido para uma filial mais importante. O necessário é encarar as coisas com a mente aberta e lembrar que, ao chegarmos ao Outro Lado, no astral, ninguém vai sentar-se numa nuvem, dedilhar um banjo, ou puxar as cordas de uma harpa. Vai é trabalhar. Quem está no jardim de infância da escola pode pensar que os enormes "grandes" de doze anos de uma classe mais adiantada são verdadeiros Deuses, que nada fazem salvo dizer aos mestres que vão para aquele lugar. Os de doze e quatorze talvez pensem que os que estão no clássico ou científico são os verdadeiros Deuses da Criação. Mas estes ainda têm que fazer os deveres escolares, comparecer às aulas, ganhar experiência. Muito bem, as pessoas vêm à Terra para reunir experiência, os Manus cuidam deste mundo (mais ou menos) com o mesmo objetivo, e se houver lutas entre países, a guerra ensina não somente aos seres humanos mas também aos Manus. Nos estados mais elevados, isto é, nos mundos mais avançados, os Manus se reúnem e discutem cordialmente a situação. Em consequência, não há guerras nem crimes espetaculares. Mas isso é coisa adiantada demais para os bandidos daqui. O povo terreno aqui está para aprender a duras penas porque não aprenderá da maneira suave, bondosa. Se um cara se aproxima e descarregalhe um golpe com um porrete ou mostra a profunda intenção de fender-lhe a cuca e colocá-lo sem sentidos, é inútil dizer-lhe: "Peço-lhe, meu querido amigo, que desista dessas intenções indesejáveis." Ao contrário, se você tiver juízo, dálhe um pontapé onde doer mais e escapole para chamar a Polícia. Os Manus deste mundo, por conseguinte, são aprendizes. Aprendem exatamente como vocês e logo que aprenderem um pouco a consertar as coisas, serão promovidos para cargo melhor. Mas, alegrem-se, vocês têm que permanecer aqui apenas setenta anos, mais ou menos, e os pobres Manus cumprem sentenças imensamente mais longas do que essa. Bem, eis aqui uma pequena pergunta escondida entre as outras: "Sabe-se que a linhagem do XIII Dalai Lama constituiu-se da mesma alma. Poderia o XIII estar agora na Terra das Luzes Douradas e reencarnar ainda como o XIV?" Bem, esta é a pergunta de resposta mais fácil, porque o XIV Dalai Lama parece ter pessoalmente entornado o caldo, reconhecendo para a imprensa que não é a encarnação do Grande XIII, o que é ótimo, porque o Grande XIII é realmente uma

entidade muito ativa no mundo astral, onde pratica muito bem e, acredito, está muito triste porque os atuais "líderes" exilados da Índia pouco fazem para minorar o sofrimento no Tibete. Mas tratei desse assunto com alguma extensão em capítulo anterior deste livro e talvez não seja preciso dourar a pílula nem repetir-me quando não tenho necessidade disso. Outra pessoa escreve referindo-se a Minha Visita a Vênus. Mas deixem-me dizer aqui, clara e definitivamente, que não recomendo aquele "Livro". São apenas algumas páginas contendo alguns artigos que escrevi há anos e contêm algumas ilustrações — bem, considero-as modernistas — feitas por mim. Esse livro, incluindo partes de meu trabalho e de uma porção de coisas bombásticas, foi publicado sem minha autorização e contra meus desejos. O mesmo se aplica a um disco, O Poder da Prece. Decididamente, não o recomendo. A qualidade é medíocre e nunca houve a intenção de gravá-lo. Trata-se apenas de algo que fiz há muitos, muitos anos. Ao deixar a América do Norte para visitar a América do Sul, fui informado de que fora gravado sem minha permissão, contra meus desejos, e durante minha ausência deste continente.

Se desejam um disco, compre o Disco da Meditação, que fiz especialmente para esse fim, com o objetivo de ajudar as pessoas a meditar. Pode ser obtido no seguinte endereço: Sr. E. Z. Sowter, 33 Ashby Road, Leicestershire, Inglaterra. Devo dizer-lhe que o Sr. Sowter possui os direitos mundiais desse disco, das Pedras de Toque e de numerosas outras coisas. É a única pessoa que tem minha permissão e concordância para vender meus discos e as Pedras de Toque. Vende também várias outras coisas de desenho meu. Trata-se de um anúncio gratuito para o Sr. Sowter, um homem muito decente e que tenta praticar o bem. Não é intenção deste livro ser um catálogo de gente decente, nem tampouco uma lista de imbecis quase às beiras da loucura, mas não ficará completo sem menção de uma família extremamente agradável: Sra. Worstmann e as duas filhas. Vocês talvez se recordem de que um dos meus livros foi dedicado à Sra. Worstmann, uma mulher muito agradável e altamente educada, que dá prazer conhecer. Conheço-a há vários anos, conhecia quando o marido ainda vivia aqui na Terra, e tenho entrado em contato com ele, que se encontra agora no Outro Lado. A Sra. Worstmann é um dos tipos mais esclarecidos. Por certo, teve esclarecimento suficiente para ganhar duas filhas talentosas, Luise, a primeira, é

enfermeira num dos melhores hospitais londrinos, boa enfermeira e competente em muitas outras coisas. É de temperamento artístico, mas, bem, não vou listar-lhe todas as virtudes, pois são numerosas demais. Quero mencionar também a irmã, Therese, também muito talentosa e também enfermeira. Ela está muito desejosa de ser cirurgiã, possui capacidade para tanto, tudo, de fato, menos dinheiro. Andei procurando saber se há algum plano de seguro que permita a uma jovem altamente talentosa estudar cirurgia. Infelizmente, não encontrei ainda uma dessas fontes. E se alguns de vocês, leitores, sabem como levantar o dinheiro com que uma jovem muito capaz possa custear os estudos na Faculdade de Medicina, eis aí uma oportunidade de praticar o bem. Deixo claro, absolutamente claro, que essa jovem possui habilidade para fazer bem ao mundo como cirurgiã e parece-me horrível que seja privada de tal oportunidade por falta de dinheiro para custear-lhe a educação. Falando de futuros cirurgiões, vejamos a questão dos transplantes cardíacos. Tenho aqui a pergunta seguinte: "O que me diz da corrente moda de transplantes cardíacos e outros tipos de cirurgia radical, com inserção de órgãos estranhos, válvulas plásticas, tubos, etc., no corpo humano? Do ponto de vista puramente material, fisiológico, isto é considerado um progresso científico quase milagroso. Mas, funciona? O emprego de vários produtos químicos combaterá a tendência normal do corpo de rejeitar material estranho nele introduzido dessa maneira? Ou será a rejeição inevitável simplesmente porque a colocação de um novo órgão sadio no corpo para substituir um doente resulta na mistura entre o corpo etérico ainda doente do órgão em questão com a réplica material artificialmente introduzida? E, demais disso, ganhará realmente o indivíduo operado alguma coisa se tiver apenas alguns meses ou mesmo anos de invalidez acrescentados à presente estada na Terra, a menos que use realmente o tempo extra para aprender certas lições, de fato valiosas, que teriam, de outra maneira, sido adiadas para outra encarnação?" Bem, isso é o que eu chamo de uma pergunta comprida, sem dúvida alguma! Há muitas centenas de séculos o povo da Atlântida podia realizar transplantes. Era possível nesses dias enxertar uma perna ou braço, substituir corações, rins e pulmões, mas constituiu ato providencial da natureza que se extinguisse a civilização capaz de tais coisas. Tentaram substituir cérebros e produziram monstros amorais. Basicamente, nada há de muito difícil em substituir um coração. É apenas um procedimento mecânico. Precisa-se extrair o coração

e operar o substituto para que se ajuste perfeitamente aos "canos" que restam. Qualquer cirurgião competente faz isso. No mundo físico temos um semi-invalído. Afinal de contas, quando se pratica a operação, pequenos vasos sangüíneos e nervos não podem ser ligados, a estrutura se debilita, e um homem muito doente ganha uma doença adicional — a debilitação do corpo. Mas, ainda assim, a pessoa poderá sobreviver durante um número infinito de anos, mas em semi-invalididez. No mundo astral, porém, duas pessoas sofrem muito ao serem "misturadas". Uma das pessoas chega pela metade ao astral, isto é, vai lá apenas durante o sono, ao passo que a outra reside lá. mas, como o seu coração ou outro órgão ainda vive, conserva uma espécie de ligação simpática através do Cordão de Prata da pessoa que agora os possui. Às vezes, temos dois rádios. Ligamos os dois no mesmo aposento, talvez para o mesmo programa. Se desligarmos um deles há ligeiro aumento de volume no segundo. Há certa interação entre eles. E são apenas rádios, coisas apenas, que moças montam enquanto conversam sobre os últimos namorados e em que medida serão minis suas minissaias na próxima estação. No caso de seres vivos a interação é muito, infinitamente mais forte, e não há dúvida alguma de que debilita a eficiência da pessoa que vive no astral estar até mesmo "simpaticamente" ligada ao corpo de outra. Acredito firmemente que substituir órgão assim constitui um erro terrível, criminoso. Na verdade, ninguém devia permitir que a natureza fosse violentada dessa maneira. Os reflexos do coração do doador aparecem na aura do recebedor e os dois talvez não sejam compatíveis. O fato de que um seja negro e o outro branco nada tem a ver com o problema. O que é de todo importante é a taxa básica de vibração, isto é, a freqüência de cada pessoa. E tenho a sincera esperança de que os transplantes sejam colocados fora da lei. Assunto muito diferente é substituir um órgão por outro sintético porque isto não seria pior do que se a pessoa usasse óculos, aparelho auditivo, roupa, ou muleta. Acho que os cientistas médicos deviam ser encorajados a inventar órgãos artificiais que poderiam, com segurança, ser usados em pessoas. Neste caso, não haveria cruzamentos entre duas entidades, o que prejudica a ambas até que as duas se libertem dos Cordões Prateados e passem a viver no mundo astral. Assim, respondendo a esta pergunta específica, sou decididamente contra os transplantes. Abordemos agora outra pergunta, que deve revestir-se de interesse geral. É a seguinte: "Queria informações ou instruções sobre o modo como pessoas que

trabalhassem juntas poderiam provocar uma mudança no curso dos negócios mundiais." Se algumas pessoas pensassem realmente no "mesmo compasso" sobre um assunto específico, o que pensassem poderia, sem dúvida, tornar-se realidade. Atualmente, ninguém pode manter um pensamento durante mais de um segundo ou dois. Se duvidam, tentem vocês mesmos, tentem pensar em um assunto específico enquanto observam o ponteiro de segundos do relógio. Descobrirão, se forem honestos, que a atenção variará e se desviará com muito maior rapidez do que acreditariam possível. A atenção permanecerá mais ou menos constante se vocês pensarem no que fazer consigo mesmos, algo que desejam, que querem fazer, que os afete profundamente. Outra coisa, tal como levar ajuda a alguém que conhecem... bem, não manterão o interesse por muito tempo. Os pensamentos humanos não são constantes e ninguém pensa na mesma coisa ao mesmo tempo com a mesma intensidade. Lembram uma massa de pessoas circulando, todas caminhando, mas fora de compasso, enquanto que, se pudessem pensar "em compasso", obrariam realmente milagres. Se querem pensar um pouco mais no assunto, lembrem-se de um exército, de um regimento que marcha sobre uma ponte. Se marchassem em compasso pela ponte, os soldados a destruiriam e, por esse motivo, recebem instruções para "romper o passo" antes de atravessá-la. Continuam a andar, portanto, tão desordenadamente como uma multidão, destruindo-se, assim, o efeito sempre maior de homens marchando no mesmo ritmo. Dissipa-se a força, e a ponte nada sofre. Se fosse possível reunir certo número de pessoas que marchassem exatamente no mesmo passo, elas destruiriam qualquer ponte que pudesse ser constituída e, se continuassem a marchar, poderiam também destruir um edifício porque as passadas, descendo e subindo, formariam uma série de vibrações, cuja amplitude ou grau aumentariam sempre, ultrapassando o ponto que a elasticidade natural da ponte ou edifício poderia tolerar, e eles cairiam como vidro partido.

Se fosse possível reunir, oh, basta meia dúzia de pessoas, que pudessem pensar absoluta e deliberadamente em ondas do padrão correto, elas poderiam derrubar ou formar governos, elevar um país acima de todos os demais e realizar coisas que se considerariam totalmente impossíveis. É talvez uma sorte que não seja tão fácil fazer pessoas pensarem em uníssono e exatamente à frequência correta, porque, o falo com absoluta seriedade, não é piada, se fosse possível reunir uma turma de criminosos treinados em

pensar da maneira apropriada, eles poderiam abrir a caixaforte de um banco. Deus meu, que pena que eu não tenha uma pequena quadrilha. Seria agradável ter um pequeno monte de dinheiro, não? Ainda assim, é inteiramente possível, e nos dias dos atlantes era ocorrência diária. Os hinos católicos constituem relíquias desses dias passados, hinos que certas pessoas pensam que têm apenas dois mil anos de idade, mas, ainda assim, hinos compostos sobre as canções originais de poder dos sumérios e dos atlantes. Talvez deva colocá-los em diferente ordem, atlantes e sumérios, porque os atlantes são mais antigos. Se vocês pensam que isto é fantástico demais, lembrem-se de que podem emitir um som capaz de quebrar um copo. Se mantiverem o som, podem quebrar uma vidraça. O pensamento é apenas outra forma de som, isto é, uma vibração, como tudo, aliás. Se vocês puserem em movimento a vibração apropriada, nada lhes será impossível.

Outra pergunta: "Os leitores se perguntam quando será o momento apropriado para que o Mundo Livre saiba da existência das Cápsulas do Tempo." Não chegou ainda o momento. O momento somente chegará ao fim desta civilização, como a conhecemos atualmente. Mais tarde — oh, não durante o tempo de vida de vocês, não se preocupem — terremotos que realmente sacudirão a crosta da Terra lançarão à superfície as Cápsulas do Tempo, prontas para serem abertas. Há grande número delas. Uma cápsula imensa está no Egito. Acho que, tecnicamente, é uma cápsula, mas, na verdade, constitui uma câmara imensa sepultada sob as areias movediças do deserto egípcio. A câmara é um museu completo de artefatos que existiram há dezenas de milhares de anos — sim, "dezenas de milhares de anos". Há aviões de um tipo muito diferente dos hoje usados. Funcionam na base da antigravidade, de modo que a potência do motor não é despendida para suportar um peso, sendo usada apenas para propelir o veículo à frente. Digo-lhes com absoluta sinceridade que vi um desses aviões. Um dispositivo terá especial interesse para a dona de casa e para pessoas obrigadas a transportar pesos. É uma espécie de cabo que se prende a tudo que precisa ser carregado, Basta que a pessoa segure o cabo, como faz com uma cesta. Se o embrulho ou fardo é pesado, o cabo é apertado mais, se não muito pesado, muito menos. Os dispositivos foram construídos para que, se o pacote pesa uma ou dez toneladas, a pessoa não faz mais esforço do que se transporta meio quilo. A antigravidade era coisa perfeitamente ordinária, comum, nos séculos há muito tempo passados. Os sacerdotes daqueles dias,

porém, que eram também líderes dos exércitos, desavieram-se, e cada lado tentou construir armas maiores e melhores. Com isso, mandaram pelos ares a civilização, que desceu como poeira radioativa. Mais tarde, quando forem abertas as Cápsulas do Tempo, surgirá a televisão em três dimensões, não a televisão em 3-D com duas câmaras ou duas lentes, mas um aparelho no qual as pessoas parecem reais, em tamanho miniatura, naturalmente, representando, dançando, debatendo. A fotografia, igualmente, era diferente nesses dias. Não havia coisa parecida com as fotos planas que hoje conhecemos. Tudo era "sólido", muito mais 3D do que a própria 3-D. A coisa que mais se aproxima são os hologramas grosseiros com que os cientistas estão experimentando agora, nos quais pode-se quase olhar por trás do objeto fotografado. Bem, nos dias da Atlântida podia-se olhar por trás! Centenas de séculos atrás, houve a mais poderosa civilização que o mundo conheceu até o momento. Ocorreram, porém, tais cataclismas que os homens quase se tornaram dementes e os que restaram tiveram de começar mais ou menos do estado selvagem. A presente e denominada Idade da Ciência mal chegou ao que se poderia chamar de estágio de jardim de infância da Atlântida no seu auge. Numerosas pessoas recusam-se a acreditar na Atlântida, o que, por certo, é igualmente tolo. Lembram pescadores que vão para o mar e, porque não pescam, dizem: "Oh, não há mais peixes no mar. Morreram todos." Sim, houve a Atlântida e há restos vivos dela ainda, profundamente enterrados em certas partes do mundo. E deixem-me acrescentar que uma dessas partes não é o monte Shasta. Não acreditem nas bobagens que ouvem ou lêem sobre o monte Shasta. Trata-se apenas de uma área comum que foi promovida demais por indivíduos interessados não apenas em ganhar dinheiro fácil, mas um monte de dinheiro. Gostaria de contar-lhes algumas das coisas que sei, positiva e veridicamente, mas muitas delas não podem ser divulgadas agora. Sei exatamente qual a verdade sobre os submarinos Thresher e Scorpion, o que lhes aconteceu e por quê. A estória, se pudesse ser contada, provocaria calafrios em vocês, mas o tempo não está ainda maduro. Existem muitas coisas que poderiam ser contadas, mas, bem, estes livros circulam por toda parte, muitas pessoas os lêem, e existem numerosos indivíduos que não devem saber que outros sabem o que está realmente acontecendo. Podem acreditar, porém, que o mistério do Thresher e do Scorpion é a mais estranha coisa em que vocês jamais poderiam acreditar.

"O senhor parece tão interessado em animais", diz uma carta, "mas diz que não acredita no vegetarianismo. Por quê? De que modo concilia os dois, o amor aos animais e a antipatia pelo vegetarianismo?" Acredito com absoluta sinceridade que o homem possui um corpo que, neste estágio da existência, precisa de carne para seu sustento. Agora, ouçam bem. Há idades incontáveis — há muitos e muitos anos — havia uma forma de homem inteiramente vegetariano. Passava tanto tempo comendo que não tinha tempo para mais coisa alguma. Nunca lhe ocorreu comer carne e, para que pudesse lidar com o volume de vegetais, frutas e nozes, possuía um órgão adicional, o último vestígio do qual é o apêndice. O experimento redundou em absoluto fracasso. Os Jardineiros da Terra descobriram que o homem vegetariano era ineficiente. Isto porque era verdadeiramente proibitivo absorver o necessário volume de celulose que lhe possibilitaria fazer qualquer trabalho útil. Ele teria que comer sem parar, comer durante tanto tempo que não lhe sobraria um minuto para o menor trabalho construtivo. Os Jardineiros da Terra, em conseqüência, lançaram no lixo esse tipo de homem e, se você não gosta da palavra "lixo", digamos que, através da evolução, a humanidade transformou-se em carnívora. Temos de encarar os fatos básicos, e um deles é o seguinte: toda matéria vegetal tem por suporte a celulose. Agora, imaginemos uma cortina de renda, de malhas abertas, cujos espaços são enchidos com uma espécie de pasta contendo substância alimentícia. Suponhamos que tivéssemos de comer a cortina para que o valor alimentício contido nos espaços abertos pudesse ser absorvido pelo nosso corpo. Parece um pouco fantástico, não? Mas é exatamente isso o que acontece quando comemos muito alface, repolho, outros vegetais ou frutas. O que se come é uma esponja de celulose, com espaços cheios de alimentos. O material esponjoso, porém, ocupa muito espaço e para conseguir uma quantidade adequada de alimentos temos de ingerir um volume excessivo de celulose. O nosso pobre corpo não pode digerir celulose, como vocês sabem, e o material tem que ser excretado. Em minha vida nunca encontrei um vegetariano que pudesse, realizar trabalho árduo. Naturalmente, sentava-se o dia inteiro e deixava que outras pessoas trabalhassem e, sem dúvida, assim sobrevivia, mas não poderia ser indivíduo muito brilhante. Se por acaso fosse, pode ter certeza que se vivesse naturalmente seria muito mais brilhante. Falando francamente, já viram um marinheiro ou pessoa que realiza trabalhos pesados que pudesse

sobreviver apenas à custas de frutas e vegetais? Não viram, não é? Agora, pensem no assunto. Mas, voltemos ao caso dos animais. Sou verdadeiramente amante dos animais, amo todos, e posso assegurar-lhes que animais sabem que têm que morrer algum dia e lhes ajuda o carma se morrerem para uma finalidade útil. Animais usados para servir de alimento são cuidados, criados com atenção, e todas as doenças são tratadas. O rebanho é supervisionado atentamente para que nele existam apenas animais sadios. No estado selvagem encontramos animais doentes ou raquíticos, que foram lesionados de alguma maneira, ou mesmo atacados de câncer ou moléstias respiratórias, e que são obrigados a levar uma vida miserável. Se um animal quebra uma perna, ele terá que viver o resto dos seus dias uma existência realmente desgraçada, até que morra de fome ou de dor. O animal de rebanho, porém, seria tratado imediatamente. Se não fossem mortos, o mundo seria antes de muito tempo dominado por animais de todos os tipos. Haveria gado em enorme quantidade e, quanto mais numerosos estes, maior o número de predadores, que a própria Natureza cria para manter baixo o número de reses. Se os seres humanos comem carne, resulta em proveito para eles que os animais sejam abatidos de forma rápida e indolor. Ao matar um animal para comer, conserva-se também sob controle o número deles e evita-se que, crescendo em números incontáveis e revertendo ao estado selvagem, a estirpe se degrade. Agora, gostemos ou não, os seres humanos precisam ser controlados também no que diz respeito a números. Se houvesse um número excessivo de seres, ocorreria inevitavelmente uma grande guerra, um desastroso terremoto ou surgiria algum tipo de doença ou praga que liquidaria grandes massas. Acontece nessas ocasiões que os Jardineiros da Terra rareiam as fileiras, cortam o número excessivo de pessoas.

Pessoas, afinal de contas, são apenas animais de tipo diferente. E no tocante às pessoas que literalmente gritam de agonia ao pensar numa pessoa que come um pedaço de carne, bem, o que me dizem de comer uma alface viva? Se a pessoa come carne de vaca ou uma galinha, o possuidor original da carne já não pode sentir as mordidas. Mas as pessoas que comem verduras vivas, ervilhas vivas, de que modo reconciliam isto com seus chamados princípios humanitários? A ciência, cínica e céptica como possa ser, acaba de descobrir que as plantas têm sentimentos, que crescem melhor quando cuidadas por pessoas simpáticas a elas. As plantas reagem à música.

Existem instrumentos que indicam que grau de dor a planta está sofrendo. Talvez você não ouça o repolho guinchar de dor quando lhe arranca as folhas externas. Não, não ouvirá porque o repolho não tem cordas vocais, mas há instrumentos que registram o guincho sob a forma de uma explosão de estática. Isto não é estória de fadas, mas fato real, fato investigado e comprovado repetidas vezes em laboratório de pesquisas da Rússia, Estados Unidos e Inglaterra. Quando vocês tomam alguns morangos e metemnos na boca, o que me diz dos sentimentos da planta? Vocês não arrancam um pedaço de carne de vaca e o enfiam na boca, pois não? Se tentassem, a vaca protestaria sem demora. Mas simplesmente porque as plantas não lhes podem mostrar como sofrem, vocês se consideram uns

humanitaristas maravilhosos quando as comem, em vez de carne, que não pode sentir a dor de ser comida. Com toda franqueza, julgo os vegetarianos um bando de excêntricos e birutas e se abandonassem suas atitudes estúpidas e se lembrassem que os Jardineiros da Terra lhes projetaram o corpo para certos alimentos, gozariam de muito melhor saúde mental. Se vocês têm um carro, não esgotam o cárter e o enchem de água dizendo que não poderiam, em hipótese alguma, usar óleo porque vem de alguma parte da Terra e magoa alguém que vive nas profundezas. Se você tenta movimentar o corpo com alimento para o qual ele não foi projetado, você está sendo exatamente igual à pessoa que não usa óleo no cárter, preferindo água salgada. Se queremos ser lógicos e afirmamos que o vegetarianismo é uma boa coisa, o que me dizem do costume de usar flores cortadas como decoração? As plantas são entidades vivas e quando as cortamos amputamos-lhes os órgãos sexuais e os colocamos em vasos. Os seres humanos, de sua parte, ficariam chocados e infelizes se os seus órgãos sexuais fossem amputados e colocado em caixas para gáudio de alguma outra raça. Deixem-me fazer uma digressão aqui e dizer que, quando internado no hospital, tive uma surpresa muito agradável. Um grupo de senhoras muito bondosas da Costa do Pacífico dos Estados Unidos enviou um telegrama a um florista na cidade de Saint John, mandando que fossem entregues

algumas plantas no hospital. Apreciei muito o presente. As citadas senhoras não mandaram o endereço, mas consegui localizá-las! Por questão de escolha pessoal, não gosto de flores cortadas. Parece-me uma maldade cortá-las. Em vez disso, prefiro muito mais plantas inteiras. Neste caso, a

peessoa tem uma coisa viva que cresce e que não apenas morre. Amiúde, penso em pessoas que enviam grandes buquês de flores. Ora, isso é igual a decepar a cabeça de criancinhas, impalá-las em varas e pô-las na sala. Vocês já pensaram por acaso em que estado se encontra esta velha terra nossa? Numa imensa confusão, como sabem. Comparam-na com um pomar. Se o pomar for devidamente tratado, não haverá ervas daninhas, as pragas serão combatidas, não haverá mangra nas árvores e as frutas se apresentarão cheias e sadias. As plantas têm que ser espaçadas e, as doentes, removidas. Vez por outra, as árvores precisam ser podadas e feitos enxertos. É necessário supervisionar atentamente o pomar e impedir a polinização cruzada entre espécies indesejáveis. Se o pomar for mantido como deve, ele se transformará num recanto de beleza. Mas deixem que os jardineiros vão embora e que o pomar permaneça em pousio durante um ou dois anos. As ervas crescerão, sufocarão e matarão as plantas mais delicadas, as pragas descerão e a manga aparecerá nas árvores. Não mais haverá frutas redondas e firmes e, antes de muito tempo, elas se apresentarão murchas, enrugadas, pontilhadas de pontos pardacentos. Um pomar abandonado é um espetáculo trágico. Ou passemos do pomar para a criação de animais. Vocês já viram por acaso pôneis selvagens numa charneca ou gado selvagem em pasto ruim? Diminuem de tamanho, alguns deles sofrem de raquitismo, muitos aparecem com doenças de pele. De modo geral, constituem um espetáculo patético, pequenas criaturas ananicadas, mal cuidadas e selvagens. Examinem agora um bem cuidado curral. Verão animais de boa estirpe, cuidadosamente criados. Criados, de fato, de maneira a eliminar os defeitos. Vemos cavalos ou vacas de excelente pedigree. São sadios, de grande tamanho e boa aparência, parecem satisfeitos de viver, e podemos olhá-los com prazer sabendo que não se afastarão de nós apavorados. Sabem que há quem cuide deles. Agora, pensemos na Terra, nas populações. A estirpe está-se tornando dia a dia mais medíocre. As pessoas adquirem mais vícios, ouvem "música" a mais depravada, assistem aos filmes mais obscenos. Não estamos mais numa era em que se dê valor à beleza e à espiritualidade, ninguém escuta mais boa música, ama os belos quadros. Tudo isso está indo por águas abaixo. Não pode haver um grande homem sem que apareça um débil mental dizendo coisas cruéis sobre ele. Um dos maiores homens dos tempos modernos, Sir Winston Churchill, provavelmente salvou o mundo de cair sob a sombra do comunismo. Mas mesmo ele teve seus caluniadores

simplesmente porque o espírito do mal a tudo satura na atmosfera dos dias presentes. O jardim que é a Terra, que é nosso mundo, foi para o brejo. As ervas daninhas crescem correspondentemente. Podemos vê-las nas ruas com o cabelo comprido e rostos sujos e, se não podemos, não há dúvida de que os ouvimos a metros de distância. As raças precisam de poda, a estirpe precisa de sangue novo e antes de muito tempo os Jardineiros da Terra aparecerão para a inspeção periódica e descobrirão que são intoleráveis as condições reinantes. Alguma coisa será feita a esse respeito. Não será permitido que a humanidade vá para o brejo como tem acontecido recentemente. Chegará o tempo em que todas as raças de homens se unirão, quando não mais haverá pretos, brancos, amarelos, vermelhos. O mundo inteiro será povoado pela "Raça de Tan" e a cor predominante será — bronze. Com o advento da Raça de Tan muita vida nova será injetada na raça humana. As pessoas darão novamente valor às melhores coisas da vida, valorizarão as coisas espirituais e, logo que a humanidade atingir um grau suficiente, ser-lhe-á possível conversar mais uma vez por telepatia com os "Deuses" — os Jardineiros da Terra. Atualmente, o homem mergulhou no pantanal de desânimo, na própria falta de espiritualidade, caiu tanto que suas vibrações básicas foram reduzidas a tal ponto que ele não pode ser ouvido telepaticamente por nenhuma criatura mais adiantada, nem mesmo por seus irmãos. Mas chegará o tempo em que isso será remediado. Não estou tentando convertê-los ao budismo, ao cristianismo, ou ao judaísmo, mas digo categoricamente que terá que haver um retorno a alguma forma de religião, porque somente a religião pode proporcionar a necessária disciplina espiritual que converte uma população desordenada num grupo disciplinado e espiritual de pessoas que podem levar avante a raça, em vez de deixar que ela seja esmagada, e colocado aqui um novo conjunto de entidades. No atual estado de discordância, até mesmo cristãos lutam contra cristãos. Tomem o exemplo da guerra entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte. Não importa em absoluto quem tem ou não razão. Ambos alegam ser cristãos e seguirem a mesma religião. O que importa quando uma seita se benze com a mão direita e a outra com a esquerda? Tudo isso nos lembra de uma das estórias de As Viagens de Gulliver, em que os habitantes de um místico país foram à guerra para decidir que extremidade de um ovo devia ser partida primeiro, a menor ou a maior! Como pode o cristianismo possivelmente tentar converter outras

nações e outras religiões quando cristãos lutam contra cristãos, pois isso é que são, católicos e protestantes. CAPÍTULO 10

NÃO SE PODE POLIR A GEMA SEM ATRITO NEM APERFEIÇOAR O HOMEM SEM PROVAÇÕES O desjejum terminou logo. Não é preciso muito tempo para consumir apenas um ovo quente de cinqüenta gramas, uma fatia de pão e cinco gramas de manteiga. As duas xícaras de chá permitidas também não precisam de muito tempo para "descer pelo cano". O Ancião apertou o botão no lado esquerdo da cama, o motor zumbiu e o cabeceira tomou numa inclinação de quarenta e cinco graus. — Oh! — disse Cleo com um sorriso. — Eu adoro quando essa coisa sobe. — Bem, eu tenho que trabalhar agora e vocês, diabinhas, não me perturbem novamente. Vocês se lembram da farra que tivemos ontem, não? A extremidade da cauda da Srta. Cleo contorceuse de divertimento e ela se dirigiu para o lugar costumeiro sobre o peitoril do radiador. — Que farra, ontem? — perguntou Ra'ab. — Eu não me lembro de farra alguma. O Ancião ergueu os olhos e disse: — Eu tentei ontem trabalhar um pouco no livro, e a gorda gata Taddy disse que eu não deveria fazê-lo. Disse que eu não estava com boa aparência e, quando me recusei a parar, ela repetiu a mesma coisa, subiu na cama e começou a dar-me patadas. — Foi ótimo que ela tivesse feito isso — observou Ra'ab. — Ela está apenas tomando conta de você.

— Sim, claro que está, mas continuou a saltar sobre mim, tentando empurrar as coisas para o lado. Tentou sentar-se no meu peito para que eu não trabalhasse. E se eu não trabalhar e terminar este livro quem é que vai pagar a conta do médico? O Ancião pensou com grande tristeza em todas as pessoas que ganham dinheiro à sua custa: Secker & Warburg, por exemplo, publicou A Terceira Visão — oh, há mais ou menos quinze anos, encadernado, e depois vendeu os direitos a uma empresa de livros de bolso. E desde então Secker & Warburg recebe cinqüenta por cento dos direitos da edição em brochura. A mesma coisa acontece com a Doubleday nos Estados Unidos. Há outras editoras também enfiando a mão e, como disse o Ancião, não é de admirar que ele nunca tivesse dinheiro quando havia tantas pessoas, incluindo os coletores de impostos, tentando tirar uma fatia do dinheiro que ganhava. O Ancião sempre pensou com o maior carinho na Gorgi, da Inglaterra, porquanto, através de uma longa associação, nunca houve o menor desacordo, nem foi trocada uma palavra mais áspera entre a

Gorgi e ele. Pensava com grande afeto no seu agente, Sr. A. S. Knight, da empresa Stephen Aske, um homem estritamente honesto que sempre deu de si o melhor e, como declarado, o Ancião sente grande afeto por ele. E tudo isso ocorreu porque um antigo agente com quem o Ancião tinha negócios disselhe: "Se conhece melhor agente, procure-o." O Ancião fez justamente isso e encontrou o Sr. Knight.

Mas chegara o momento de recomeçar o trabalho, de transmitir mais algumas informações a pessoas que as apreciariam. O Ancião curvou-se sobre os papéis. A gorda gata Taddy levantou a cabeça, olhou-o irritada e enviou-lhe a mensagem telepática errada: — Nada de brincadeira, agora. Você não pode fazer tudo de uma vez só, e desta vez Cleo e eu saltaremos sobre a cama. Tendo dito isso, enrodilhou-se confortavelmente e esperou pelo que viria. Muitas perguntas são feitas ao Ancião e ele recebe um número enorme de cartas: pessoas querendo coisas, ajuda, sugestões, embora a maioria deseje que ele concorde com ela para que se sinta intimamente justificada. Um sem-número de pessoas escreve-lhe sobre casos amorosos, pedindo-lhe que escolha entre tal ou qual pessoa, perguntando se seriam felizes no casamento e coisas assim. A maioria, porém, não quer conselhos que impliquem o menor esforço; elas querem apenas garantia de que se estão portando satisfatoriamente e não precisam fazer mais coisa alguma; que lhes diga que o destino as trata muito mal, que merecem a mais profunda simpatia e que simplesmente desistam e não façam coisa alguma, porque não adianta lutar contra o destino. Pode-se lutar, saibam, se for preciso. As pessoas vêm à Terra com um plano cuidadosamente elaborado sobre o que pretendem fazer. Estão inflamadas de entusiasmo e determinação e sabem exatamente que sucesso esperam na próxima vida. Começam a jornada como cruzados, cheios de entusiasmo. Ao descerem à Terra e após alguns anos de experiência, a inércia ou a letargia se declaram, ficam desiludidas com a vida, o que constitui uma maneira mais polida de dizer que ficam inteiramente indolentes, o que é realmente a verdade. Tentam evitar responsabilidades, ignorar o plano que elas, e elas apenas, aprovaram, porque, lembrem-se, coisa alguma é forçada, os indivíduos vêm aprender certas coisas, experimentá-las, mas não são obrigados a isso. O mesmo acontece com o estudante que se matricula na universidade. Ele não é obrigado, não tem que aprender certas coisas a menos que queira. Se não aprender, não obterá as desejadas qualificações e

isto é tudo. É dele a opção. Pessoas pedem conselhos e orientação, garantem que os seguirão fielmente, mas, de fato, continuam da maneira a mais errática, uma maneira que lembra tentar levar um porco ao mercado. Já viram um porco ser levado ao mercado? Não? Bem, é mais ou menos assim: você precisa de duas varas, uma em cada mão. Colocase atrás do porco e tenta impulsioná-lo para a frente. A vara de cada mão serve para dar-lhe uma pancada se ele não se mantiver no curso devido. Hoje em dia, claro, os porcos vão de caminhão, o que é muito mais fácil, mas o fato é que as pessoas tentam fazer tudo, menos o óbvio. Não compreendem que a senda está aqui, diretamente à frente e ao seu alcance. Não acreditam. Pensam que têm que viajar até algum país exótico e lá procurar a senda, que precisam ir ao Tibete, arranjar um Mestre ou tornar-se budista. Se o número de pessoas que alegam que tiveram lamas tibetanos como Mestres falasse a verdade, bem, a população do Tibete não seria suficiente. E o número dos que me escrevem dizendo que vão ao Tibete estudar numa lamaseria indica como são poucos os que realmente compreendem o que lêem. Não podem ir ao Tibete, os comunistas estão lá, as lamaserias têm as portas cerradas. É apenas tolice pensar que, porque uma pessoa está inflamada de entusiasmo, pode saltar sobre os oceanos, aterrar com estrondo em Darjeeling e seguir até a lamaseria mais próxima sobre um tapete estendido. Para o que é que vocês pensam que os comunistas estão lá? Estão lá para acabar com a religião, liquidar todos os lamas, escravizar os inocentes. E fazem isso porque parece não haver alguém capaz de tirar o povo tibetano do ermo, das trevas do comunismo, e de conduzi-lo para a luz (da forma que conhecemos) do mundo livre. É preciso frisar novamente que, se pessoas pedem orientação e conselhos e os ignoram, ficam, para começar, em muito pior situação do que se não os tivessem solicitado, porque, quando a senda lhes é apontada, quando lhes dizem o que devem realmente fazer após terem pedido sugestões, bem, eles acrescentam um pouco mais ao carma se não as seguem. Portanto, se não querem fazer coisa alguma sobre seu estado na vida ou sua insatisfação, não peçam conselhos, pois, neste caso, estariam acrescentando mais peso à carga.

Eis aqui outra pergunta: "Aprendemos aqui e ali que o trabalho para curar os doentes pode ser mal aconselhado, interferindo no carma que o paciente procura desgastar, e que o auxiliar pode, subseqüentemente, ser sobrecarregado pelo carma do doente. Se isso for verdade, o que me diz da

carga de carma que o médico praticamente deve assumir? Deve-se tentar, ajudar e curar, ou não?" O pobre e velho carma leva uma sova novamente! Saibam que nem tudo é devido ao carma. Dizem-me que devo ter um terrível carma para ter tido uma vida tão difícil, mas o caso não é esse, absolutamente. Dando um exemplo, se vocês saem e fazem trabalho pesado, cavam uma vala ou correm quilômetro e meio, isso talvez seja difícil para algumas pessoas, mas vocês talvez o façam porque gostam ou porque estão estudando alguma coisa. Talvez cavem um buraco para ver se descobrem uma melhor maneira de abri-lo. Numerosas pessoas vêm à terra com o plano específico de contrair uma doença específica, talvez tuberculose, talvez câncer, ou mesmo uma dor de cabeça crônica. Não importa o que seja, a pessoa chega com um plano definido de contrair uma doença específica. Talvez venha como mentalmente desequilibrada e faça trabalho extremamente bom estudando os loucos. Porque é mentalmente doente não se segue necessariamente que o indivíduo esteja sobrecarregado de carma. Ao contrário, talvez venha estudar em primeira mão os doentes mentais para, na volta ao Outro Lado, ajudar no mundo astral os que sofrem na terra. O médico ou cirurgião situa-se numa categoria especial. Podem ajudar, podem operar os que sem a operação morreriam. O sofredor, se veio com a intenção de estudar doenças, poderá verificar de que modo pode ser aliviada a moléstia nesses casos. Mas deixem-me fazer uma declaração: os denominados "curandeiros" fazem um mal tremendo porque põem vibrações em choque. Talvez estejam animados das melhores intenções, mas lembrem-se de que a estrada para o inferno está também pavimentada com elas, e a menos que o curandeiro conheça a exata causa da doença é nocivo, positivamente nocivo, iniciar práticas de curandeirismo. Elas simplesmente provocam uma discordância na aura, que, com grande frequência, agrava as coisas. Nessas "curas milagrosas" é tristemente freqüente que, em primeiro lugar, a pessoa não tenha a doença, mas apenas uma neurose. Certas pessoas podem enganar-se durante anos, entrar em estado de autohipnose, sim, ter câncer, tuberculose, todas as moléstias possíveis e imagináveis. Neuróticos vão à sala de espera de um médico, ouvem outros doentes comentarem os seus sintomas, copiam toda a série e contraem uma "doença" após outra. Bem, se o curandeiro aparece e "cura" uma delas, amiúde ocorre um sério colapso depois. Para falar com franqueza, não tenho nem tempo nem paciência com os curandeiros.

O médico qualificado, é claro, não acrescenta coisa alguma ao carma por curar um doente. Este negócio do carma, aliás, é horrivelmente malinterpretado. Em absoluto significa que, se ajudam uma pessoa, vocês vão pôr nas costas todas os problemas dela. Significa, sim, que, se prestam um desserviço à pessoa, vocês têm que pagar. Se por maldade ou temperamento violento, vocês, digamos, baleiam uma pessoa e impedem que ela realize a tarefa que a ocupava, vocês pagarão com obstáculos no caminho. Esqueçam tudo sobre chamas do inferno e condenação eterna, porque não existe nada disso, ninguém é jamais abandonado, ninguém é jamais condenado a tormentos. O único sofrimento e tormento que experimentam ocorrem no momento em que vocês entram no Sagão das Recordações e verificam que coisas estúpidas fizeram, mas essa sensação passa logo. Se vocês dão realmente o melhor de si enquanto estão na terra, podem tranquilizar-se. Suas visitas ao Saguão das Recordações não serão experiências tão más assim. Naturalmente, vocês enrubescerão, mas isso não é motivo de espanto, nem? Pensem nas coisas que fizeram e nas que esqueceram. Eis aqui uma pergunta sobre telepatia: "Poderia dar-me mais algum detalhe a respeito dos meios de alcançar a oitava nota para a telepatia entre os animais e o homem. De que modo poderiam, por exemplo, ser interceptados os cumprimentos de onda dos gatos?" Se querem conversar telepaticamente com os animais, terão que estar em rapport completo com eles, pensar como eles, amá-los, tratá-los como iguais. A maioria das pessoas os considera como espécies inferiores de vida, criaturas estúpidas que não podem falar e, por conseguinte, destituídas de cérebro. Deixem-me dizer-lhes que numerosas pessoas pensam que os surdos são mentalmente despojados. Se você fosse surdo, ou se pensassem que é, ouvi-los-ia discutindo sua pessoa e dizendo: "Oh, ele é um pouco fraco da bola, não sabe o que estamos dizendo. Não se preocupe com ele." Os animais são em tudo iguais ao animal humano. Têm apenas formas diferentes, pensam segundo princípios diferentes e, porque pensam, têm cumprimentos básicos de onda diferentes. Mas deixem-me fornecer-lhes outro tema para estudo: podem vocês entrar em contato telepático com outros seres humanos? Não? Sabem por quê? Ao longo dos anos os homens desconfiaram uns dos outros e tentaram ocultar seus atos. Há sempre, mais ou menos, a intenção de burla. E por isso mesmo, subconscientemente, vocês procuram fazer com que o cumprimento de onda de sua transmissão mental discorde da

transmissão de outros seres humanos para que eles não lhes surpreendam os pensamentos. Se houvesse autêntico "amor fraternal" na terra, todo mundo podia telepatizar entre si. Somente os seres humanos são privados da capacidade telepática, ou melhor, aqueles que não a podem usar. Falo com minhas gatas com tanta clareza e facilidade com que falo com qualquer ser humano. Falo com a Grande Gata Gorda Taddykins e ela recebe minha mensagem com absoluta nitidez e com igual clareza capto as dela. E amiúde a Beldade Cleo vem correndo de outro quarto para tomar parte na conversa. Como mulher, ela gosta de dizer a última palavra. Se querem falar telepaticamente com os animais, precisam amá-los, tratá-los como iguais, compreender que eles pensam diferentemente, mas que não são menos inteligentes por esse motivo. Um inglês e um espanhol constroem as frases de maneira diferente, mas o mesmo acontece no caso de franceses e alemães. A mensagem básica é a mesma, embora difira a construção. Mais ainda entre homem e gato. Devem levar também em conta que o ponto de vista de onde o gato encara as coisas difere do dos homens. Assim, a menos que pensem como gatos, a maioria das mensagens que receberiam seria algo incompreensível. Dando um exemplo, recebi uma mensagem sobre algo que eu queria, isto quando morava em Montreal. Consegui uma imagem viva da loja onde o artigo se encontrava à venda, mas, naturalmente, a imagem era a dos olhos de um gato, a apenas alguns centímetros do chão. Desse ângulo especial não pude simplesmente ler o nome das lojas em virtude do alongamento extremo das letras vistas do nível do solo. Somente quando o gato, para fazer-me um favor especial, subiu sobre a capota de um carro, li realmente o nome através dos seus olhos. Sim, consegui o artigo, extremamente satisfatório.

São muito numerosos os exemplos desse tipo. Eu desejava, por exemplo, algo para umas pesquisas e nenhuma loja podia fornecê-lo. A Srta. Taddy, nossa gata altamente telepática, fez uma chamada geral no comprimento de onda dos felinos e recebemos a desejada informação de um gato franco-canadense. Aqui em Nova Brunswick recebemos a mensagem de um gato da Província de Quebec e um telefonema urgente localizou realmente o artigo que eu queria. Não tinha a mínima idéia onde consegui-lo, mas, entrando em contato com os gatos, logo depois entrei de posse do artigo. Tenho um amigo que mora a muitos milhares de quilômetros e que, por mensagens telepáticas, foi poupado de sérios problemas. A Srta. Taddy

estava em contato telepático com um gato que mora nas proximidades de meu amigo. Este gato, que é também um excelente telepata, informou a Taddy de certas coisas. Entrei em contato com meu amigo e dei-lhe a informação. Ele confirmou que as coisas se passavam, na realidade, como eu dizia. Se as pessoas praticassem telepatia, logo depois lançariam na falência as companhias telefônicas. Talvez eu e vocês nos devêssemos reunir e criar um sistema telefônico telepático especial e tornarmo-nos ricos, hem? Eis aqui outra pergunta, possivelmente um pouco tardia e, como a maioria das coisas neste livro, fora do lugar. Mas, antes que a transcreva, quero dizer outra coisa:

Neste livro misturei deliberadamente as perguntas, pois, de outra forma, muitas pessoas correriam para aquela pergunta ou seção que as interessassem, ignorando o resto do livro. Escreveriam, então, para queixar-se de que eu não tratara deste ou daquele assunto, que não leram porque se esqueceram de virar a página. Eis a pergunta: "É o espírito que sobrevive, não? Bem, quando a pessoa sofre de uma doença mental, significa isto que é mais do que uma moléstia física, algo que não será deixado atrás quando passarmos a outra existência ou ficará a pessoa automaticamente livre dela logo que o espírito sair do corpo, da mesma maneira que não sentiria uma perna quebrada, por exemplo, no plano astral?" Muitas pessoas chegam à terra com uma doença mental deliberada. Vêm verificar, em primeira mão, o que significa ser mentalmente desarranjado. Isto não significa, em absoluto, que tenham carma adverso. Não é nada disso. Diríamos, por exemplo, que um cavalo que corre com handicap tem carma? Isto seria absurdo, não? Sei que, em algumas corridas, os cavalos que ganham sempre correm com o handicap de certos pesos, que, supostamente, os retardam um pouco e dão oportunidade aos outros animais. Prestem atenção, pouca coisa sei a respeito de cavalos e nunca descobri qual é o pedal de freio deles. Mas sei qual é a frente e a retaguarda. A frente morde, e é preciso evitar também a retaguarda por vários motivos que não preciso detalhar.

Cavalo algum seria acusado de ter carma por correr levando pesos. De idêntica maneira, nenhum ser humano poderia ser acusado de incorrer em carma quando vem à terra com um defeito ou disfunção deliberados de algum órgão. E se a pessoa aqui chegasse como louco delirante isso não exerceria o menor efeito sobre o corpo astral. A parte insana é descartada quando o corpo astral "vai para casa". Além da classe de pessoas que chega

com uma doença deliberada para estudar, há aqueles que, por má sorte, são prejudicados, talvez porque a mãe descuidou-se na dieta ou, possivelmente, porque a parteira ou o médico usaram mal os instrumentos. Para fins de ilustração, digamos que o médico usa instrumentos e lesiona o crânio. A pessoa poderá ficar com uma evidente debilidade mental em consequência da lesão. Mas não é necessário que o carma da pessoa "pague-lhe na mesma moeda". Pode ter sido um acidente, um infortúnio, nada mais. Tampouco significa que o pobre médico acrescente muito mais carma ao seu desde que certas coisas são consequências de acidentes e se a pessoa é vítima de um claro e inevitável acidente ela não vai ser sobrecarregada de carma. São muitas as más interpretações sobre o carma. A pessoa que chega e é lesionada devido a um infortúnio recebe "crédito" porque o fracasso não foi culpa sua. Se é gravemente prejudicada, isto é, se se torna o que chamamos de vegetal humano, o corpo astral sairá e fixará residência em outra parte e o vegetal humano continuará a vegetar por todo o resto da vida, nem piorando nem melhorando. Não há meio conhecido pelo qual uma ação na terra possa tornar inteiramente insana uma entidade astral. O mais perto disso ocorre quando o indivíduo toma tóxicos em doses excessivas. Se os toma, a entidade astral é positivamente afetada, não na extensão de tornar-se furiosa, naturalmente, mas lhe ocasiona séria doença nervosa que só pode ser curada numa permanência muito longa num hospital astral. Mais ou menos as mesmas condições prevalecem quando a pessoa é um alcoólatra inveterado, pois através da embriaguez afrouxa os laços entre o astral e o físico e encoraja ativamente elementais de baixo grau a atacarem o cordão de Prata ou mesmo assumir completo controle do corpo físico. Isto produz um severo choque no astral e, muito embora não provoque a loucura, o choque é grande. O choque seria igual ao que vocês experimentariam se estivessem dormindo e um grupo de crianças turbulentas, tocando tambores e cornetas, saltasse na sua cama. Não digo entrar simplesmente no quarto, mas realmente saltar na cama. Vocês teriam um severo choque, empalideceriam, o coração dispararia, teriam palpitações e, em geral, tremeriam da cabeça aos pés. Bem, depois de terem dado uma surra nas crianças e as expulsos, passariam uma ou duas horas antes que vocês se recuperassem inteiramente. Mas se o corpo astral chegasse a esse estado, pelo alcoolismo ou uso excessivo de

tóxicos, vocês talvez precisassem de vários anos no astral para se recuperarem. Isto me traz a outra pergunta, que é a seguinte: "Que história é essa sobre seres que vivem no plano astral e que, às vezes, afetam o Cordão de Prata?" Visualizemos as condições que prevalecem nestes casos. Suponhamos que estamos sentados no alto de um edifício, talvez num belíssimo apartamento de cobertura, com um belo telhado ajardinado. Estamos matando tempo mas, simultaneamente, mantendo contato com uma pessoa ao nível do solo. Contato, se quiserem, através de um par de fios telefônicos ligados por fones e microfones conosco e o mesmo equipamento com a pessoa que se encontra no solo. Estamos captando suas impressões e escutando tudo o que ela diz ou ouve. Os nossos fios são de tal ordem que podem atravessar árvores e paredes sem serem perturbados, mas podem sê-lo por certo tipo de entidade. Lá embaixo há uma turma de delinqüentes juvenis, gritando e correndo. Procuram segurar o fio telefônico e, quando o agarram, tentam quebrá-lo ou colocam-no mesmo sobre uma pedra e dão-lhe violentas pancadas com outra pedra. Embora não consigam quebrá-lo, podem ocasionar grandes danos e perturbação. Cria um caso também o pobre-diabo que tenta falar e movimentar-se. Vamos colocar isto agora em termos astrais. Estamos aqui na terra — infelizmente — e nosso Cordão de Prata estira-se até o mundo astral. Se somos fracos ou temos medo, isto é, se nossa autoridade não é respeitada, qualquer elemental de baixo grau, por cujo território passa nosso Cordão de Prata, pode tentar agarrá-lo e fazer com ele, ou tentar fazer, mais ou menos a mesma coisa que as crianças tentaram com o fio telefônico. Talvez não possam realmente tomá-lo, mas podem gravar nele sinais por indução magnética da mesma forma que quando falamos num microfone ligado a um gravador de fita. As mensagens que transmitimos são gravadas magneticamente na fita que passa através do cabeçote do gravador. Suponhamos agora que estamos fazendo uma gravação. Procuramos pronunciar as palavras com a maior clareza, fazendo nossa melhor composição, muito orgulhosos do que estamos conseguindo, quando alguém chega furtivamente por trás e grita: "Buuuu!" O som causa perturbação, abala-nos consideravelmente e nos irrita quando ouvimos novamente a gravação. Se as crianças respeitam a pessoa — e para isso precisamos literalmente apavorá-las — não farão coisas tais como tentar gritar no microfone. Da mesma maneira, precisamos com absoluta e total clareza demonstrar que não temos uma migalha de

medo dos dementais. Os dementais se esforçam para amedrontar os humanos que viajam astralmente. Incham, armam as piores caretas e soltam os gritos mais estranhos que se poderiam imaginar. Na verdade, o baixo astral, o mundo dos dementais, parece muito com a enfermaria dos loucos furiosos de um hospital da terra. Não obstante, contanto que se mantenha a disciplina, e isto é fácil, e contanto que não tenhamos medo desses elementais estúpidos, o que é mais fácil ainda, não há motivo algum de preocupação com a interferência de entidades astrais. Lembrem-se de que coisa alguma pode perturbá-los, agitá-los ou feri-los a menos que tenham medo. Se ficarem apavorados, o próprio estado de medo, e isto exclusivamente, perturba os elementos químicos de cada um. Se a pessoa sente um grande medo, isto lhe prejudica a digestão no físico, e é tudo. Na realidade, não pode ser ferida, nem mesmo perturbada, caso se recuse a ficar amedrontada ou intimidada. Tenho aqui outra pergunta, feita por uma mãe. Diz ela: "Quando as crianças seguem para o Outro Lado elas crescem ou permanecem crianças? Como é que os pais reconhecem os filhos? Crescem elas diante de seus olhos?" Mãe, não, não lhe mencionarei o nome porque não lhe pedi em tempo e nunca menciono nomes exceto com autorização da pessoa. Assim, mãe, respondo-lhe que confundi toda a questão. Agora, leia isto, cuidadosamente. Pessoas estão no Outro Lado, isto é, no astral. Não são crianças nem anciãos: são apenas o que se poderia chamar de média, idade indeterminada, porque no Outro Lado os anos são diferentes. Mas, de qualquer modo, essa pessoa, um adulto, digamos, resolve voltar à terra. Não pode voltar como adulto desenvolvido, certo? Tem que percorrer os trâmites: habituais, digamos, vai dormir e, quando acorda, está no ato de nascer. Cresce um pouco e, digamos para os fins deste exemplo, quando tem — que idade escolheremos?

— vá lá, dez anos, morre e é enterrado. O astral é libertado do corpo e volta para o Outro Lado onde diz, com efeito: "Bem, foi uma estada curta, graças a Deus. Agora, o que é que eu vou fazer em seguida?" No Outro Lado não é mais criança, mas, suponho que, por algum motivo muito importante, precise entrar em contato com os que foram seus pais na terra, não seria bom dar-lhes uma impressão como adulto, talvez mais velho do que os pais. Assim, grava no subconsciente deles uma visão de si mesmo como criança e os amantíssimos pais rejubilam-se ao ver o espírito do filho de dez anos, que veio lá do céu para dizer: "Ei, pessoal", ou outra coisa qualquer. São

muitos os casos autênticos de pessoas que se materializaram aqui na terra por algum motivo especial e, naturalmente, se querem ser reconhecidas, e isto, afinal de contas, é a principal razão para7 se materializarem, têm que fazê-lo num padrão facilmente reconhecível pelas pessoas que os conheceram antes da morte. Ele sempre aparece mais belo do que uma criança terrena e isso enche de júbilo o coração dos pais. Se os pais realmente amam "o filho", podem encontrar-se no astral. Inicialmente, a "criança" aparece exatamente dessa forma, como filho idêntico ao que morreu na terra e renasceu no astral. Mas tão logo os pais podem reconhecer isto, o "filho" reaparece como seu eu natural. Lembrem-se de que, embora tenham um pai e uma mãe nesta vida, eles não são necessariamente os mesmos que terão dentro de seiscentos anos. Vocês podem ter sido pai ou mãe, dependendo do sexo, naturalmente, em uma vida anterior. Na verdade, as pessoas na terra são como atores que entram no palco; vestem-se para se adaptar ao papel que irão representar. Assim, se uma entidade tem que aprender alguma coisa como mulher, seria inútil que descesse à terra como homem. Aparece, portanto, como mulher, e mulher numa classe que lhe permitirá aprender o que quer. "Eu gostaria de saber por que tantas pessoas vêm para este mundo pela primeira vez e encontram fome, pobreza, injustiça, etc., quando não têm débitos anteriores. Neste caso, a justiça cármica seria injusta com eles." Bem, têm de vir de qualquer forma, não? É impossível à pessoa que vem à terra pela primeira vez chegar como rei ou rainha. Podemos chamá-los de "os novatos". Os novos alunos numa escola, e vocês sabem disso, têm um tempo difícil à maioria das vezes. São habitualmente explorados pelos mais velhos e até que tenham "ganho direito à entrada" tampouco são necessariamente populares com os mestres. Se a pessoa começa como aprendiz, recebe os piores trabalhos, tais como limpar as ferramentas, espanar o equipamento, varrer o chão, e tudo mais. E como são apenas aprendizes, não ganham muito dinheiro e podem mesmo passar fome algumas vezes. Isto não implica em dizer que a culpa é do carma com que vieram, pois chegaram à terra pela primeira vez e não têm lá muito carma, certo?

Mas todos temos de começar em algum lugar. Chegando à terra pela primeira vez, a pessoa nasce quase sempre como membro de alguma raça selvagem, uma tribo realmente atrasada, onde lhe aparam arestas e recebe algum treinamento, por mais rudimentar que seja, sobre a maneira como

vivem os seres humanos. Nunca se ouviu falar de pessoa que tenha tido a primeira encarnação na, digamos, Europa ou América do Norte. Talvez surja como membro de uma das selvagens tribos atrasadas da África ou Austrália, um desses lugares onde a denominada civilização mal chegou ainda. Neste caso, ela terá de viver segundo o equipamento que traz, isto é, é de boa ou má natureza? Se for o primeiro caso, sai-se muito bem. Se for tipo desagradável, não se dará bem em sociedade alguma. Como vêem, mesmo nas tribos muito selvagens, uma pessoa de boa natureza aproveita mais do que outra má. Mais tarde, a pessoa encarna em sociedades cada vez mais adiantadas. Por essa altura, claro, ela adquiriu um pouco de carma, não apenas contra, mas também a favor. Um número enorme de pessoas tem a idéia muito tola de que carma é sinônimo de castigo, o que não é, absolutamente. Assemelha-se mais a uma conta-corrente bancária. Se você faz o bem a uma pessoa, põe dinheiro no banco. Se lhe faz mal, retira e incorre em débito. Se está em débito tem um mau carma. Se tem dinheiro, tem saldo credor e isto é bom carma. Se tem bom carma, pode fazer as coisas que quer e também viver do bom carma enquanto não fizer trapalhadas demais, e o bom carma ou saldo credor desaparecer e você entrar em débito, caso em que terá que trabalhar para liquidar a dívida. "Dizem que reencarnamos muitas vezes e que o tempo que passamos no plano astral varia de acordo com o grau de evolução que alcançamos. O número de pessoas, tudo indica, terá que declinar ou estabilizar-se no futuro. Neste caso, o que acontecerá às almas que não podem descer a este mundo material para continuar as reencarnações? Ou terão que permanecer no astral por mais tempo do que o carma realmente permite?" Temos novamente, vêem vocês, esta história sobre o mau carma. Ninguém tem que reencarnar por causa do carma. Reencarna porque quer aprender algo mais. Ninguém vai necessariamente ao colégio para saldar uma dívida. Vai porque quer aprender alguma coisa. Da mesma maneira, vocês vêm à terra porque querem aprender algo. Se quisessem resgatar o carma, no astral poderiam fazê-lo. Há muito a fazer ali e ao praticar o bem vocês o resgatam, muito embora se lá permaneceram. . . bem, vocês continuam a ser "o que eram" e são talvez desistentes da escola da terra. Se quiserem progredir mais, voltem à terra e aprendam algumas lições adicionais de dureza, tolerância, paciência e tudo mais. Entendam bem isto: não voltam à terra simplesmente porque alguém lhes diz que têm que vir, ou vêm e

sofrem porque se comportaram mal. Vêm aprender e, se as condições são um tanto difíceis, não adianta pôr a culpa no bom e velho carma. São vocês mesmos que decidem, as condições são vocês que escolhem. É excessivo o número de pessoas que sente uma satisfação especial em dizer: "Oh, não pude evitar. Meu carma era contra." Claro que há carma, mas também, claro, há contas bancárias. Se têm alguma coisa para vender ou algo que outros querem, ganham dinheiro. Se outras pessoas possuem algo que querem, vocês têm que pagar por ela e isto significa que gastam dinheiro. De idêntica maneira com o carma, se praticarem o bem, vocês depositam bom carma, mas se fazem mal ao próximo, perdem o bom carma e adquirem um carma ruim que terá de ser resgatado em algum tempo e em alguma parte, e não necessariamente nesta terra. Lembrem-se de que há um bocado de mundos diferentes. Vocês irão para eles da mesma forma que, na escola, passam de classe a classe ou de grau em grau. CAPÍTULO 11 É PRECISO CONSERVAR A BOCA ABERTA DURANTE MUITO TEMPO ANTES QUE PARA ELA VOE UMA PERDIZ ASSADA O Ancião bufava, preocupado. Tantas cartas, tantas perguntas. De que modo colocar num único livro respostas que realmente ajudassem as pessoas, pois tal é a finalidade de um livro, não? Ajudar ou divertir. E isto não é um livro de histórias em quadrinhos. Tem a intenção de ajudar e, portanto, passemos à primeira pergunta.

"Não entendo perfeitamente essa coisa do carma. Então tudo o que fazemos afeta outra pessoa, não? Se é assim, todos nós devemos acumular um volume enorme de carma sem saber por quê." Ora, isto não é absolutamente verdade. As pessoas têm as mais estranhas das idéias sobre o carma. Talvez não tenham lido meus livros com a devida atenção. Às vezes, recebo carta, de uma pessoa que escreve cheia de alegria: "Oh, Dr. Rampa, li A Caverna dos Antigos na noite passada e agora vou ler Capítulos da Vida. Consegui ler Você e a Eternidade em duas horas." Ora, isso é apenas uma perda de tempo. Não traz benefício algum ao leitor nem ao autor quando sabe que seus livros são lidos com essa superficialidade. A intenção destes livros é a de serem manuais de estudo. O carma é assunto de vital importância para todos nós e em meus livros vocês têm oportunidade de aprender tudo o que existe sobre o assunto. Significa, em curtas palavras, que se vocês praticam o mal, vocês pagam. Se vocês praticam o bem, alguém lhes paga por isso. Como disse antes, assemelha-se a uma conta bancária. Vocês são como um

dono de loja que tem boas e más mercadorias em suas prateleiras. Se vende algo bom, é pago e sua conta aumenta; se vende algo mau, é pago com cheque sem fundos. Agora entendam bem isto: o que vocês fazem não tem necessária e automaticamente efeito sobre qualquer outra pessoa ou criatura. Tudo depende inteiramente das circunstâncias. Se, por exemplo, vocês apanham uma adaga e a enfiam numa pessoa, não estão, por certo, praticando, um bom ato. Neste caso, vocês terão carma adverso. Mas se fazem algo que produziu um efeito nocivo sobre uma pessoa que nunca viram, um efeito que, por certo, não esperavam, vocês não terão de voltar e compensar a pessoa. Aconselho-os, portanto, a lerem meus livros com mais atenção e aprenderão muito mais sobre o carma. Pergunta: "O que é que estamos fazendo aqui, afinal de contas? Quando sairmos daqui, qual o nosso objetivo? Acho que não é somente o de matar o tempo no astral. O que é que realmente desejaremos fazer no fim?" O Eu Superior em si não pode experimentar desejo, sofrimento, prazer, etc., tal como os conhecemos na terra e, portanto, é necessário que disponha de outro método de reunir conhecimentos. As pessoas na terra são simplesmente extensões suas, com essa finalidade. Suponhamos que temos um saco, que não podemos entrar nele e nem ver-lhe o interior. Se puderem abri-lo o suficiente para introduzir á mão, que é uma extensão dos outros sentidos e tentar o interior do saco, vocês poderão "dizer" ao cérebro o que se encontra dentro. De igual maneira, o Eu Superior reúne informações através das extensões chamadas de seres humanos. Logo que o Eu Superior reúne conhecimentos suficientes e está tão avançado que não deseja aprender mais coisa alguma sobre o ciclo terreno, recolhe os títeres, ou seres humanos, que se fundem com ele e entram em "Unicidade". Trata-se da última forma de existência, porque, muito embora pareça ser apenas uma entidade, cada parte vive em rapport com as demais. Vocês, na certa, já ouviram falar de almas gêmeas. Bem, no plano terreno é impossível que almas gêmeas se reúnam. Ao voltarem ao Eu Superior, as almas gêmeas o fazem e formam um todo perfeito. Vivem em estado de grande felicidade até que ocorre ao Eu Superior que talvez haja uma forma ainda mais alta de conhecimentos que poderia ser investigada. Neste caso, ele envia os títeres, não no plano terreno, mas a outro, superior, repetindose todo o ciclo. Os títeres reúnem conhecimentos através de um período que para nós seria de idades incontáveis. E mais uma vez, quando experiência ou conhecimentos suficientes são reunidos, o Eu Superior

chama os títeres, as almas gêmeas se reúnem mais uma vez em estado ainda mais profundo de felicidade. Eis aqui agora uma pergunta da Srta. Newmann. Diz ela: "De que modo podem ser destruídos os animais para que a morte seja indolor e não haja prejuízo para seus corpos astrais?" A melhor forma é injetar-lhes alguma droga que os leve a perder a consciência. Em seguida, o método de liquidar o animal não tem tanta importância porque não haverá dor. Se ele for inicialmente tornado inconsciente, pode ser morto por alguma droga de efeito rápido e isto não causa dor ao astral nem ao Eu Superior. Há sofrimento para o astral apenas quando o físico é atormentado na morte lenta. Bem, agora temos aqui algo importante, uma pergunta de um jovem que chamaremos "Argie". Ele se reconhecerá por esse nome. Trata-se de um jovem notavelmente brilhante, mas que é também seu pior inimigo. Possui talentos realmente incomuns e não os usa com maior proveito porque quer rebelar-se contra toda autoridade. Argie teve momentos difíceis, quase sempre por culpa sua. Responderemos às duas perguntas de Argie. A primeira: "O gênio em criança. De que modo uma criança se torna um gênio?" Na maioria dos casos, a entidade no Outro Lado, antes de voltar à terra, percebe a existência de alguma tarefa importante e específica. Compreende que após certo número de anos, ela (a entidade) poderá ter que ir embora e que, talvez, possa deixar um "encarregado" em seu lugar. Faz então os seus planos para voltar à terra e nascer num corpo com a memória e a capacidade de fazer o que quer. A entidade, por exemplo, pode resolver que algo precisa ser feito sobre uma certa forma de música e, portanto, desce com uma memória quase intata. Neste caso, logo que fala e se move por iniciativa própria, a entidade descobre que pode compor e tocar. Dizem, então: "Temos um gênio, temos uma criança prodígio." Na maioria das vezes, a pobre criança é posta na frente de uma câmara de cinema ou coisa assim, ou lançada num palco para ganhar dinheiro para pessoas que não sabem o que é que está havendo. E a criança trabalha tanto, ganhando dinheiro que a memória herdada morre aos poucos. Nos casos em que não há espetáculos de teatro ou de cinema, a criança pode tocar divinamente e compor música refinada. Ao alcançar certa idade, digamos vinte anos, a entidade percebe que a tarefa está cumprida e deixa que outra entidade assumo o comando, enquanto ela, a ocupante original, continua sua marcha. Chama-se a isso de transmigração das almas, acontecimento muito mais

comum do que se pensa. A segunda pergunta de Argie é a seguinte: "Por que os negros raramente precisam ser ensinados a tocar instrumentos musicais?" Os negros constituem um tipo especial de gente. Suas vibrações básicas são de tal ordem que vivem "em compasso com a música das esferas". Amiúde, o negro pode cantarolar música que nunca ouviu, apanhar um instrumento musical e tocá-lo, porque tal é sua constituição básica. Existem certas classes de pessoas, como os europeus do Norte, que são muito frios e analíticos. Frigiditas nas suas atitudes. Tal a constituição delas. Já os latinos têm constituição mais calorosa, riem com facilidade e não demoram a espalhar uma piada. Percebem o lado engraçado das coisas — em especial se o infortúnio acontece a outras pessoas. Pois assim são feitos. Os negros têm tido há muitos anos uma vida difícil, uma vida de perseguição, e a única coisa que os sustentou foi a constituição musical, a capacidade de obter conforto e alívio com a "música religiosa". Tais atitudes fazem parte de seus direitos inatos. São parte de sua herança, de sua constituição básica. Os negros são habitualmente muito musicais porque têm uma frequência básica de tal ordem que, subconscientemente, captam música de outras fontes de maneira muito parecida com o pobre homem que usa um aparelho contra surdez e que, às vezes, capta as transmissões do rádio da empresa de táxis local! Bem, continuemos. Eis outra pergunta: "Sou mãe carinhosa de um garoto de cinco anos, e seus livros, autênticos embora, amedrontam-me quando penso no que meu filho e todas as crianças terão que sofrer em virtude de acontecimentos que não podem controlar. Penso nele reduzido a pedaços por bombas atômicas e situações horrendas como essa. As linhas em ambas as suas mãos são abruptamente interrompidas à idade de mais ou menos trinta ou quarenta anos. Posso encontrar algum consolo em seus livros no que diz respeito à minha morte, mas jamais houve mãe, de qualquer religião, que se tenha rejubilado com a morte do único filho?" Ora, a senhora está pressupondo que seu filho será inevitavelmente morto ou mutilado numa próxima guerra, mas lembrese de que, se lhe der uma boa educação e o deixar especializar-se em certas disciplinas, ele poderá ser um dos que serão protegidos. Entristece que a "carne para canhão" seja habitualmente a pessoa de substituição mais fácil, ao passo que, se o indivíduo for um especialista útil ao país, ele será protegido. Dê ao seu filho, portanto, uma educação realmente boa. E, no tocante às linhas da mão, tranquilize-se. Se elas são as únicas indicações do

término da vida do seu filho, nada significam, exceto, possivelmente, mudança de carreira. Nunca acre dite como final que a morte ocorrerá a menos que existam sete indicações confirmadoras. Com grande freqüência, os quiromantes são culpados de negligência criminosa ao dizerem que a pessoa vai morrer, etc., etc., quando as linhas sugerem apenas que ela vai mudar de emprego ou de local. "O senhor sempre alega que a morte e a pós morte são indolores à parte o sofrimento causado pelo julgamento que fazemos de nós mesmos, mas o Barbo Thodol e, especificamente, o Chonyd dizem que o sofrimento será atroz." O Bardo Thodol não foi escrito em inglês. Foi traduzido para esse idioma por algum cristão covarde que alterou um pouco as coisas para ajustá-las à crença cristã no inferno e na danação eterna. Não há inferno nem danação. Isto é apenas uma interpretação errônea, nutrida pelos sacerdotes para fortificarem o próprio poder, mais ou menos da mesma maneira que pais mal orientados ameaçam os filhos de chamar o guarda se eles não se comportarem. Claro que não ficamos felizes quando julgamos a nós mesmos. Realmente, dói quando vemos que grandes estúpidos fomos. O desprezo por si mesmo pode ser coisa infernal, realmente, e justificar bem a descrição de "chamas do inferno". Como pessoa dotada de capacidade total de recordação, afirmolhe, categoricamente, que não há tortura, nenhuma dor atroz, nenhum insuportável sofrimento. "Não renasceram ainda os espíritos que assombram velhas casas?"

Os espíritos que assombram as casas nada têm a ver com as entidades correntes. Uma pessoa, por exemplo, morre em circunstâncias trágicas. Muita energia é gerada na ocasião e a pessoa pode seguir para um plano completamente diferente, e mesmo renascer, enquanto a energia dissipa-se gradualmente sob a forma de assombrações. Acontece a mesma coisa quando se aquece um pedaço de metal. O calor permanece durante muito tempo, após ter sido removida a fonte de calor, embora se dissipe gradualmente. Agora, pensem nisto: é muito possível que a energia da pessoa que morre em circunstâncias extremamente difíceis transforme-se em forma de pensamento que assombra o lugar, e talvez mesmo assombre a encarnação recém-nascida que ocasionou todo o problema. "Renascem os seres humanos algumas vezes como animais? O Bardo parece muito incoerente sobre o assunto, ou será que fui eu que não compreendi?" Não, os humanos jamais renascem como animais e os animais nunca como

humanos. Coisa alguma que vocês fizerem pode transformar um repolho numa vaca nem um rinoceronte numa rosa. Mas já tratei extensamente deste assunto em páginas precedentes. "O que é a força nervosa, por falar nisso? Qual o proveito de falar-nos em força nervosa se não temos idéia do que é?" A força nervosa é a energia que gera o etérico. Devidamente dirigida, pode girar um cilindro de papel, como digo em um dos meus livros. Todos os seres, animais ou humanos, são geradores de eletricidade. A própria terra tem sua força magnética, ou campo magnético, se preferem chamá-lo assim. E da mesma forma que um programa de rádio precisa de uma onda transmissora para conduzi-lo, assim o humano precisa de um etérico, que consista de força ou energia nervosa, que propaga a aura. Esta, por seu turno, origina-se de certas células do cérebro. O alimento que ingerimos entra no sangue. Parte dele, bem misturada com oxigênio, dirige-se para certas células cerebrais altamente especializadas e fornecem nutriente para geração de uma corrente elétrica, que aciona o pensamento através de impulsos. A isto chamamos de força nervosa. Se acham difícil de acreditar, lembrem-se de que podem adquirir um aparelho que consiste de uma caixa de zinco, alguns produtos químicos e um bastão de carbono no interior. Se o ligarem a um pedaço de fio no interior de um bulbo de vidro, do qual tenha sido retirado o ar, faz-se luz, luz elétrica. Conseguem-se eletricidade, portanto, com uma reação química. Nos seres humanos, a eletricidade é fornecida pela reação química ocasionada pelos alimentos que ingerimos. Tenho uma carta aqui do Sr. H. que escreve: "Juntei à presente duas perguntas a que o senhor talvez queira responder. Interessa-me muito a resposta à pergunta número um, e gostaria que fosse tão completa quanto possível. Além da questão da responsabilidade pessoal, que considero muito importante, estou confuso com a questão de identidade pessoal. Isto realmente se resume na definição da palavra "eu". Conquanto compreenda que, de várias maneiras, "eu" não sou o mesmo "eu" que era há vinte anos e, presumivelmente, não serei o mesmo dentro de mais vinte, conservo o sentido de identidade entre os vários "eus". "Apesar disso, se o Eu Superior pode lidar com dez títeres, o que acontece ao sentido de "eu" quando todos os títeres morrem? Continuará o Eu Superior a usar dez títeres astrais e, levando o pensamento ao futuro, o que sucederá se os dez títeres conseguirem libertar-se?" "Num sentido mais particular, muitas vezes me perguntei por que lhe foi necessário escolher uma rota tão tortuosa para a

sua viagem ao Ocidente. Não lhe teria sido possível freqüentar uma universidade na Índia ou na Europa e não poderiam fundos terem sido depositados no Ocidente para seu uso? Muitos dos seus problemas parecem ter sido causados por falta de dinheiro." Bem, Sr. H., vejamos o que podemos fazer para lhe responder às perguntas. Na verdade, acho que a maioria já foi respondida neste ou em livros anteriores, mas deixe-me escrever-lhe uma carta imaginária. "Prezado Sr. H. O senhor está realmente confuso, não? A maior parte de sua confusão nasce do fato de que temos de escrever em termos tridimensionais e de tentar descrever como opera um Eu Superior, digamos, em nove planos dimensionais de existência."

"Diz o senhor pensar que o títere perde a identidade pessoal. Mas, se pensa assim, pode ficar certo de que este não é o caso." "Examine o assunto da seguinte maneira: esqueça tudo mais fora do corpo e suponha para os fins de explicação que o corpo é "compartimentalizado". O cérebro, neste caso, representa o Eu Superior e todo mundo sabe que o cérebro dirige as mãos, os dedos, *etc.* Os dedos representam os títeres. O cérebro pode sugerir que façam alguma coisa. Os dedos, porém, são ainda entidades, ou indivíduos separados, se quiser, e podem sentir que se tornam extremamente hábeis. De fato, em certas ocasiões parece que trabalham por iniciativa própria. "O coração é outro mecanismo que não pode ser controlado (salvo em casos anormais) pelo cérebro-Eu Superior, porquanto se o cérebro, representando o nosso Eu Superior, ficasse irritado, poderia concebivelmente interromper as batidas do coração, o que destruiria todo o mecanismo do Eu Superior e dos órgãos-títeres. O Eu Superior proporciona a substância com a qual é feito o astral humano. Cada entidade ou corpo humano exerce pleno controle e tem inteira opção de ação, contanto sempre que tal ato não ponha em perigo o Eu Superior-organismo humano." "Imagine uma grande empresa com numerosas filiais. O senhor sabe que ela tem um Presidente do Conselho. Existem numerosos chefes de departamento, muitos gerentes gerais à frente das filiais distritais, todos os quais agem sob a própria responsabilidade, enquanto observam a estrutura da política da empresa. Não precisam contar ao Presidente da Junta de Diretores cada pequeno caso nem telefonar-lhe a todo momento para consultá-los sobre decisões que podem tomar." "O Presidente da Junta dos Diretores representa o Eu Superior e os chefes de departamento e gerentes são os títeres." "O senhor pergunta o que acontece quando os títeres morrem, se o Eu Superior,

privado dos dez titeres, fica imobilizado. Quero fazer-lhe uma pergunta: o que acontece se um dos gerentes de filial se aposenta ou é dispensado por algum motivo? A empresa ou a filial não fecha. Em vez disso, um novo gerente, ou títere, é nomeado. E, de qualquer maneira, neste capítulo, e possivelmente no capítulo anterior, já discuti o modo como os titeres voltam ao Eu Superior." "Sim, eu poderia ter tomado o caminho fácil. Poderia ter entrado numa universidade, cercado de sacos de ouro, mas responda-me, Sr. H., que tipo de conhecimento teria eu ganho? Eu seria o reflexo dos conhecimentos de outras pessoas, parte do qual é, reconhecidamente, incompleto. Não teria o conhecimento da vida que tenho hoje, e que é muito doloroso quando se o experimenta. Pode ficar certo disso. Pessoas que se matriculam na universidade e tudo aprendem da maneira fácil meramente absorvem as opiniões dos demais em páginas impressas que talvez estejam anos desatualizadas. Na universidade, o aluno talvez não ouse contestar as idéias de outra pessoa. Aprende-se que é impossível fazer certa coisa, salvo da maneira especificada no manual. Mas o fato é que pessoas que não freqüentaram a universidade simplesmente vão em frente e, de qualquer modo, fazem o impossível." "Royce, da Rolls-Royce, Edison, Ford, e milhares de outros homens muito inteligentes não estudaram em universidades e, portanto, não sabiam que a coisa que queriam fazer era "impossível", não sabiam que o era porque careciam de educação (!) para ler os livros que constituem, realmente, opiniões de outras pessoas. E, assim, Roy, Edison, Ford e outros foram em frente e inventaram as coisas que os manuais consideravam "impossíveis". O estudo na universidade, em conseqüência, pode ser uma desvantagem." "Isto deve ter-lhe respondido a algumas das perguntas, Sr. H., e tenho a esperança de que seus pensamentos estejam agora um pouco mais calmos." Pergunta outra pessoa por que temos doenças e de que modo seria possível diagnosticá-las através da aura. Bem, doenças são de origem interna ou externa. Quando vêm de fora, um germe ou vírus pode ser contraído com outra pessoa e o corpo não tem "culpa" se adocece. Quando temos um caso de doença de origem interna, isto é, quando a doença se origina dentro, os elementos químicos do corpo são afetados porque tudo deriva do pensamento, entrando em ação aquilo que os eletricitistas chamam de força eletromotora. O pensamento é um impulso elétrico. Ao pensarmos, geramos eletricidade. A eletricidade, destarte, é a força eletromotora que põe em funcionamento os músculos ou mesmo al

tera a química orgânica. Se a pessoa se sente frustrada, preocupada, triste, irritada, etc., ou é vítima de uma emoção anormal, os pensamentos geram uma corrente elétrica defeituosa. Talvez não tenha a necessária e correta forma de onda e, porque é defeituosa, envia mensagens erradas às glândulas, cujas secreções se modificam para lidar com os pensamentos e mensagens errôneas ocasionadas pelos pensamentos errôneos. Após algum tempo, a parte mais susceptível é afetada pelas secreções alteradas ou mudado o equilíbrio químico do corpo. Talvez sejam afetados os músculos e a pessoa sofrerá, talvez, de distrofia muscular ou talvez seja algo nos ossos, quem sabe, artrite, ou, se a mensagem errônea causar perturbação no estômago, os sucos gástricos podem tornar-se ácidos demais, excessivamente fortes, e aparecer uma úlcera. Mais perto ainda, se as mensagens são demasiado localizadas e afetam o cérebro, pode surgir um tumor cerebral. Se o aspecto químico pode ser estudado, poderá ser igualmente corrigido por tratamento hormonal ou algum outro tratamento apropriado, curando-se a doença se diagnosticada em tempo. Se lesões extensas demais já apareceram, não poderão ser curadas, embora possam ser aliviadas. Para começar, a pessoa deve corrigir a situação ou emoção que ocasionou o dano, desenvolvendo um ponto de vista mais equilibrado, controlando as emoções, ou criando um novo conjunto de circunstâncias, tais como um novo emprego, um novo companheiro, *etc.*

Tudo isso pode ser visto na aura. Tudo que acontece no corpo transparece na aura. Examinar a aura, assemelha-se a observar uma imagem de radar. Podem-se ver terras ou perturbações atmosféricas muito além do alcance da visão comum. Seja a moléstia de origem interna ou externa, pode ser diagnosticada pela aura. Se a pessoa contrai uma infecção com outra, decorre certo tempo antes que a enfermidade se manifeste substancialmente no físico. Na aura, porém, no exato momento em que agride, a infecção se mostra com grande clareza sob a forma de linhas de tensão. Se a moléstia é de origem "interna", um exame periódico da aura mostrará seu perigo muito tempo antes que o corpo seja seriamente afetado. A doença pode ser também curada antes que se manifeste. Em conexão com este assunto, estive trabalhando nisto durante toda a vida e a maior dificuldade foi sempre levar as pessoas a tirarem a roupa. Lembrome do caso de certa nobre senhora inglesa com quem eu discutia o assunto. Conversávamos e essa senhora muito nobre, que fora casada e tinha família, disse: "Oh! O

senhor quer ver corpos desnudos. Digo-lhe enfaticamente que tudo farei para opor-me a qualquer técnica que exija que a mulher tire a roupa e exponha certas partes do seu corpo." Eu, controlando-me muito, abstive-me de lembrar à nobre senhora que ela teve de expor certas partes do corpo para ter filhos.

**CAPÍTULO 12 SE VOCÊ NÃO ACREDITA NOS DEMAIS, COMO PODE ESPERAR QUE ACREDITEM EM VOCÊ?** O Ancião recostou-se na cama. O sol vespertino começava justamente a esconder-se por trás das baixas colinas, enviando os últimos raios em reflexos de luz sobre as plácidas águas do rio Saint John. À esquerda, a fábrica de papel vomitava ainda nuvens furiosas de fumo a vapor como fazia vinte e quatro horas por dia, escurecendo o céu e poluindo a atmosfera. Para o rio corriam todos os refugos, espalhando incrível mau cheiro no ar de Saint John, um mau cheiro do qual todos se queixavam e sobre o qual coisa alguma se fazia. A neve derretia-se rapidamente. Chegara a primavera, o começo de primavera. Com o sol deitando-se rapidamente por trás das colinas, as aves voavam em rápidos bandos para chegar aos ninhos enquanto ainda havia luz. Diretamente abaixo da janela, Sinjin, um gato telepata, cantava uma canção solitária, convidando as gatas das vizinhanças a virem e serem recebidas. A voz subia e descia, tremendo com a intensidade da emoção. De tempos em tempos, parava, elevava bem alto a cabeça e sentava-se mesmo sobre as patas traseiras como um coelho e escutava atentamente se alguma resposta dizia que seu convite fora aceito. Desapontado por não ouvir sugestão alguma nesse sentido, caiu de quatro novamente e, com a cauda balançando de emoção, recomeçou, como um antigo vendedor londrino anunciando seus artigos, embora nada de "vassouras, panelas, espanadores". O canto dizia coisa diferente: "amor gratuito, venham logo, estou à espera". Automóveis passavam com um rugido e chiados de metal. Donos de lojas e seus auxiliares dirigiam-se com grande élan para os pátios de estacionamento, batiam estrepitosamente as portas dos carros, gritando, "boa noite. . . boa noite", antes de subirem às pressas os degraus na corrida constante para conseguir lugar no elevador. O Ancião recostou-se e pensou no passado, nas dificuldades de vida, nos poucos, pouquíssimos prazeres e nos muitos, numerosíssimos sofrimentos. Vida dura, sim, pensou. Mas, graças a Deus, era a última volta da roda, a última estada na terra. E agora, matutou, praticamente fiz tudo que havia no sótão e até mesmo joguei fora

o lixo. — Não, ainda não — disse uma voz muito conhecida e muito querida. — A tarefa não terminou ainda. Você fez mais do que devia, mas... a tarefa não está ainda terminada. O Ancião voltou-se sobre um dos lados e, à direita, muito perto, viu a figura suprastral do Lama Mingyar Dondup, sorrindo com uma brilhante radiação dourada. — O senhor me deu um susto — disse o Ancião — e gostaria que apagasse as suas luzes agora. Elas me lembram de quando estive na Inglaterra, em Londres. — Oh, o que foi? — perguntou o Lama Myngyar Dondup. — Algo que eu não saiba? — Forçosamente, sim — respondeu o Ancião. — Deixe que eu lhe conte. Eu me encontrava num edifício em South Kensington muito tarde da noite, pensando no escuro, apenas pensando em coisas, meditando e, por algum motivo, não corri a cortina. Inesperadamente, ouvi uma violenta batida na porta do térreo. Com o susto, recuperei a consciência e desci para verificar qual a causa da agitação. Encontrei dois musculosos policiais londrinos. — Senhor — disse o primeiro, um sargento, pelas divisas — o que está fazendo neste edifício? — Fazendo? — perguntei. — Acho que não estava fazendo coisa alguma. Estava simplesmente sentado, para dizer a verdade. — Bem — respondeu o sargento — fomos chamados aqui com toda urgência porque o senhor emitia luzes muito brilhantes pela janela. — Oh — repliquei — tenho certeza que não, mas, se estivesse, seria isso crime? O sargento olhou para o subordinado e, encolhendo os ombros, disse: — Bem, poderia ser. O senhor poderia estar enviando sinais a uma quadrilha, dizendo que o caminho está livre ou qualquer outra coisa. — E tomou uma decisão. — Eu quero dar uma busca neste lugar. Perguntei: — Tem um mandado?

— Não — respondeu — mas se não conceder permissão para dar a busca, deixarei o guarda aqui vigiando-o enquanto saio para conseguir o necessário mandato. Encolhi os ombros e respondi: — Muito bem, façam o que quiserem. E assim os dois policiais andaram pela casa, examinaram cada coisa e, mais extraordinário de tudo, puxaram as gavetas de minha escrivaninha e lhe examinaram o interior. Não tenho idéia do que pensavam encontrar ali. Mas, de qualquer modo, após três quartos de hora, pareceram convencidos e no momento em que saíam, o sargento disse: — Não faça isso novamente, senhor, por favor. Dá muito trabalho. — E foram embora. O Lama Mingyar Dondup riu. — Tudo que você faz, Lobsang — disse — parece atrair a atenção errada. Não posso lembrar-me de outra pessoa que

fosse quase presa por mostrar a aura enquanto medita. O Ancião, parecendo um tanto triste, respondeu: — Então, o senhor pensa que minha tarefa não terminou ainda, hem? Desta vez o que foi que eu deixei de fazer? Replicou o Lama Mingyar Dondup: — Você fez tudo. Não é uma questão do que deixou incompleto. Você fez mais, muito mais do que veio aqui fazer, mas acontece que, em virtude do fracasso de outros, há mais. — O quê? — perguntou o Ancião. O Lama Mingyar Dondup olhou para baixo e tentou suprimir um sorriso ao dizer:

— Talvez outro livro, para formar uma dúzia. Teremos de pensar a esse respeito. Seria, sem dúvida alguma, apreciado. Mas há outra pequena tarefa a ser feita, algo ligado com uma invenção que talvez ainda exploda sobre um mundo surpreso. Durante algum tempo, o Ancião e o Lama Mingyar Dondup discutiram o assunto, mas este não é o lugar para revelar o que foi dito. O Ancião, quase moribundo, com as contas médicas subindo sem parar, além de outras despesas vitais, perguntouse como poderia resistir, mesmo por mais alguns meses. Finalmente, o superastral do Lama Mingyar Dondup desvaneceu-se e a luz minguante do dia envolveu-o novamente. Tempo. Que coisa estranha é o tempo artificial. Pode-se viajar daqui para o mundo astral e voltar num pestanejar de olhos. E, no entanto, aqui na terra, a pessoa vive presa ao relógio e ao movimento do sol, que o controla. Aqui em Nova Brunswick, o sol estava morrendo. A alguns milhares de quilômetros de distância, Valeria Sorock, aquele paradigma de lealdade e correção, provavelmente estaria saindo do escritório e, também provavelmente, pensando no chá. Sim, com toda certeza, pensou o Ancião, Valeria estaria pensando no chá, porque uma de suas fraquezas era que ela pensava demais em aumentos. "Tenho que falar-lhe a respeito da dieta", pensou o Ancião. Na outra direção, as Sras. Worstmanns estariam, com toda probabilidade, escutando rádio em casa em fins da noite, talvez muito tarde, talvez estudando, e talvez uma delas estivesse prestes a entrar de serviço no turno da noite. No aposento do Ancião, Taddy e Cleo, as duas senhoritas, empenhavam-se na diversão vespertina, correndo atrás do brinquedo favorito, este era um belo e macio cinto de um roupão. O Ancião pensou em Taddy e Cleo, que desde que haviam nascido receberam o tratamento de crianças, que tudo fora feito para que sentissem que eram entidades tão importantes como seres humanos. A tarefa produzira os melhores frutos, pois, de fato, as duas eram pessoas reais. De meia-noite até o meio-dia, o

nome da Srta. Cleo era mencionado em primeiro lugar e, de meio-dia até meia-noite, o da Srta. Taddy. Assim, tinham certeza de tratamento absolutamente igual, sem o menor traço de favoritismo. A Srta. Taddy, volumosa, gorda, de aparência satisfeita, adora agachar-se por trás de uma das almofadas de coçar, enquanto a extremamente bela, esguia e graciosa Srta. Cleo salta para cima e para baixo e faz ginásticas felinas totalmente incríveis. A noite, porém, adensava-se. O ar esfriava e havia ainda uma sugestão de geada no ar. No lado de fora, caía o termômetro e as pessoas na rua andavam bem agasalhadas. O Ancião esperara ansiosamente por esse dia, o dia em que terminaria o undécimo livro e poderia afastar todos os pensamentos e dizer: "Nunca mais, acabou, nada mais a escrever, o meu tempo na terra está quase no fim." Mas agora, com a visita do superastral do Lama Mingyar Dondup...

Bem, pensou o velho, não é verdade que a tarefa nunca termina, que a pessoa é levada pela estrada como um carro raquítico até finalmente cair aos pedaços? Eu estou praticamente em pedaços agora, pensou. Mas é assim, o que tem que ser, será, e quando uma tarefa precisa ser completada, não o será até que haja alguém para terminá-la. Assim, pensou o Ancião, preciso esforçar-me para durar um pouco mais e, quanto a escrever outro livro, quem sabe? Talvez valha a pena elevar o número em inglês para doze. "Eu gostaria de dizer a todas as pessoas em todo o mundo", pensou, "que estes livros são autênticos, que tudo aqui relatado é autêntico, e isto é uma declaração categórica!" Assim, chegamos ao fim do que não é, afinal de contas, um dia perfeito, porque a tarefa não foi terminada, resta vencer a batalha final, há mais a fazer e pouco tempo e pouca saúde para fazê-lo. Posso apenas tentar. Aqui e agora, permitam-me manifestar meus agradecimentos mais sinceros à Sra. Sheelagh Rouse, conhecida como Buttercup, pelo imenso cuidado e trabalho com que datilografou meus livros, cuidado e trabalho que aprecio talvez mais do que ela pensa. Permitam-me, ainda, agradecer a Ra'ab pelo cuidado extremo e exatidão com que ela conferiu cada palavra e fez sugestões realmente valiosas. Ela ajudou-me em minha tarefa. E por fim, embora não em último lugar, deixem-me agradecer à Srta. Tadalinka e à Srta. Cleópatra Rampa pelo estímulo e divertimento que me proporcionaram. Estas duas queridas pessoazinhas fizeram com que valesse a pena continuar um pouco mais, pois nunca em seus quatro anos de vida mostraram qualquer despeito, o

menor mau humor, a mais leve irritação. Se os seres humanos fossem tão equânimes e de natureza tão doce como as duas, não haveria problemas nem guerras na terra. Haveria, realmente, a Idade de Ouro pela qual o mundo terá ainda que esperar. E, por último, chegamos neste livro ao momento em que podemos dizer: "Fim".